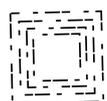


11 confrontos

múltiplas linguagens
discurso e representação

11 contras correntes

múltiplas linguagens: discurso e representação



editora
UEA

PPGI.CH

Governo do Estado do Amazonas

Amazonino Mendes
Governador

Universidade do Estado do Amazonas

Cleinaldo Costa
Reitor

Cleto Leal
Vice-Reitor

*editora*UEA

Maristela Silva
Diretora

Socorro Freitas
Secretária Executiva

Jamerson Eduardo Reis
Editor Executivo

Samara Nina
Produção Editorial

**Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar
em Ciências Humanas**

Prof. Dr. Otávio Rios
Coordenador

Profa. Dra. Veronica Prudente
Subcoordenadora

Responsáveis por este número

Profa. Dra. Neiva M. M. Soares
Profa. Dra. Socorro Viana de Almeida
Profa. Dra. Josenia Antunes Vieira

Comitê científico deste número

Dra. Socorro Viana de Almeida (UEA)
Dra. Maria Evany do Nascimento (UEA- PPGLA)
Dr. Victor Leandro da Silva (UEA)
Dra. Josenia Antunes Vieira (UnB- PPGL)
Dr. Otávio Rios Portela (UEA- PPGICH)
Dra. Silvana Andrade Martins (UEA- PPGLA)

André Yukio Tanaka
Erick Cundiff
Samara Nina
Silas Menezes
Projeto Gráfico

Samara Nina
Diagramação

Nota editorial

A revista *Contra Corrente*, uma criação do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade do Estado do Amazonas, em momento de reestruturação gráfica e editorial, abre ampla janela para a reflexão e para os estudos de Análise de Discurso Crítica, para a Teoria Social Semiótica da Multimodalidade e também para a Semiótica propriamente dita. A pesquisa dos textos na contemporaneidade, com as publicações da revista no formato digital, ensejará o aprimoramento dos estudos nessas áreas, permitindo, ao mesmo tempo, que seja usada pelos estudantes da pós-graduação como significativa fonte de pesquisa. Aqui serão passados a limpo os avanços no uso de recursos semióticos e multimodais no discurso nacional. A revista compõem-se de 8 artigos, todos já apresentados no evento do SDISCON 2017, em Manaus, e de uma resenha de um livro.

Assim, o presente número da revista inaugura o registro dos eventos do Grupo de Pesquisa SDISCON ao mesmo tempo em que retoma a trajetória de edições da própria revista, agora não mais voltada aos temas literários como era o perfil inicial, mas focada em Linguística em suas diferentes áreas. Por fim, a publicação da revista constitui uma parceria entre professores do Grupo de Pesquisa da UEA e de outras instituições, com professores e alunos do PPGCH da UEA e da UnB.

Brevemente, faremos uma apresentação resumida dos artigos deste número da revista. O primeiro artigo trata das representações linguístico-discursivas em texto midiático no contexto político do Brasil, de autoria de Eni Abadia Batista e de Juliana Ferreira Vassolér. Esse estudo defende que as publicações midiáticas usam muitos textos multimodais e que, para compreendê-los, é preciso articular e interpretar a conjunção dos diversos modos semióticos que o texto apresenta com as condições de produção e situá-las no contexto social, histórico e político em que se realizam. Para as autoras, a escrita é uma representação semiótica. Defendem que o texto multimodal é composto por palavras e imagens e outros recursos semióticos que podem ser submetidos a uma análise textualmente orientada (FAIRCLOUGH, 2003), ampliada e interpretada pelas categorias da Gramática de *Design Visual* de Kress e van Leeuwen ([1996], 2006, p. 2).

O artigo a seguir trata da representação do negro no regime escravocrata brasileiro em texto multimodal. O material analisado é baseado em revista de História do Brasil, cujos temas se concentram na escravatura do Brasil. Esse artigo foi produzido por Adelson Florêncio de Barros e Regina Célia Pagliuchi da Silveira. O estudo situa-se na Análise do Discurso Crítica (ADC) e tem por tema as estratégias argumentativas utilizadas pelo produtor de textos multimodais para a representação do negro na sociedade brasileira. O intuito do texto é resgatar

as estratégias argumentativas na composição textual-discursiva e verificar a inter-relação entre as imagens e o verbal, pois o entendimento do texto multimodal apresenta dificuldades para a sua compreensão.

O artigo “Reflexões sobre o Método Etnográfico-Discursivo na Mídia Institucional Pública”, escrito por Rosane Queiroz Galvão e Janaína de Aquino Ferraz, estuda a breve chamada do jornal televisivo institucional com a duração de pouco mais de 1 minuto. Na imagem, após a vinheta de abertura do programa, a apresentadora adentra o estúdio caminhando, com roupa azul-escura, sóbria. De pé, inicia a apresentação: “Olá, eu sou (...) e começa agora a Revista da Câmara e as notícias que foram destaque da semana”. É possível notar, de forma inequívoca, padrões da linguagem jornalística empregada por TVs comerciais tradicionais, inclusive quando a apresentadora entoa bordão bastante característico: “E você vai ver também...” 1112, enquanto se seguem imagens do Plenário da Casa e de outros ambientes institucionais, de parlamentares ao microfone, e cenas corriqueiras do cidadão na cidade e no campo.

“O Novo Ensino Médio em Publicidade do Governo Federal: Análise Discursivo-Crítica e Multimodal” é o título do estudo efetivado por Glaunara M. Oliveira e Neiva M. M. Soares. As autoras examinam a proposta do Novo Ensino Médio (MP 746/2016), causadora de polêmica e mobilizações de muitas escolas e universidades brasileiras. O texto da Ementa traz a Política de Fomento à Implementação de Escolas de Ensino Médio em Tempo Integral. Dá autonomia aos sistemas de ensino para definir a organização das áreas de conhecimento, as competências, habilidades e expectativas de aprendizagem definidas na BNCC. As autoras identificam no estudo da publicidade do novo Ensino Médio que o discurso é formado por relações de poder, principalmente, reveladas em marcadores de validade, característicos do gênero textual analisado, como os processos na modalidade deôntica, que dão à campanha um tom impositivo quanto à necessidade de se aceitar as mudanças que o Governo apresenta para o Ensino Médio.

Denise Teresinha M. Soares de Souza e Neiva Maria Machado Soares no artigo “Novas ou velhas Práticas na Publicidade Aérea Contemporânea?!” examinam as práticas que mudam a sociedade e a sociedade que muda as práticas. Em termos de linguagem, independente da forma semiótica como ela é empregada, isso é muito visível. Isso resulta em novas formas de pensar, de agir, de comunicar e até de vender, visto que o mundo do consumo toma conta de quase tudo o que se faz. O objeto de estudo aqui são as publicidades de companhia aérea. O estudo identifica o surgimento de novos atores – os queridos *pets*. Personagens esses que passam também a ter direito de inserção em outros ambientes, aqui especificamente, na cabine do avião. Daí porque o repensar de novas práticas. Assim,

por meio da análise de textos publicitários, baseados na teoria da Multimodalidade, com o auxílio das categorias da Gramática do Design Visual, percebem que as imagens não são empregadas sem propósitos e nem produzidas aleatoriamente, podendo as estruturas visuais serem lidas da mesma forma que as verbais.

“Diferentes Olhares para a Análise do Discurso Crítica e sua Vertente Sociocognitiva” é o artigo de Regina Célia Pagliuchi da Silveira, que discorre sobre as vertentes da ADC. A atenção volta-se para o uso efetivo da língua, concentrando-se nos estudos linguísticos com inter, multi e transdisciplinaridade, os novos campos de estudos, priorizando o texto e o discurso. Para isso, contribuíram marcadamente a Linguística do Texto, baseada na Gramática Sistemico-Funcional de Halliday (1985) e nas ciências cognitivas (VAN DIJK & KINTSCH, 1983, VAN DIJK, 2012). O artigo indica que o tratamento dos textos multimodais (anúncios publicitários) por múltiplos olhares e que as análises com enfoque crítico e a vertente sociocognitiva trazem boas contribuições analíticas às categorias Sociedade e Discurso, contribuindo para descrever tanto aspectos da composição textual, como da modalidade verbal e visual.

O artigo de Janaína Ferraz e Eduardo Brasil, intitulado “O Muro de Perlin: Que Gênero é esse Esse? Discurso Multimodal e Identidades na Escola Bilíngue – Libras e Português Escrito (EBT)”, concentrou-se no estudo do português escrito por surdos. Os autores concluíram que existe grande dificuldade da Secretaria do Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF) com relação à inclusão do aluno surdo em sala de aula, no ensino regular. Segregados dos demais alunos, sem contato direto com o professor, os surdos são acompanhados por intérpretes que fazem a tradução simultânea dos conteúdos ministrados em sala. Ao longo do estudo, verificaram que efetivamente o muro nessa instituição traz relevantes significações, dado que os alunos surdos se comunicam efetivamente por meio do visual, sem recursos verbais, entretanto ainda não são estáveis como as pichações, os grafites e os murais, gêneros já estáveis, considerando que já empregam recursos semióticos verbais e visuais para sua composição. O muro da EBT é símbolo supremo do gênero mural, com características de carteira de identidade.

A Professora Maristela Silva traz para esta revista o artigo “O Desenvolvimento da Cognição do Professor: Um Panorama dos Estudos dos Construtos”, um estudo bastante relevante, abrangente e complexo, relacionado profundamente aos processos mentais do professor, os quais formam construtos que podem ser compreendidos como elementos conceituais e subjetivos que ajudam a formar a ideia de cognição. Desse modo, pensamento, conhecimento, crenças, entre outros, são considerados construtos da cognição do professor. Assim, pode ser possível explorar a cognição do professor com base na compreensão de seus

construtos, assim como na inter-relação existente entre eles. Os estudiosos da área estimam ser possível avaliar e acompanhar o desenvolvimento mental do professor (PAJARES, 1992; BORG, 1998; BARCELOS, 2006; BORG, 2011). Esse entendimento permite identificar as razões que levam o Professor a certas práticas pedagógicas.

Ao término deste número da revista *Contra Corrente*, apresentamos a seguir a Resenha realizada por Rafael Seixas de Amoêdo da obra de SOARES, N. M. M. *Gêneros textuais em foco: argumentação em textos opinativos*. Curitiba: ed. Appris, 2016.

Inicialmente, Amoêdo apresenta a autora, Neiva Maria Machado Soares, Professora Adjunta da Universidade do Estado do Amazonas (UEA), sendo também Líder do Grupo de Pesquisas SDISCON- Múltiplas Linguagens, Semiótica e Discurso na Contemporaneidade. O livro, ora resenhado, “Gêneros textuais em foco: argumentação em textos opinativos” traz considerações teóricas e analíticas principalmente nas perspectivas da Linguística Sistêmico-Funcional de Halliday (1984) e da Análise de Discurso Crítica faircloughiana (1989; 1992; 1995). A pesquisadora analisa os níveis micro e macroestrutural, proporcionando ao leitor sólida análise dos elementos textuais no gênero analisado, texto editorial, situando-os no contexto social em que estão inseridos. A obra divide-se em três capítulos: o primeiro apresenta o suporte teórico utilizado. A autora discute as concepções de discurso, gênero e texto. No segundo, faz uma contextualização do gênero editorial, fazendo aí uma contextualização das três empresas analisadas: *A Razão*, *Zero Hora* e *Folha de S. Paulo*. No terceiro, faz a análise propriamente dita.

Profa. Dra. Josenia Antunes Vieira (UnB)

Representações linguístico-discursivas em texto midiático no contexto político do Brasil

Eni Abadia Batista (UnB)
Juliana Ferreira Vassolér (UnB)

Não há como negar que a globalização impôs mudanças não só nas estruturas sociais, mas também no modo como as pessoas se empreendem em situações de comunicação. O contexto, de fato, é de mudança e a linguagem acompanha de perto e, de forma dinâmica, se reconfigura em formas multissemióticas. As representações discursivas e de comunicação, em meio às transformações sociais e políticas, têm sido marcadas pelo caráter multimodal que se mostra permeado por elemento tanto visual como escrito, os quais, em colaboração mútua, constroem significados.

Chouliaraki e Fairclough (1999, p. 16) e Kress e van Leeuwen (1996, 2006) apontam que mesmo os textos que são apenas escritos apresentam materiais com componente multimodal, pois podemos observar a forma das letras, cores e outros aspectos que constituem o todo significativo. Para os autores, a escrita é uma representação semiótica. Desse modo, enquanto o discurso pode incorporar as informações implícitas com os aspectos sociais e com os estados emocionais, pode também apresentar significados que são linguisticamente codificados. Nessa perspectiva, as formas de comunicação trazem características que imprimem várias semioses. De acordo com os estudos da Análise de Discurso, o termo semiose sugere a vantagem de que a análise se preocupa com várias modalidades semióticas das quais a linguagem é apenas uma. Semiose é entendida, nessa perspectiva, como um elemento social, uma parte ou um aspecto da vida social (FAIRCLOUGH, 2010, p. 81).

O texto multimodal, portanto, composto por palavras e imagens e outros recursos semióticos pode ser submetido a uma análise textualmente orientada (Fairclough, 2003), ampliada e interpretada pelas categorias da Gramática de Design Visual de Kress e Van Leeuwen ([1996], 2006, p. 2).

Considerando que o texto multimodal se apoia em diversos recursos semióticos para a elaboração do sentido, este texto busca analisar representações visuais como elemento central de significados em publicações midiáticas e discute como os discursos são permeados de metáforas e contribuem, de modo expressivo, para a construção de identidades sociais. Para isso, adota os pressupostos teóricos da Análise de Discurso Crítica de Fairclough ([1996] 2001, 2003, 2010), da Gramática Visual de Kress e van Leeuwen (1996, 2006) e de Metáforas da vida cotidiana, conforme Lakoff e Johnson (2002).

Desse modo, o objetivo fundamental neste trabalho é a análise da página inicial do jornal “ACapa”. Segue o mesmo

enfoque de Batista e Vassolér (2018), quando fizeram a opção de análise de um corpus oriundo desse jornal, seguindo critérios para análise de texto multimodal veiculado, com exclusividade, nas redes sociais de comunicação via web. Os procedimentos metodológicos para o estudo são apropriados a uma pesquisa social e acadêmica de cunho qualitativo, de tradição descritiva/interpretativista a qual é recomendada para o tipo de corpus escolhido e para o desenvolvimento da análise centrada na descrição discursiva dos dados e dos significados dos recursos semióticos disponíveis.

De acordo com Ada M. Matias Brasileiro (2013, p. 49), “[...] análise discursiva é aquela que se ocupa de interpretação dos fenômenos e da atribuição de significados”, portanto, constitui-se adequada para este estudo. Com base nessas diretrizes, optamos por textos de temática com referência a um movimento histórico-político-social para constituir o corpus do estudo.

Contextualização

As duas publicações selecionadas consistem em produções do jornal “ACapa” cujo traço marcante é o uso de metáforas visuais em suas representações linguístico-discursivas com o foco em questões políticas.

Em maio de 2016, o contexto político-social brasileiro foi marcado por grande transformação, devido ao afastamento da Presidente da República após votação no Senado Federal pela admissibilidade do parecer favorável ao processo de *impeachment* e, como efeito, o vice-presidente tomou posse em agosto do mesmo ano. O interstício temporal entre a criação dos textos foi marcado politicamente por inúmeros protestos contra o evento político ocorrido, contra as reformas propostas pelo novo governo e pelas evidências divulgadas sobre corrupção na esfera do governo do país. Contudo, embora tenha iniciado um processo de recessão econômica, nesse período, as manifestações foram consideradas por alguns grupos específicos como menos representativas. É nesse cenário de recessão econômica, crise e apatia política que os textos foram escolhidos como corpus deste texto.

Circuito visual discursivo – contribuições teóricas

Para empreender a análise, algumas proposições teóricas precisam ser demarcadas como a Teoria Semiótica Social Multimodal, a Gramática do Design Visual, a Análise de Discurso Crítica (ADC), bem como o que diz respeito às metáforas, do cotidiano, conforme estudos realizados por Lakoff e Johnson.

Sob a ótica das pesquisas supracitadas, o analista de dados sociais deve observar que, no processo de comunicação explícito por meio de textos divulgados em mídias, a produção costuma carregar aspectos de tendências do próprio autor ou tomar como foco representações que induzem à interpretação

de significados motivadas pelas experiências sociais e políticas em contextos diversos. Assim, as representações são elaboradas com base na relação de colaboração entre um conjunto de signos socialmente compartilhados e os diversos modos semióticos socialmente estabelecidos.

Nesse entendimento, a Semiótica Social, defendida inicialmente por Hodge e Kress (1988) e mais tarde por Kress (2010) que expande para TSSM (Teoria Semiótica Social Multimodal), considerando os significados socialmente construídos por meio de modos semióticos de textos e de práticas semióticas de todos os modos que emergem da sociedade, em contextos diversos e em todos os momentos da história humana. É por essa tendência dos usos sociais de muitos modos para se comunicar que surge a nomenclatura multimodalidade e a pesquisa e análise de textos multimodais.

A perspectiva da Teoria Semiótica Social Multimodal (KRESS, 2010), portanto, indica que os significados são gerados pelo contexto social e organizados em sistemas de representação socialmente instituídos. Assim, todos os textos são multimodais e construídos pelas representações discursivas. Nesse processo circular, encontram-se o nível semiótico da representação que considera o objeto em um dado contexto de situação e de cultura e o nível semiótico da comunicação que examina a expressão dos atores sociais em um determinado encadeamento de ideias dentro de certo contexto.

Kress e van Leeuwen (1996, p. 6) definem representação como um processo no qual o produtor de um signo busca um recurso semiótico que esteja conectado com o seu interesse e com a sua história cultural, social e psicológica, e que esteja focalizado em um contexto específico da produção. (KRESS; van LEEUWEN, 1996, p. 6, tradução nossa).

Acerca do tema, pode ser esclarecido que a multimodalidade compreende a produção de signos e significados como uma ação social realizada em determinado contexto de uso no qual o interesse do produtor determina a forma de representação. É nessa perspectiva que, o estudo que envolve representações linguística e discursiva deve ser considerado como sistema semiótico multimodal, organizado como produto do contexto social. Isso ocorre porque fazem parte dos modos estabelecidos em um campo histórico social e em determinado contexto político pelas estruturas de poder que revelam aspectos ideológicos.

Assim, a produção de textos vislumbra uma riqueza no fluxo de recursos disponíveis como imagens, sons, cores e outros modos de estruturação dos textos os quais exigem novas regras de análise, e nesse círculo visual, a leitura multimodal transcende a semiótica clássica. Apoiada em Kress (2010), Batista (2014, p. 10) escreve que:

a prática de concentrar-se a textualidade nas questões sociais e na sua leitura é princípio básico da Semiótica Social Multimodal bem como da Análise de Discurso Crítica, pois chama a atenção para todas as

formas de significação de atividades do meio social, especialmente no campo da política e das estruturas de poder, nas quais há distintos interesses por parte daqueles que produzem textos.

De acordo com o posicionamento sugerido pela autora, é possível entender que o ponto central da Teoria Semiótica Social Multimodal é o significado implícito nos recursos semióticos utilizados nas produções linguístico-discursivas como processo de construção social, imerso em dinâmicas culturais e ideológicas. Nesse sentido, para o estudo e análise de textos, é necessário observar todas as formas de representações visuais.

Tal como o pensamento de Kress e van Leeuwen e Kress (2010), para Santaella e Nöth ([1997], 2014 p.15), não há representações visuais que não tenham surgido de imagens na mente daqueles que a produziram, do mesmo modo como não há imagens mentais que não tenham alguma origem no mundo concreto dos artifícios visuais, os quais se constituem como formas de linguagem e de comunicação.

Desse modo, as representações tanto no campo visual como discursivo podem ser vistas como descrição ou como simulação da realidade. A função interpretativa desses aspectos seria a relação do leitor com o contexto, que se configura como sistema social de conceituação, no qual os significados são estabelecidos socialmente, impulsionando a criação de novos ícones e o desenvolvimento de representações que instituem cada vez mais novas metáforas.

Para Lakoff e Johnson (2002, p.19), o sistema social de conceituação parte fundamentalmente de recursos utilizados de forma extensa na vida cotidiana e, assim, surgem as metáforas. São construídas por meio de uma imagem mental cujos signos representam o ambiente visual. Os autores explicam que as metáforas não são aleatórias, mas se estabelecem com coerência exteriorizada ao signo e torna-se culturalmente determinada. Assim, a experiência e os valores fundamentais de uma cultura se constituem coerentes com as estruturas das metáforas das quais a sociedade utiliza.

As metáforas para Lakoff e Johnson (2002) classificam-se em: (i) ontológicas, (ii) estruturais, (iii) orientacionais. As metáforas **ontológicas** nos permitem compreender certas experiências e estabelecer relações entre eventos, atividades, emoções, ideias como entidades e substâncias. Permitem uma grande variedade de propósitos, como referir-se; quantificar; identificar aspectos; identificar causas; traçar objetivos e motivar ações, entre tantos outros. Muitas vezes, nem percebemos esses tipos de construções como metáforas, pois elas estão presentes na nossa vida cotidiana.

As metáforas **estruturais**, segundo os autores, são necessárias para relacionar conceitos que compreendem a experiência humana. São tão naturais que, usualmente, são tomadas como evidência de um fenômeno de descrição direta. São usadas para compreender eventos, ações, atividades e circunstâncias da condição humana.

No que se refere às metáforas **orientacionais**, os autores indicam que elas se relacionam com orientação espacial como, por exemplo, em cima, embaixo, dentro, fora, frente, profundo, raso, central, periférico entre outros. Essas orientações espaciais são apresentadas, segundo os autores, como motivadas e transcendentais da experiência física e cultural dos atores sociais a quem se referem. São listadas como uma prática discursiva que se naturaliza na vida cotidiana de uma sociedade como, por exemplo, a expressão “para cima” que significa “feliz”; “para baixo” que pode ser uma metáfora para a situação de “tristeza”. Há muitas expressões com significados estabelecidos pelos discursos que permeiam a sociedade como “consciente” poder estar relacionado a quem está para cima; “inconsciente” a quem está para baixo; cheio de “saúde e vida” pode também significar para cima; “doença e morte” pode significar para baixo; “bom”, para cima; “mau”, para baixo, entre outros. Portanto, pode-se sugerir que as representações visuais e metafóricas sob o olhar dos aspectos semióticos são ideologicamente motivadas socialmente.

Assim, o estudo da construção de discursos nos quais a imagem se funde com a representação semiótica, por meio do discurso verbal, estabelecendo metáforas e criando identidades nas relações sociais que, por sua vez, são motivados por ideologias e por manifestações de poder em conformidade com os estudos de ADC de Fairclough ([1996] 2001, 2003).

Segundo Fairclough (2003), uma análise com enfoque nos significados representacionais deve considerar três categorias básicas: os processos, que se referem ao modo como os participantes agem nos eventos sociais; os participantes, que podem ser representados pessoal ou impessoalmente, como agentes ou pacientes, ou ainda, podem ser nomeados de acordo com a classe ou categoria a que pertencem; além das circunstâncias de tempo e lugar. Fairclough defende que:

Para analisar os textos, sob a perspectiva representacional, é necessário verificar quais processos, participantes e circunstâncias estão incluídos na representação dos eventos observados, quais elementos foram excluídos, aos quais foi dada maior importância; se o evento social está representado de forma concreta ou abstrata e qual é o nível de generalização da representação (FAIRCLOUGH, 2003, p. 135-136, tradução nossa).

Dessa forma, fica claro o entendimento de que a utilização da linguagem na esfera da prática social é determinada por fatores históricos, culturais e das estruturas de poder. É nessa vertente da Análise de Discurso Crítica que tratamos o tema que envolve estudo da linguagem como prática social e, para tal, considera-se o papel crucial do contexto. Demonstramos assim, o interesse pela relação

que há entre a linguagem e o poder e, nessa perspectiva, a linguagem é um meio de dominação e de força social que se dispõe a legitimar as relações de poder estabelecidas institucionalmente. Dessa forma, o discurso seleciona e transforma esses elementos de acordo com os interesses do contexto. Portanto, a transformação do discurso depende do conhecimento dos participantes e é realizada por ações específicas baseadas nas referências intimamente ligadas às experiências e práticas sociais.

O discurso, assim, não só constitui versões de práticas sociais como também legitima ou critica práticas em contextos sociais específicos. Sob essa perspectiva, Kress e van Leeuwen, expandindo ainda mais o conceito de Fairclough, definem o discurso como:

Conhecimentos socialmente construídos sobre alguns aspectos da realidade [...] é desenvolvido em contextos específicos nos quais são sempre apropriados aos interesses sociais dos atores, sejam eles externos (Europa Ocidental) ou não (uma família em particular), contextos explicitamente institucionalizados (jornais) ou não (conversa informal no jantar). (KRESS; van LEEUWEN, 2006, p. 4, tradução nossa).¹

O discurso assim considerado avigora a convicção de que o texto é visto como evento discursivo e concebe significados, advindos das maneiras como ele se configura em práticas sociais e nos modos de representar, de interagir e de ser. As motivações discursivas são constituídas pelas práticas sociais e por meio de elementos que ao ser representados os legitimam, especificamente no que se refere aos efeitos em lutas hegemônicas.

Com essa leitura e sob o entendimento de que o processo de significação faz parte das práticas discursivas e sociais, o campo dos estudos multimodais explora o trabalho intersemiótico entre as modalidades da linguagem e o diálogo com esses significados. Esse é o ponto central para as análises, propondo levar à reflexão de que o que suscita das estruturas visuais pode estabelecer um diálogo com as estruturas linguísticas.

A perspectiva do estudo, enfim, amoldado nesse circuito visual discursivo busca construir um diálogo entre as formas de representação, a Análise de Discurso Crítica e as metáforas do cotidiano. Procura mostrar como os recursos semióticos são utilizados no texto, desvelando os significados e a intenção das escolhas realizadas, pois, mesmo de forma tácita, as representações podem estar carregadas de aspectos ideológicos. Nesse arranjo de significados e de interpretação, o interesse maior na análise empreendida é ressaltar que os modos semióticos ao serem utilizados no texto estão ligados às escolhas sociais, às marcas políticas, às lutas de poder e, por isso, essa tríade teórico-metodológica constitui-se balizadora para a análise dos textos selecionados.

1. “[...] socially constructed knowledges of (some aspects) of reality [...] developed in specific social contexts and in ways which are appropriate to the interest of social actors in these contexts, whether these are very broad contexts (‘Western Europe’) or not (a particular family), explicitly institutionalized contexts (newspapers) or not (dinner table conversation)”. (KRESS; van LEEUWEN, 2006, p. 4).

O corpus e o arranjo dos significados

O corpus para análise foi constituído por dois textos retirados do jornal “ACapa”, sendo que o Texto 1 foi publicado em maio de 2016 e o Texto 2, em maio de 2018, ou seja, dois anos depois. O meio de divulgação de ambos os textos é, portanto, a web. O jornal “ACapa” é visto como precursor de conteúdo atual e criativo, além de trazer temas de grande interesse no meio acadêmico. Como pode ser observado, os textos são curtos e circularam via web, também foram publicados no Facebook e em outras redes sociais, visando o alcance de maior número possível de leitores.

A escolha desse tipo de corpus foi realizada em razão da criticidade desenvolvida no percurso dos estudos acadêmicos e do interesse voltado à opção de desenvolver uma análise centrada na Análise de Discurso Crítica que permite o uso de textos como material de pesquisa. Deve-se também à intenção frequente do analista de discurso de ater-se no enfoque voltado ao modo utilizado para a construção de significados nos textos. As produções selecionadas para a constituição do corpus despertaram certo impacto ao primeiro olhar pelas representações que se realizam por meio de recursos semióticos revestidos de metáforas. São recortes específicos do jornal que foi localizado nos links citados na sequência.

Os meios de distribuição do jornal “ACapa” são a web e as redes sociais, conforme os links:

Facebook – <www.facebook.com/acapabr>;
Instagram – <www.instagram.com/acapabr>;
Twitter – <www.twitter.com/acapabr>;
Tumblr – <www.acapabr.tumblr.com>;
Pinterest – <www.pinterest.com/acapabr>;
Snapchat – <acapabr>;
Email – <acapabr@gmail.com>;
Site - <<http://www.acapabr.tumblr.com>>.

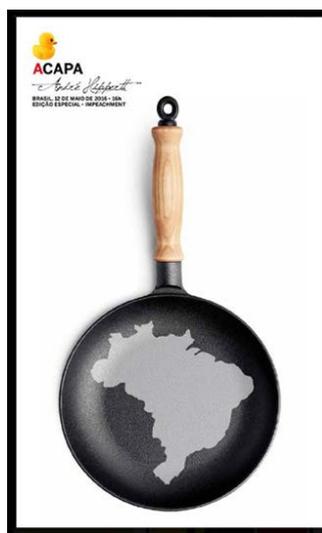
O jornal “ACapa” foi fundado em 23 de março de 2016. Apresenta conteúdo pautado nos acontecimentos atuais da sociedade e, a maior parte deles, com enfoque político, sem abrir mão da criatividade peculiar da expressão visual e também jornalística. Cabe ao leitor inferir conexões entre o conteúdo publicado e a realidade dos noticiários e manchetes de outros jornais. O próprio jornal se descreve como “um jornal sem jornal” e se classifica como “a primeira página que você não vê no jornal que você lê”.

A seguir, empreendemos a análise do corpus selecionado, iniciando à luz da Gramática de Design Visual e seguindo sob as orientações das categorias da Análise de Discurso Crítica e, por fim, apresentamos considerações relacionadas às metáforas da vida cotidiana com enfoque nos significados representacionais, apontados no decorrer da análise.

Análise do corpus

Para o processo de análise do corpus, organizamos da seguinte forma: iniciamos com o Texto 1 - ACapa, 12 de maio de 2016 (Figura 1), na sequência, o Texto 2 - ACapa, 17 de maio de 2018 (Figura 2), e, em seguida, apresentamos o pato amarelo como símbolo de protestos políticos e a logomarca do jornal, conforme sequência abaixo:

Figura 1 - ACapa, 12 de maio de 2016



Fonte: <<https://www.facebook.com/acapabr/photos>>

O destaque no texto de caráter multimodal foi dado à sobreposição das imagens de uma frigideira e do mapa do Brasil, bem como a logomarca do jornal que está ilustrada por um pato de borracha amarelo, além do contraste nas cores vermelho e preto com as quais o nome do jornal foi grafado, enquanto à direita, a ênfase é para o texto verbal transcrito a seguir:

ACapa da histórica quinta-feira, 12 de maio de 2016, estouram como foguetes nas mãos da classe média logo após a queda de uma presidente. Hoje o jornal sem jornal, como estabilidade para um presidente da República eleito no Brasil, publica uma galeria de primeiras páginas, cada uma com a leitura de um jornalista visual brasileiro.

A análise transcorre pelo texto ilustrativo apresentado, o qual foi denominado “circuito visual”, com intuito de maior destaque do tópico ilustrativo. O texto em questão apresenta relação de complementariedade entre a parte escrita e a imagem centrada na frigideira. Entendemos que a imagem se refere a uma representação metafórica conceitual (LAKOFF & JONHSON, 2002) que, no caso, foi usada com a função de fortalecer a ideia de que, com a situação de mudança de governo, denominada pelos militantes de esquerda mais radicais de “golpe”, “o Brasil está frito”, significando na linguagem usual do cotidiano como “encontra-se em

uma situação pior”, sem saída. A denominação aportou-se de parte da classe social brasileira esquerdista que, nesse momento histórico, sentiu-se ultrajada ao ver a queda de poder da presidente eleita como representante de uma ideologia política vista como a mais viável para os menos privilegiados do país e que, até então, carregou o discurso da esperança de uma vida melhor, cuja essência do partido político é a promessa do paraíso do consumo de bens e serviços a que chamam de “justiça social”.

Além disso, outro elemento visual compõe os significados presentes no texto tais como o pato ‘de borracha’ amarelo que ilustra a logomarca do jornal. A imagem do pato amarelo tornou-se símbolo dos protestos desde que foi colocado no espelho d’água do Congresso Nacional com os dizeres “não vou pagar o pato”, na função metafórica conceitual e cultural, contra o aumento dos impostos.

À luz da Gramática de Design Visual (KRESS; van LEEUWEN, 2006, p. 73), as representações se realizam dentro de esquemas específicos. Assim, considerando a orientação dos autores, a exemplo da estrutura linguística, os participantes no texto, incluem-se como “abstratos”, em termos de seres, coisas e lugares em interação, envolvidos em processos que trazem significados particulares a serem apreciados como ação, acontecimento e transformação.

A representação dos participantes, portanto, ao lado de outros elementos composicionais e estruturantes como os processos (verbos) e as circunstâncias (complemento), nos textos multimodais, exercem funções léxico-gramaticais com o objetivo de significar o modo de informar e o que se deseja informar a que se propõem.

Com base nessa concepção, Kress e van Leeuwen ([1996] 2006) apontam em termos de estruturas visuais como **narrativas** e **conceituais**. As narrativas caracterizam-se pela dinamicidade, pois se inserem na experiência material de mundo do fazer e acontecer e as conceituais porque carregam significados nas relações sociais.

De acordo com os autores, as estruturas **narrativas** relacionam-se com as ações dos **participantes** que podem ser coisas ou pessoas e que se caracterizam por estruturas visuais as quais se realizam por meio de processos de ação e de reação, sejam mentais e/ou verbais. Enquanto as estruturas **conceituais** são estáticas, desprovidas de relações espaciais e direcionais, cujos participantes são representados com significações de forma atributivas e a elas podemos atribuir valores. Situam-se na experiência de ser e de existir no mundo, conforme Kress e van Leeuwen (2006, p. 59).

O foco na imagem analisada, dessa forma, se estabelece nos atributos e nas identidades dos participantes e suas características se configuram com base na disposição de sua apresentação em uma relação de parte ou de todo e de detalhamento do pano de fundo, cores e do contexto histórico de criação.

Considerando, então, os conceitos de Kress e van Leeuwen, no texto 1, o participante representado de destaque é a frigideira. Essa representação é **conceitual**, pois evoca um processo simbólico de identidade e de pertencimento a determinada classe social, no caso, a classe média, que adotou na época, as panelas para manifestações políticas. Pode-se inferir que o processo relacional atributivo (fritar) pelo qual os participantes são representados pode sugerir a intenção de atribuir à classe média a responsabilidade pela atual conjuntura política do país, em harmonia com a metáfora visual que apresenta o mapa do Brasil estampado no fundo de uma frigideira. Indica sobremaneira, a evidência de uma situação negativa como consequência do evento do impeachment da presidente em relação à condição social e econômica que a sociedade usufruía antes.

Figura 2: *ACapa*, 17 de maio de 2018



Fonte: <<https://www.facebook.com/603989273084051/posts/1016427788506862>>

Em ambos os textos a representação da metáfora conceitual ocorre por processo simbólico e pelo uso da imagem da frigideira que faz referência ao movimento político e ao manifesto social denominado panelaço.

O panelaço é um tipo de manifestação que foi utilizada pela primeira vez em uma marcha de atores da classe média contra o governo de Salvador Allende, em 1971, no Chile, e também na Argentina, em manifestações contra o presidente De La Rúa, em 2001, com o objetivo de mostrar ao governante que devido às medidas empobrecedoras do governo, as panelas ficaram vazias. No Brasil, o significado de bater as panelas, além de fazer alusão às manifestações dos países vizinhos, demonstrou o desejo de interdição da voz da presidente que não mais agradava os manifestantes.

No que se refere aos recursos adotados pelo designer ao produzir a imagem que se tornou recorte do corpus de análise deste texto, destaca-se pela correlação com a perspectiva crítica da Análise de Discurso na qual a intenção ideológica

manifesta-se como instrumento semiótico de lutas de poder. As manifestações criam forças quando ocorrem de forma efetiva por parte da sociedade, no entanto, percebe-se que os sentidos veiculados, de forma recorrente, enfocam à universalização de interesses particulares projetados no recipiente, “frigideira,” em destaque. Acreditamos que esse sentido macro esteja evidente e representado pelo mapa do Brasil.

A tentativa aí, ao referenciar a classe média, parece ser a de estabelecer e de sustentar relações de dominação diferenciadas para diversas classes mesmo que as necessidades e efeitos sejam direcionados à população do país.

Percebe-se, no texto, por um lado, uma dura crítica à classe média brasileira que se sente, após apoiar o *impeachment*, afetada pela eminente inflação e aumento do dólar. E, por outro lado, a classe que se considera menos privilegiada, movida pela revolta do dito golpe, sente-se afetada pelos cortes adotados pelo novo governo. Com isso, ocorre o que é definido como forma de fragmentação de classes ou grupos sociais, indicando que a representação adotada carrega significados adversos às crenças do autor do texto e de seus seguidores. Isso porque a frigideira foi um recurso utilizado para as manifestações a favor do *impeachment*, o que ocasionou a separação de classes e ideologias e, em consequência, a separação enfraquece os movimentos e impede a constituição de um desafio popular mais efetivo.

O texto como um todo instancia relações entre produtor, produto e observador, podendo ocorrer na forma escritor, texto, leitor, extensivo às formas alusivas à produção e à recepção de texto (KRESS; van LEEUWEN, 2006, p. 114), uma vez que o texto foi produzido em circunstância específica e interessa a grupos específicos. Nesse sentido, no desempenho de seu papel, o produtor constrói a representação que, ao ser interpretada pelo leitor, traduz os possíveis significados apresentados pelas imagens, conforme os contextos sociais em que são utilizadas. Desse modo, as relações de interação significam-se, conforme as realizações visuais, como o contato (oferta ou demanda), a distância social (plano fechado e plano aberto), a perspectiva (frontal, oblíquo e vertical) e valor (natural e sensorial), em acordo com a Gramática de Design Visual de Kress e van Leeuwen (1996, 2006).

Assim, consideramos com as observações que no texto 1 as relações de significados interacionais podem ser observadas a partir do plano aproximado dos participantes representados e da perspectiva frontal da imagem que induzem a uma aproximação com o leitor. Observa-se também que as categorias composicionais mostram vetores que acompanham a direção do cabo da panela no sentido vertical para baixo, uma vez que a maior porção da imagem está na parte inferior da página. Esse direcionamento dos vetores pode evidenciar a expectativa do autor e a decadência da esperança e da justiça social em relação ao que está em curso e ao futuro político do Brasil.

Da mesma forma, no texto 2, o destaque da imagem das frigideiras está em sua dimensão proporcionalmente ampliada em relação aos demais elementos visuais da página. A perspectiva frontal da imagem metafórica da frigideira como objeto em questão parece interpelar subjetivamente o leitor para uma inferência da grafia do número quatro, fazendo alusão ao alto preço do dólar em relação à moeda brasileira. Este arranjo pode indicar uma aproximação entre os produtores do texto e o leitor no que se refere ao contexto social de produção do texto.

A alusão e a crítica voltam-se em ambos os textos aos manifestos da classe média que ocorreram na ocasião do *impeachment* em 2016 e agora, em 2018, o texto 2, indica que, como consequência do evento político, a qualidade de vida e o consumo em dólar como viagens à Disney deverão ser substituídas por viagens nacionais.

Quanto à composição do texto

A composição textual, segundo os pressupostos de Kress e van Leeuwen ([1996], 2006), descreve a organização espacial dos elementos, observando valores informacionais que podem ser representados pelo recurso do enquadramento, moldura; saliência e projeção, com base no posicionamento dos elementos como esquerda ou direita em uma relação de dado ou novo; topo ou base, em relação ao que é real ou ideal; centro ou margem com relação à informação principal e informação complementar; na relação entre os elementos da imagem como interligadas ou segregadas; nas estratégias para dar maior ou menor destaque a certos elementos como tamanho, cores e posicionamento em primeiro e segundo plano.

No que se refere às categorias composicionais que se apresentam na Figura 1, observa-se que o texto é composto por uma sobreposição das imagens de uma frigideira e do mapa do Brasil, sob um plano de fundo branco. A imagem da frigideira está posicionada no centro da moldura, em primeiro plano, enquanto a imagem do mapa do Brasil aparece sobreposta e reduzida e, por consequência, em segundo plano. A centralidade dessa imagem sugere a metáfora da frigideira como informação nova e a informação dada está contida no pato de borracha amarelo que aparece acompanhando o nome do jornal e faz alusão a um dos símbolos dos protestos pelo impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff.

Figura 3 – O Pato amarelo



No texto, a imagem do pato de borracha amarelo representa a marca dos próprios produtores e introduz uma referência intertextual que de forma ambígua interpela um julgamento e valor subjetivo do leitor por meio da menção ao apoio do empresariado às manifestações pró-*impeachment*. De forma irônica, o jornal retrata esta força política como um brinquedo infantil como forma de inserir na agenda do dia a reflexão sobre os desdobramentos destas mobilizações sociais.

Quanto à categoria das cores (KRESS; van LEUWEN, 2006), o contraste entre o plano de fundo branco e a cor escura da frigideira e acinzentada do mapa do Brasil sobreposto parece denotar uma expectativa negativa em relação ao evento político situado no texto escrito introdutório. Além disso, o nome do jornal que aparece grafado nas cores vermelha e preta pode sugerir a inclinação política e ideológica da publicação uma vez que a cor vermelha, no contexto político no qual o jornal foi escrito, associa-se ao partido político de esquerda.

Quanto ao texto escrito, alinhado à esquerda da página apenas revela a circunstância de tempo em que foi produzido (em maio de 2016), espaço (Brasil), autoria (André Hippert) e a temática da edição (*impeachment*).

No texto 2, destaca-se na composição textual a cor branca no plano de fundo, contrastando com a cor escura das frigideiras que formam o número quatro. Inferimos que essa escolha pode ser indício da falta de perspectivas da classe social representada diante do quadro político e econômico do país. O conjunto de frigideiras que formam o número quatro está posicionado no centro da moldura e em primeiro plano, caracterizando-a como informação principal do texto (KRESS; van LEUWEN, 2006).

A imagem carrega também a informação nova sobre a condição econômica da classe média no país e é complementada pelo texto escrito “Com o dólar a beira dos quatro reais, fica mais distante o sonho de Miami”. É o modo adotado pelo autor para atualizar o leitor sobre o valor de câmbio do dólar na data de divulgação do texto. A informação dada aparece no destaque ao trecho “classe média”, que se mostra grafada em cor preta com realce em negrito. Isso pode ser compreendido como uma tentativa de responsabilização desta classe social pela atual condição econômica do país.

Acapa com esse texto intenciona atingir parte da sociedade brasileira que se iludiu com o bater de panelas. O jornal sem jornal alerta com suas metáforas que, com o dólar nesse preço, a opção é levar as crianças para se divertir, com um menor custo, no parque brasileiro Beto Carrero que é um parque temático localizado no litoral norte de Santa Catarina.

Figura 4 – A logomarca



Fonte: <<https://www.facebook.com/603989273084051/posts/1016427788506862>>

O texto se refere à logomarca do jornal e apresenta-se centralizado no topo da página e contextualiza o leitor nas circunstâncias de tempo (maio de 2018) e espaço (Brasil) da produção do texto e está acompanhado do nome do jornal, ainda escrito com a inicial na cor vermelha, cuja logomarca está representada por uma nota de dólar que parece estar “escapando” do enquadramento. Isso sugere que o dinheiro está escapando das mãos da classe social assinalada no texto escrito como a classe média. Cabe ressaltar que, diferentemente do Texto1, não há assinatura de autoria neste texto, indicando que a inclinação política e ideológica exposta no texto é a de toda a equipe de editoração do jornal.

Plano metafórico

Lakoff e Johnson (2002) consideram que as metáforas estão diluídas no pensamento e na vida cotidiana e são materializadas por meio da linguagem. De acordo com os autores, a metáfora reproduz algo presente na consciência, duplica sua representação num contexto diferente do usual e recorre à imaginação para estabelecer a relação semiótica entre o fato apresentado e o contexto de apresentação.

A metáfora consiste, então, em uma imagem mental que envolve processos de assimilação do signo que representa o objeto de referência, em uma relação de significação que ocorre entrelaçada ao contexto e que aciona na mente do leitor concepções da realidade.

Sob essa perspectiva, no Texto 1 em análise, a representação do Brasil estampado no fundo de uma frigideira simula uma relação reflexiva e transitiva da realidade. Os signos em questão remetem a uma imagem mental que direciona a relação metafórica entre a frigideira (panela larga e pouco profunda) e determinada classe social brasileira e reporta às expectativas do desenrolar político do Brasil.

O jornal se identifica com o movimento social articulado pela imagem do pato de borracha amarelo. A apresentação das imagens da frigideira com a estampa do Brasil e do pato amarelo não pode servir como meio de reflexão sobre elas mesmas, mas amparam-se no texto verbal para a construção do significado

metafórico. Ambos, imagem e texto, estão intrinsecamente ligados numa relação de complementariedade.

Segundo as categorias das metáforas orientacionais listadas por Lakoff e Johnson (2002), a que se relaciona ao texto 1 analisado é “ter controle ou força é para cima; estar sujeito a controle ou força é para baixo”. A metáfora estabelecida na imagem sugere que o controle da situação está concentrado na figura da frigideira enquanto a força política encerra-se na representação metafórica do pato de borracha. À figura acinzentada da estampa do mapa do Brasil no fundo da panela cabe a resignação.

A opção, portanto, de utilizar as panelas para fazer barulho como forma de protesto e por meio dessa ação exercer algum controle sobre o contexto político do Brasil é certo, é positivo, é para cima, é a reação que se espera da classe média brasileira. Por outro lado, acionar o pato amarelo da Fiesp como símbolo de protesto representa o potencial de mobilização e a força política do setor empresariado. Isso é para cima, significa atitude positiva, ao passo que conformar-se com a disposição de controle da panela é para baixo, significa uma atitude negativa.

Já no Texto 2, a classe média está para a representação do conjunto de frigideiras como uma simulação da realidade, pois remete a uma relação metafórica entre as frigideiras e a classe média brasileira, reportando também ao “panelaço”, manifestação articulada por este estrato social.² É possível perceber esta mesma tendência no texto 1.

As imagens amparam-se no texto verbal para a construção do significado da metáfora e relacionam simultaneamente a classe média, o valor de câmbio de mercado do dólar à figura central do texto. Essa mesma relação de complementariedade entre imagem e texto nos permite perceber que tanto o jornal quanto a classe média inserem-se no contexto de recessão econômica, pois ambos estão relacionados ao dólar. O jornal caracterizado pela figura de uma nota de dólar voando e o sonho da classe média inferido no texto escrito “o sonho de Miami”.

Entendemos que os significados são estabelecidos nos textos por metáforas que surgem do pensamento, visto que a origem das ideias ocorre por meio de processos cognitivos e se relacionam com a linguagem em movimento cultural. As chamadas metáforas orientacionais, indicadas na obra de Lakoff e Johnson (2002), são relacionadas ao conhecimento construído no cotidiano de cada cultura por meio da relação com a orientação espacial, como, por exemplo, no conceito metafórico de “estar feliz ou de estar bem” a ideia é de “estar no topo ou de estar pra cima” e, quando alguém manifesta que está para baixo, gera o sentimento de que “está triste” como no exemplo da metáfora visual do texto em análise indicando que “o Brasil está frito”, o que significa, no conhecimento comunicativo do cotidiano brasileiro, que está “para baixo”. Desse modo, confirmamos que as experiências e as práticas

2. Conferir Batista e Vassolér (2018).

discursivas do contexto social e político brasileiro contribuem com os conhecimentos para a análise das metáforas voltadas às ideias abstratas extraídas do texto.

A metáfora orientacional surge nessa percepção, no texto imagético, em forma de uma analogia realizada pelo conhecimento de mundo como, por exemplo, quem estiver livre das consequências do sistema político está em alta ou “para cima” e quem se sentir afetado pelas medidas e pela alta do dólar está “para baixo”. Assim, a metáfora estabelecida na imagem sugere que a classe média não está isenta dos problemas que assolam o contexto socioeconômico do país. Isso porque, embora tenha sido apontada como articuladora, por meio do pannelo, de manifestações políticas, também foi afetada, pois os produtores acreditam que as mudanças resultaram em consequências econômicas negativas para as classes sociais que viajam para fora do país, sugerindo que essa é uma prática social da classe média.

Por outro lado, o texto escrito complementar à imagem propõe uma metáfora cultural que, segundo Lakoff e Johnson (2002), prioriza o sistema de valores de uma cultura dominante. Esses valores orientam diferentes prioridades de acordo com as subculturas em que se vive. Tal sistema de valores está sempre em harmonia com os conceitos metafóricos que orientam a vida cotidiana. Assim, o texto “o sonho de Miami” está associado ao sucesso da classe média e ao prestígio e ao progresso econômico do país, afinal, gastar dinheiro tem prioridade sobre poupar.

Em suma, as metáforas escolhidas pelos produtores do texto põem em xeque a conscientização política da classe média brasileira, evidenciando a superficialidade de seus valores culturais.

Considerações

As publicações midiáticas fazem frequente uso de textos multimodais e para compreendê-las é preciso articular e interpretar a conjunção dos diversos modos semióticos que o texto apresenta com as condições de produção e situá-las no contexto social, histórico e político em que se realizam.

O modo como essas representações se constituem no plano verbal e visual costuma ser permeado de recursos semióticos carregados de metáforas advindas de ideologias as quais contribuem para a construção e para a identificação de identidades sociais a eles relacionados. Dessa forma, os recursos utilizados no corpus analisado induzem aos processos ideológicos de poder, evidenciando um contexto de manifestação política, tanto dos produtores do texto quanto dos receptores. Este poder foi observado na articulação das metáforas com as representações imagéticas e linguístico-discursivas em um contexto social durante e pós o evento político do *impeachment*, envolvendo uma relação de complementariedade crítica de significados.

O contexto de significação, tanto de metáfora visual eminente quanto de informações implícitas no texto escrito, evoca o movimento de manifestação na conjuntura histórica de saída da presidente e, a consequente posse do novo governo. Como em um turbilhão de manifestos sociais, foi possível observar uma ambiguidade de significação, pois, no Texto 1, a evocação do panelaço e das manifestações populares por meio da frigideira e do pato de borracha coloca o país, ilustrado pelo mapa, em uma circunstância de conformação. Enquanto no Texto 2, os recursos semióticos articulados levam o leitor à ideia de responsabilização de determinada classe social pela condição econômica do país, afinal, nos termos do próprio jornal, “é um tapa na cara da classe média brasileira”, quer dizer, “agora vocês estão pagando o pato”, a forma metafórica de uso de linguagem cotidiana quando se refere ao pagamento de um preço alto como uma forma de atribuir responsabilidade ao outro por determinada falha.

Com as análises, foi possível entender, portanto, que os textos querem reforçar a ideia de que uma parcela da população brasileira, caracterizada pelo seu poder econômico como classe média é colocada em evidência, em detrimento das classes sociais menos favorecidas. A classe média nesse texto foi apontada, de forma dissimulada, como participativa no processo de *impeachment* e como consequência, ela também sofre com a necessidade de redução de despesas e de cortes, devido à atual crise que assola o país.

A produção do jornal “ACapa” pode ser interpretada também como um modo de exclusão do outro, ou seja, a população do país se divide em uma parte formada pelos que compõem a classe média, os manifestantes a favor do *impeachment*; e a outra parte formada por aqueles que apoiaram a presidente e, em forma de protesto, imputam à primeira certa responsabilidade pela decadência do poder econômico, uma vez que incitou o movimento panelaço, contribuindo para a concretização do *impeachment*.

Enfim, de acordo com a análise realizada, os textos expõem representações conceituais por meio de metáforas evidenciadas nos recursos semióticos utilizados. No primeiro texto, a figura do mapa do Brasil ao fundo de uma frigideira, faz alusão à expressão “estamos fritos” trazendo um sentido negativo e, no segundo texto, a atenção dada à situação econômica do país indica que a contínua valorização do dólar ocorrida no mercado financeiro tem afetado a vida das famílias de classe média que torceram e se manifestaram a favor do *impeachment*. Ambos os textos podem contribuir para indícios de uma sociedade marcada pelo contexto sociopolítico e econômico do país e com a ideia de que as manifestações populares contribuíram para alargar divisões entre classes sociais da população brasileira.

Referências

ACAPABR. Disponível em < <http://www.facebook.com.br/acapabr>>. Acesso em 16 de julho de 2018.

BATISTA, E. A. *Identidades de docentes brasileiros e suas representações discursivas em charges*. 191 páginas. Tese de Doutorado em Linguística, Universidade de Brasília (UnB), Brasília. 2014.

BATISTA, E. & VASSOLÉR, J. (1). O que cabe na panela? Representações linguístico-discursivas em contexto político. *Discursos Contemporâneos em Estudo*, 3(1), 91-112. <http://periodicos.unb.br/ojs311/index.php/discursos/search>. 2018. Acesso em 02 de agosto de 2018.

BRASILEIRO, A. M. M. *Manual de produção de textos acadêmicos e científicos*. São Paulo: Atlas, 2013.

FAIRCLOUGH, N. *Analysing discourse: textual analysis for social research*. London, New York: Routledge, 2003.

_____. *Discurso e mudança social*. Tradução de Izabel Magalhães. Brasília: Editora Universidade de Brasília - UnB, [1992], 2001.

HALLIDAY, M. *Language as Social Semiotic: the social interpretation of language and meaning*. London: Arnold, 1994.

KRESS, G; VAN LEEUWEN, T. *Reading images: the grammar of visual design*. London: Routledge, [1996] 2006.

_____. *Multimodal Discourse: the modes and media of contemporary communication*. London: Arnold, 2001.

KRESS, G. *Multimodality: a social semiotic approach to contemporary communication*. New York: Routledge, 2010.

LAKOFF, G; JOHNSON, M. *Metáforas da vida cotidiana*. São Paulo: Mercado de Letras, 2002.

MACHIN, D.; van LEEUWEN, T. Global genres. In: MACHIN, D.; van LEEUWEN, T. *Global Media Discourse: a critical introduction*. London and New York: Routledge, 2007.

RAMALHO, V.; RESENDE V. M. *Análise de discurso (para a) crítica: o texto como material de pesquisa*. São Paulo: Campinas, 2011.

SANTAELLA, L.; NOTH, W. Imagem como representação visual e mental. In: SANTAELLA, L.; NOTH, W. *Imagem: cognição, semiótica, mídia*. São Paulo: Iluminuras, 2014.

van LEEUWEN, T. A representação dos atores sociais. In: PEDRO, E. R. *Análise Crítica do Discurso: uma perspectiva sociopolítica funcional*. Lisboa: Caminho, 1997.

VIEIRA, J. A. Novas perspectivas para o texto: uma visão multissemiótica. In: *Reflexões Sobre a Língua Portuguesa: uma abordagem multimodal*. Petrópolis: Vozes, 2007.

A representação do negro no regime escravocrata brasileiro em texto multimodal

Adelson Florêncio de Barros (PUC-SP)
Regina Célia Pagliuchi da Silveira (PUC-SP)

Introdução

Este texto está situado na Análise do Discurso Crítica (ADC) e tem por tema as estratégias argumentativas utilizadas pelo produtor de textos multimodais para a representação do negro na sociedade brasileira. Objetiva-se: resgatar as estratégias argumentativas na composição textual-discursiva e verificar a inter-relação entre imagens e o verbal. O texto multimodal apresenta dificuldades para a sua compreensão, por ter sido o letramento, por muito tempo, direcionado para o texto verbal, razão essa que terá a necessidade em investigar a produção desses textos.

Kress e van Leeuwen (1996), preocupados com a multimodalidade, ao tratarem da mudança social ocorrida, durante a pós-modernidade, definem o texto multimodal como um produto do discurso, visto como uma ação, que combina o verbal com imagens e cores em uma semiose. Com a mudança social, os textos multimodais são colocados em uso por modos semióticos que se inter-relacionam de várias formas; assim, as representações verbais e visuais não podem se equivaler, pois completam-se ou mesmo contradizem o verbal. Frente ao exposto, justifica-se a pesquisa realizada. Além disso, as relações gramaticais funcionam ideologicamente, pois as representações contidas nelas são significativas e contribuem para a reprodução da ideologia e suas relações de dominação social, que a ADC objetiva denunciar.

O material analisado é constituído a partir de uma revista de História do Brasil, tematizadas pela escravatura no Brasil. O método é qualitativo com um procedimento teórico-analítico. Para exemplificação, apresenta-se a imagem de capa da revista impressa *História em Foco – História da Escravidão - Ano 2, número 3 – 2017*, tendo como texto base uma imagem do artista Jean-Baptiste Debret, intitulada “O jantar”³. A revista trata da divulgação científica que se instaura com a intersecção os discursos: científico, jornalístico e propagandístico. Os resultados apresentados são parciais e participam de uma pesquisa mais ampla sobre as representações discursivas, ideológicas e culturais da escravidão brasileira.

Considerações teóricas: Análise do Discurso Crítica

A ADC analisa textos concretos, curtos e longos de interação social e caracteriza-se por uma visão crítica própria e específica para focalizar a relação existente entre

3. Também disponibilizada no site www.loja.editoraastrol.com.br.

a linguagem e a sociedade, além da relação existente entre a própria análise e as práticas sociais e discursivas analisadas. Dessa forma, a ADC focaliza, de modo multi e transdisciplinar, as relações entre sociedade e discurso, de acordo com Fairclough (2001), tendo por ponto de partida a dialética entre o social e o uso individual e intencional da linguagem.

A visão crítica está centrada em problemas sociais e busca analisá-los tanto em relação aos elementos das práticas sociais quanto aos das práticas discursivas, responsáveis pela produção interacional de textos. Para tanto, a argumentação é a arma mais útil do poder.

A vertente semiótica social

A semiótica social, representada por Kress e van Leeuwen (1996, 2001) preocupa-se com a análise de textos multimodais, compostos com imagens, cores e múltiplos modos de representação semiótica, bem como o verbal e não-verbal. Logo, escolha, saliência e localização de imagens e enunciados verbais obedecem a uma gramática, orientada pelas práticas discursivas responsáveis pela produção dos textos, gerando metáforas visuais.

Essa gramática tem sua origem no resultado de uma solicitação contínua por métodos de análise para se entender a linguagem visual como um modo semiótico para operacionalizar a descrição das possibilidades concretas e sistemáticas de todos os significados veiculados na peça discursiva, a fim de revelar as estratégias que constituem o texto. Todas são interdependentes e todas têm uma motivação social e ideológica.

A Gramática do Design Visual – GDV, proposta por Kress e van Leeuwen (1996), é a descrição de como se organiza a sintaxe visual a partir da seleção, produção, organização e adaptação de uma série de recursos semióticos motivados socialmente.

Segundo Fairclough (2001, 2008), a prática discursiva se realiza como forma linguística, ou seja, como texto. Assim, a análise de um discurso como prática discursiva dá atenção aos processos de produção, de distribuição e de consumo do texto.

A multimodalidade decorre das mudanças que têm ocorrido no cenário interacional da comunicação onde se verifica uma profunda dinâmica no sistema de mídia e nos modos de representação e de comunicação, bem como no seu sistema de valorização.

Kress e Van Leeuwen (1996) afirmam que a modalidade visual se baseia em padrões de realidade, determinados cultural e historicamente, e não na correspondência objetiva entre a imagem visual e a realidade, definida independentemente, pois uma determinada imagem contém um grande número de informações representacionais, composicionais e significações interativas.

10 texto multimodal

Kress e van Leeuwen (1996) explicam que a pós-modernidade não é globalização. Existe uma diferença entre modernidade e globalização. A pós-modernidade apresenta outras características. A modernidade ela é globalizante, foi o momento onde se fundou todas as comunidades internacionais, nacionais e territoriais. O movimento globalizante começou com os portugueses na época da navegação. A globalização é divulgar as individualidades para elas se tornarem sociais globalizantes, mas com a invenção das altas tecnologias, as pessoas deixaram de ser globais. Inicialmente, elas se globalizaram na informação, mas depois elas passaram a ser isoladas, comprometendo a intersecção social. Antes, até a modernidade, existia texto multimodal, porém esses textos multimodais, as imagens e as cores, reproduziam o verbal, mas, na pós-modernidade, mudou. Os autores verificaram que os textos verbais conseguem representar em língua certas coisas, mas outras não.

Segundo a Teoria da Multimodalidade, os textos são considerados multimodais conforme realizam sentidos múltiplos. Kress e van Leeuwen (1996) traçam quatro domínios da prática, na qual os sentidos são predominantemente realizados: Discurso: são conhecimentos da realidade socialmente construídos. Design: é a conceitualização da forma dos produtos e dos eventos semióticos no entremeio entre o conteúdo e a expressão. Produção: é a articulação na forma material dos produtos e/ou eventos para produção material real do produto, envolvendo nesse processo: habilidades tecnológicas, manuais e visuais. Ao se inserir a habilidade discursiva e a dimensão ideológica no processo de produção, a prática discursiva ideológica passa a ser envolvida por três níveis: os processos de produção, distribuição e consumo de textos. Distribuição: é a divulgação dos produtos e dos eventos semióticos.

Na capa da revista selecionada e, a título de exemplificação, há um quadro que não está tratando da escravidão, pois a representação desse quadro está centrada na imagem e emoldurada com o verbal, mostrando que essa atitude não procede, pois o verbal modifica o visual.

Na perspectiva historiográfica, os produtores da revista estão se referindo a qualquer sistema escravocrata brasileiro, mas no intertexto eles citam Debret. Assim, ao analisar a composição dos textos multimodais, deve-se considerá-los como um produto de vários recursos semióticos e, sequentemente, estes podem ser analisados separadamente ou em conjunto, suas partes vistas como interagindo ou afetando as outras.

Cognição, sociedade e discurso segundo a vertente sócio-cognitiva

Para van Dijk (1997), há uma inter-relação entre três categorias para uma análise crítica do discurso: Sociedade, Discurso e Cognição, pois uma se define pela outra. Nesse sentido, todas as formas de cognição social e individual são construídas no e pelo discurso, em uma dialética, na medida em que o social guia o individual e este o modifica. A sociedade é constituída de grupos sociais que se diferenciam entre si pelas suas cognições sociais.

Segundo Silveira (2009), a ideologia e a cultura são conjuntos de valores contidos nas crenças sociais. A diferença entre elas é que a cultura compreende um conjunto de crenças cujos valores são construídos socialmente pelo vivido e experienciado pelas pessoas; e ideologia é um conjunto de valores imposto pelo poder aos grupos sociais com o objetivo de marginalizar pessoas e grupos sociais para haver a manutenção do poder.

Desde que as formas de conhecimento são construções mentais, elas são produzidas na memória de trabalho de longo prazo e armazenadas na memória das pessoas. Kintsch e van Dijk (1983) tratam das estratégias de compreensão discursiva, a partir do modelo de memória por armazéns que diferencia as memórias em de curto, de médio e de longo prazo.

O Discurso é definido como uma prática social, selecionada pelo grupo social, cujos textos-produtos estão em uso. Van Dijk (1997), ao inserir a categoria Cognição na inter-relação das categorias Sociedade e Discurso, para a ADC, afirma que todas as formas de conhecimento são construídas no e pelo discurso.

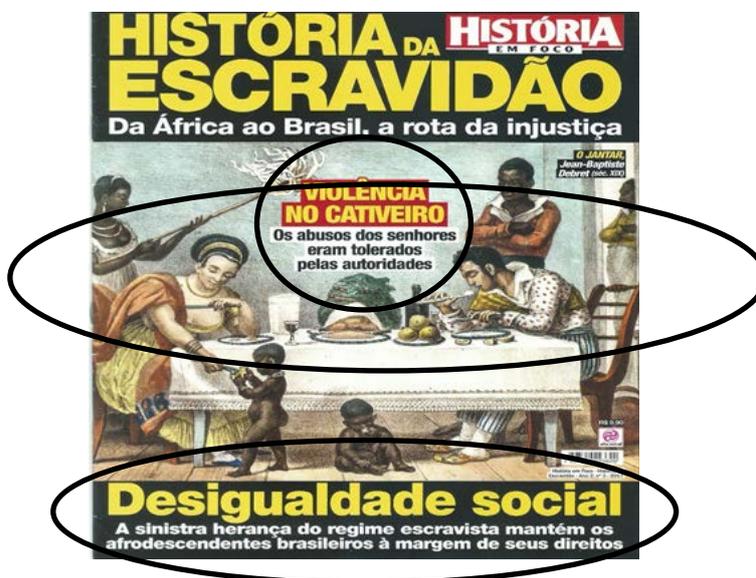
Há discursos públicos e eventos discursivos particulares. Os discursos públicos são definidos como prática social e esquematizados por um contexto discursivo mental que se define por participantes, suas funções e suas ações. Para van Dijk, há três categorias para analisar de forma crítica os discursos públicos: Poder, Controle e Acesso.

Corpus e procedimentos

A partir dos objetivos propostos, o corpus selecionado, a título de exemplificação, encontra-se constituído por uma capa de revista que também representa e é utilizada como uma imagem publicitária retirada da revista impressa *História em Foco*, da Editora Astral, cuja matéria de capa versa sobre a “História da Escravidão – Da África ao Brasil, a rota da injustiça”, O composta pela imagem do artista Jean-Baptiste Debret, intitulada “O jantar” do século XIX. Essa revista é de divulgação científica que se define pela intersecção do discurso científico com o discurso jornalístico e o propagandístico.

Cabe mencionar que no que diz respeito ao discurso jornalístico, tem-se a manchete “História da Escravidão” e a linha fina “Da África ao Brasil, a rota da injustiça”. No discurso propagandístico, a manchete e a linha fina são utilizadas como foco de atração do leitor, atraindo o interlocutor para ser consumidor da revista.

Figura I – Capa da Revista



Fonte: História em foco – História da escravidão – Ano 2, nº 3 – 2017.

No texto exemplificado, a composição espacial segue a distribuição das imagens e cores com o verbal. O texto multimodal selecionado é construído com o quadro, a “História da Escravidão – Da África ao Brasil, a rota da injustiça”, que está disposto no centro da página; acima e abaixo da imagem, nesse quadro, está o texto verbal. Segundo Kress e van Leeuwen (1996), no aspecto composicional, o que está em cima representa o “ideal”; em baixo, o concreto, o “real”. Neste caso, o ideal está presente em “Da África ao Brasil, a rota da injustiça”. E o concreto é a “Desigualdade social” e que veio historicamente da relação dos senhores e escravos.

A capa da revista é construída com uma estratégia argumentativa de apresentar o sentido mais global que agrupa todos os textos publicados: “História da Escravidão”. Trata-se de uma revista de historiografia, e o produtor vai utilizar a imagem de Debret, que está modificada pelo historiógrafo, e passa a representar, também pela intertextualidade, a escravidão como injustiça; violência, que causa desigualdade social sofrida pelo negro escravo no Brasil e produziu, durante todo tempo da escravidão, uma sinistra herança do regime escravocrata, a prática de preconceitos sofrida pelo negro ainda na atualidade.

O texto tomado é um texto multimodal historiográfico e apresenta a sua composição com os intertextos artísticos e historiográficos. O visual é artístico e o verbal é historiográfico. O presente texto imagético é contraditório com o texto

verbal. No alto, o produtor apresenta como manchete a diferença entre as lexias “História da Escravidão”, seguidas de linha fina com informações históricas da escravatura. No centro está situado o **segmento 1**: “A violência no Cativo – Os abusos dos senhores eram tolerados pelas autoridades”. As várias atrocidades e perversidades sofridas pelos negros africanos no Brasil eram legitimadas e praticadas pela Igreja, pelos seus senhores e pelas demais autoridades que faziam parte da estrutura social da época.

Embaixo, segundo Kress e van Leeuwen, está situado o concreto, ou seja, fatos ocorridos e vivenciados socialmente, apresentados no - **segmento 2**: “Desigualdade Social”. As imposições, trabalho árduo chegando a 18 horas por dia, maus tratos, castigos de todos os tipos, eram relegados à condição de animais, usados e abusados por meio de sua força produtiva, a procriação para engordar o capital do senhor, objetos sexuais e fadados a morrerem em tais condições sem esperança da tão sonhada liberdade. Dependendo do papel social atribuído na estrutura social, o negro pode ser representado com valor positivo ou negativo, mas sempre inserido e representado enquanto símbolo da desigualdade social.

Já o **segmento 3**: “A sinistra herança do regime escravista mantém os afrodescendentes brasileiros à margem de seus direitos” explicita a relação do regime escravista e a condição dos negros escravizados trazidos para o Brasil. Embora o regime tenha teoricamente sido extinto com a assinatura da lei Áurea em 1888, o racismo perdura em suas várias faces e formas de representação. O substantivo “herança” pode ser analisado pela perspectiva positiva e negativa a partir do ponto de vista do analista. **Contexto 1**: como valor positivo, em se tratando das várias contribuições afro na construção e desenvolvimento cultural, linguístico, físico, gastronômico e social, ou seja, como uma das bases da constituição da sociedade brasileira. **Contexto 2**: como valor negativo, ao se considerar o olhar e concepção racista enquanto depreciador da cultura e dos bons costumes, corruptores da moral e da família, considerados ainda, sujeitos transgressores de toda ordem.

Todos os seguimentos que se encontram abaixo da página representam o concreto, ou seja, o acontecido, experienciado e vivido pelos brasileiros. O produtor do texto usa a estratégia de redução e expansão de informações para construir para o seu público alvo os sentidos mais globais que se pretende que o leitor construa. Trata-se, portanto, de uma estratégia persuasiva para levar o outro a aceitar a opinião do editor da revista de divulgação científica que se define pela intersecção dos discursos da história, do jornalismo e o da propaganda.

- o discurso da História, científico, tem por macroato de fala <<fazer –saber>> as descobertas da pesquisa científica;

- o discurso jornalístico, tem por macroato de fala <<construir a opinião para o público>> a respeito da escravidão no Brasil;

- o discurso propagandístico tem por macroato de fala <<fazer o interlocutor ser consumidor>> da opinião e comprar a revista.

A argumentação, no texto multimodal exemplificado, é orientada por esses três macroatos⁴ de fala inter-relacionados, de forma a obter o consumo da revista em circulação nacional ao mesmo tempo que se consome a opinião do editor e a descoberta realizada por historiógrafos.

Em sua composição, no alto da imagem, há o título “História da Escravidão – Da África ao Brasil, a rota da injustiça” que são, em síntese, os segmentos verbais que se encontram na margem inferior da capa da revista e a margem superior, na linha vertical, apresenta uma unidade semântica. Estrategicamente, ao se trazer para a página de rosto os segmentos analisados acima, o produtor dessa multimodalidade argumenta para seduzir o interlocutor/leitor a ler o conteúdo da revista, pois cada um dos segmentos apresenta um resumo dos principais capítulos que compõem o volume dessa revista.

Em outros termos, os segmentos que se encontram são organizados pelos moldes do texto jornalístico: manchete e linha fina. Para que haja a construção da opinião, o texto guia o leitor na construção dos sentidos pela manchete e pela linha fina, de forma a construir argumentativamente a opinião para o leitor. Assim, a linha fina é um texto produzido pelas pessoas do corpo da revista e ao construí-lo é transmitido algum valor opinativo. A opinião é uma forma de conhecimento que tem valor positivo ou negativo na composição do texto para o leitor. A linha fina progride o texto da manchete de forma a persuadi-lo a ler no texto expandido aquilo que o editor quer.

A argumentação e a disposição espacial “no centro”

No centro, está situada, em toda a dimensão da página, o quadro de Debret. Este é expresso pela pintura por meio de imagens e cores distribuídas na linha horizontal de forma a expressar o “dado” e o “novo”.

Segundo Kress e van Leeuwen (1996), à direita, na composição da imagem, situa-se a informação nova, nesse caso, constitui-se pela omissão a todo e qualquer comportamento praticado pela esposa do senhor de engenho, bem como qualquer posicionamento ou conduta negativa e esta é construída argumentativamente por uma saliência em relação ao fundo. À esquerda, o “dado”, nota-se uma negra escrava no papel de mucama abanando sua senhora que está sentada e vestida com ricas vestimentas, muito bem adornada com colar, pulseiras, arranjo no cabelo e um leque em suas mãos, dando comida a uma criança negra e sem roupa, deixando entender uma relação confraternizante entre senhores e escravos.

À direita, há, ainda, dois negros, em ricos trajes – o que os diferencia dos negros da senzala – postados em posição

4. A teoria dos atos de fala teve seu início com os trabalhos do filósofo inglês John Langshaw Austin (1911-1960) e foi levada adiante por John Roger Searle (1932-) e, de certa maneira, por Jacques Derrida (1930-2004). Austin trabalhou nesta perspectiva e suas teses se encontram, principalmente, nos textos *Other Minds* (1946), *Word and Deeds* e *How to do Things with Words* (publicado postumamente em 1962) e elas versam sobre os usos da linguagem, principalmente sobre a interpretação de questões, exclamações, comandos, ou seja, sobre enunciados que não são unicamente descritivos.

servil, a serviço do luxo de seus senhores. Na imagem, os senhores estão jantando, sentados nos dois principais lados de uma mesa adornada com taças, pratos, talheres, alimentos e forrada com uma toalha de cor clara e também adornada.

O que está em primeiro plano na imagem são os negrinhos porque a partir deles são construídos os discursos “História da escravidão” e “Desigualdade Social”. Os dois negrinhos estão sem roupa, um em pé e o outro sentado no chão, comendo tranquilamente, participando do jantar, autorizados pelo senhor. Segundo Debret, era normal a mulher se distrair com os negrinhos que substituíam os “doguezinhos”, ou seja, os cachorros. Nota-se ainda o aspecto físico das crianças, elas têm uma barriga muito saliente, indicando, possivelmente, um quadro de verminose.

Os senhores são representados na imagem como senhores paternais e não como senhores injustos. Os negrinhos estão comendo com os patrões. Pode-se dizer que um aspecto negativo no quadro é a nudez das crianças, tratadas como objetos, animais de estimação. Como dito, os negrinhos participam do jantar por consentimento do senhor. A senhora age de modo maternal, pois ela dá comida do prato dela para uma das crianças e mostra que, embora maternalmente tratadas, eram injustiçadas e diferenciadas. Trata-se de uma casa de senhores de tradição e com poder aquisitivo.

O olhar da senhora estabelece uma transitividade com a criança negra. Esta, por sua vez, não estabelece reciprocamente a mesma transitividade, a relação da criança negra para com a sua senhora se dá pela linha do braço estendido ao receber o alimento. O negro que está mais centralizado na imagem, de pé e com os braços cruzados, estabelece uma transitividade com seus senhores e tem a função de servir a mesa. Possivelmente seu olhar está, também fixo, na comida posta, por sentir-se faminto ou mal alimentado. Os sujeitos representados na imagem não estabelecem transitividade com o leitor. A fisionomia do negro que está encostado na porta de braços cruzados é uma fisionomia séria, este tem a função de ponte entre a cozinha e a sala de jantar. Já o senhor está de cabeça baixa, concentrado em sua atividade e não estabelece transitividade com os demais integrantes da imagem.

A saliência está presente nos dois senhores. Na dimensão central da imagem, os dois negrinhos compõem o primeiro plano e negam os dizeres “Violência no cativo” e confirmam a “injustiça” e a “Desigualdade Social”. Isso explica a escolha do quadro e não outro para justificar as palavras “injustiça”, “violência”, “abuso”, “desigualdade” e “sinistra herança”.

No implícito, a desigualdade está presente na possibilidade de os negrinhos serem filhos do senhor com sua escrava, pois, na imagem, apenas os negrinhos não estão vestidos, permanecendo à margem de “seus direitos”. A cena focaliza, ainda, a distinção entre quem são os senhores e

quem são os cativos, sendo a cor um dos principais aspectos. Esses negros cativos, embora considerados inferiores, faziam parte da família. Os senhores, ao contrário dos negros, assumem uma postura de autoridade.

Os contextos no anúncio publicitário

Desde que se insira a categoria Cognição às categorias Sociedade e Discurso, todos os contextos são entornos mentais projetados no processo das informações do texto-produto, enquanto formas de representação mental, ou seja, formas de conhecimento sociais e individuais. Dessa forma, os sentidos produzidos são dependentes dos contextos ativados da memória de longo prazo para a memória de trabalho, a partir da percepção de como o texto multimodal está composto, a fim de serem produzidos os sentidos. No texto exemplificado, poder-se-ia, a partir de sua composição, situar os seguintes contextos: social, cognitivo e histórico.

O contexto social é formado pelos grupos sociais selecionados de fontes que compõem as cognições sociais. No quadro de Debret, apresentado a título de exemplificação, o contexto social brasileiro é relativo ao ano de 1827, período posterior à Proclamação da Independência, datada em 1822. O ano de 1827 também é marcado pela Lei de Primeiras Letras aprovada pelo Império e a “Lei para inglês ver”, que embora existisse, não dava condições de sobrevivência ao negro fora da casa de seu senhor, por isso ele se mantinha naquele espaço, na mesma subserviência e escravidão total.

As identidades dos papéis sociais do negro são modificadas, pois são representados pela escravidão, que é, por sua vez, representada pelos papéis de servidão e de subserviência mantidos ao longo de séculos pelo sistema escravocrata brasileiro que tem o negro como objeto de compra e venda. Mantém-se, ainda, uma relação entre os membros internos, os dominados, que obedecem ao poder, e os membros externos, que dominam e manipulam o poder. A representação do negro é ideológica, pois tem valor negativo extra-grupal na sociedade brasileira, cujas raízes históricas situam-se no discurso histórico e político de modo a garantir e manter as cognições sociais.

O contexto cognitivo é composto pelas crenças sociais da audiência, de forma a produzir um entorno relativo às identidades sociais e suas relações entre as pessoas. Segundo as cognições sociais, ideologicamente, a escravidão é representada com valor positivo por aqueles que a defendiam e a praticavam e, com valor negativo por aqueles que reprovavam tais práticas, propiciando a sua discriminação social. Nesse texto, há, portanto, uma relevância, com alto grau de informatividade, que obriga o interlocutor a mudar o seu contexto cognitivo que vinha sendo construído com os conhecimentos sociais ativados da memória de longo prazo: o verbal e o visual representam um momento do sistema

escravocrata brasileiro ao apresentar a imagem retratando os papéis sociais desempenhados pelos negros em um quadro de Debret ao retratar o Jantar no século XIX. Dessa forma, o contexto cognitivo cria o entorno para definir os modos pelos quais as identidades sociais são estabelecidas no discurso: a função textual do tema, a “História da Escravidão – Da África ao Brasil, a rota da injustiça” e outros comentários como “A sinistra herança do regime escravista mantém os afrodescendentes brasileiros à margem de seus direitos”.

O contexto histórico é construído com a ativação de conhecimentos que situam cronologicamente os eventos no mundo. O tempo cronológico selecionado é o período da Escravidão no Brasil, tendo por cenário a Violência no cativo e a desigualdade social.

Considerações

A escravidão é uma das maiores vergonhas já testemunhadas pela humanidade. No Brasil, sob o mandonismo de cruéis senhores, o negro, ao longo de 400 anos, em qualquer papel social que desempenhasse, suou e sangrou ao longo de sua breve e limitada existência. As atrocidades sofridas pelos negros africanos iniciavam com a logística do tráfico, passando por todo o processo de terror e se estendendo ao preconceito e à discriminação racial, resultando nas desigualdades sociais.

Os resultados das análises apresentadas indicam que a representação do negro na imagem do Debret, intitulada *O jantar*, é uma relação de exploração e subserviência, ficando evidente, por meio da composição do verbal com o visual, o seu papel social naquele período, evidenciando a desigualdade social. Essas representações são ideológicas, na medida em que discriminam socialmente a figura do negro escravizado e coisificado: a) pela classe que manipula e legitima o poder econômico, político e ideológico; b) pelos papéis desempenhados pelos negros escravos ocupando um lugar de humilhação, servidão e obediência.

Os resultados apresentados indicam, também, que os elementos selecionados pelo produtor participam de sistemas sociais de cognição (simbólico, interacional e enciclopédico), armazenados na memória de longo prazo das pessoas, após terem sido processados por elas. Todavia, é necessário considerar que a ativação do armazenado nem sempre é consciente, pois a ideologia do poder, que tem acesso ao público, pelos discursos, passa a dominar a mente das pessoas, levando-as a sustentar essa ideologia por sua reprodução textual, no e pelo discurso, por meio de argumentos de persuasão. As estratégias resgatadas são de seleção, cancelamento, realce, construções e explicitações opinativas e de complementaridade de sentidos entre o imagético e o verbal.

Em síntese, na interação comunicativa entre as pessoas, todas as práticas sociais e os textos estão inter-relacionados, de

algum modo, às formas de conhecimento, às representações mentais sociais e individuais que são crenças originadas no social. Logo, são as representações que guiam as ações das pessoas no mundo, tanto para manter quanto para modificar, dinamicamente, a memória social. Os dados apontados abrem novas perspectivas de pesquisa para se tratar de outros gêneros discursivos que utilizam textos multimodais para a sustentação do preconceito racial no Brasil.

Referências

FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Trad. Izabel Magalhães. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

KINTSCH, Walther; van DIJK, Teun. *Strategies discursive comprehension*. London: Academic Press, 1983.

KRESS, G; van LEEUWEN, T. *Multimodal discourse: the modes and media of contemporary communication*. London: Arnould, 2001.

_____. *Reading images: the grammar of visual design*. London: Routledge, 1996.

ILVEIRA, Regina Célia Pagliuchi da. Um novo olhar para as narrativas de humor: os sentidos no cotidiano e na cultura. In: PIRES, Leda Corrêa; BEZERRA, Antônio; CARDOSO, Denise (Orgs). *O texto em perspectiva*. Aracaju: UFA, 2009.

van DIJK, Teun. *Racismo y análisis crítico de los médios*. Madrid: Paidós, 1997.

Reflexões sobre o método etnográfico-discursivo e a mídia institucional pública

Rosane Queiroz Galvão (UnB)
Janaína de Aquino Ferraz (UnB)

Introdução

A breve chamada do jornal televisivo institucional dura pouco mais de 1 minuto. Na imagem, após a vinheta de abertura do programa, a apresentadora adentra o estúdio caminhando, com roupa azul-escura, sóbria. De pé, inicia a apresentação: “Olá, eu sou (...) e começa agora a Revista da Câmara e as notícias que foram destaque da semana”. Por detrás do estúdio, outros jornalistas se dedicam a trabalhar em seus computadores, sentados, alheios ao que acontece no primeiro plano. Ainda de pé, mas agora mostrada em *close*, a âncora do jornal anuncia o principal assunto do dia: “Protestos de caminhoneiros provocam desabastecimento e altas nos preços dos combustíveis por todo o país; Câmara aprova isenção tributária para óleo *diesel* até o fim do ano”. É possível notar, de forma inequívoca, padrões da linguagem jornalística empregada por TVs comerciais tradicionais, inclusive quando a apresentadora entoa bordão bastante característico: “*E você vai ver também...*”⁵, enquanto se seguem imagens do Plenário da Casa e de outros ambientes institucionais, de parlamentares ao microfone, e cenas corriqueiras do cotidiano dos cidadãos na cidade e no campo.

O título deste texto antecipa sua natureza e principal objetivo: intenta-se apresentar reflexões acerca dos desafios advindos da construção do *iter* (caminho) metodológico com base no método etnográfico-discursivo proposto por Maria Izabel Magalhães (MAGALHÃES, 2000, 2008; MAGALHÃES, MARTINS, RESENDE, 2017), para a análise linguístico-semiótica de discursos da comunicação pública materializados em textos da mídia estatal, mormente da Câmara dos Deputados do Brasil.

Não apresentamos, portanto, análise discursiva crítica ou mesmo semiótica crítica exaustiva do objeto de pesquisa — o vídeo de abertura do programa jornalístico da TV Câmara narrado acima — para entendimento de fenômeno sociolinguístico que parece ser a aproximação da linguagem e do formato das mídias estatais aos das mídias comerciais. Não se perseguirá, a menos tangencialmente, este objetivo. O que pretendemos nestas linhas é tão somente mostrar a complexidade da construção de um quadro metodológico coerente e válido para esta pesquisa etnográfico-discursiva, o que poderá de alguma forma colaborar para futuros aportes metodológicos em ADC.

Para a consecução desse propósito, buscamos responder a dois questionamentos:

i - como métodos da pesquisa etnográfica se coadunam com os da Análise de Discurso Crítica na análise textualmente

5. Link do programa *Jornal da Globo*, da TV Globo de Televisão, em que se emprega o bordão “*E você vai ver também...*”: <<https://www.youtube.com/watch?v=HLPVZnIx4uk>>. Acesso em 1º jul. 2018.

orientada de discursos institucionais da mídia estatal?

ii - sendo entidade, e não indivíduo ou grupo, de que modo o ator social “instituição” (entidade abstrata) figura na pesquisa transdisciplinar etnográfico-discursiva, em termos de representação e construção identitária?

Prestam esteio metodológico e epistemológico ao estudo, primordialmente, Magalhães (2000, 2004), Magalhães et al (2017), Fairclough (2001, 2003, 2010), Chouliaraki e Fairclough (1999), Heath e Street (2008), Denzin e Lincoln (2006), Gherardi (2012) e Sant’Anna (2008). Citamos ainda o aporte de Kress e Leeuwen (1996) no que tange à multimodalidade, considerando a importância das diferentes modalidades envolvidas na construção dos sentidos em mídia, entre outros autores que vêm ao auxílio do trabalho, complementarmente.

Partimos do assentimento de que a etnografia é abordagem metodológica adequada para o estudo da prática social (MAGALHÃES; MARTINS; RESENDE, 2017) e de que, portanto, há uma relação complementar entre pesquisa etnográfica e Análise de Discurso Crítica (ADC) que pode resultar profícua para o descortino das ideologias imbricadas em práticas sociais e discursivas. Segundo Magalhães (apud MAGALHÃES et al, 2017, p. 30-32), o antropólogo Geertz (1978, 1997) é “esclarecedor para quem estuda a prática social, como analistas do discurso, na medida em que joga luz sobre o registro etnográfico, a ‘inscrição da ação’, e sobre os participantes e suas identidades sociais”.

Para o empreendimento de análise de um tipo específico de discurso político, o da comunicação pública estatal, iniciamos estas reflexões mostrando os desafios advindos do empreendimento analítico. Em seguida, sinalizamos os pontos de intercessão entre métodos de pesquisa etnográfica, filiada à antropologia, e os propostos pela ADC, que se situa na tradição da pesquisa qualitativo-interpretativista (MAGALHÃES et al, 2017). Mostramos caminhos para a análise das práticas social, discursiva e textual, com base no método etnográfico-discursivo. Por fim, apresentamos, com fim ilustrativo, alguns excertos dos registros etnográficos e do plano de trabalho que formulamos.

Para este estudo, adotamos para a expressão “comunicação pública” a definição de Brandão (2012, p. 5): “fluxo de informativo que vai do Estado e do governo para o cidadão” ou “forma legítima de o governo prestar contas e levar ao conhecimento da opinião pública projetos, ações, atividades e políticas”.

Já o conceito de “instituição” ou “institucional” emprestamos de Heath e Street (2009), que diferenciam “organizações” de “instituições” e definem estas últimas como entidades que atendem a necessidades perenes da sociedade, geralmente ligadas a sistemas estatais e governamentais (HEATH; STREET, 2009)⁶. A Câmara dos Deputados e sua Secretaria de Comunicação enquadram-se, neste trabalho, como “instituições”.

6. Neste artigo, diferenciamos “instituições” de “organizações”, sendo estas especializadas em atender a necessidades mais efêmeras da sociedade e reguladas por sistemas governamentais, sem que exerçam qualquer função estatal (HEATH; STREET, 2008).

O foco da análise etnográfico-discursiva está, portanto, em um ator novel no cenário informativo brasileiro, a nova mídia institucional estatal, que figura entre aquelas a que Sant´Anna (2009, p. 2-3, grifos do autor) se refere como “mídia das fontes”:

Há um novo ator no cenário informativo brasileiro que nos obriga a adotar ótica diferenciada na análise do Jornalismo e da identidade dos jornalistas. [...] Setores da sociedade civil e do Poder Público trazem à esfera midiática um novo tipo de emissor de informações. [...] São mídias mantidas e administradas por atores sociais que, até então, se limitavam a desempenhar o papel de fontes de informações. E por isso as denominamos **MÍDIA DAS FONTES**. [...] são, em grande parte, verdadeiras organizações políticas [...] desempenhando o papel de atores políticos (OFFERLÉ, 1994 :47). Deter uma visibilidade pública é o objetivo desses grupos, uma vez que para interferir na esfera pública, neste período de pós-modernidade, é necessário estar inserido na *agenda midiática*.

Desafios para a construção do quadro metodológico

As questões de pesquisa deste estudo derivaram de inquietações das pesquisadoras no concernente às possibilidades de escolha metodológica para a análise discursiva crítica deste seu principal objeto de estudo: precisamente, textos de mídia que são elaborados pela Secretaria de Comunicação (Secom) da Câmara dos Deputados do Brasil, para distribuição em seus vários suportes, como rádio, televisão, jornal impresso, Internet.

Nesta seção, apresentamos o que chamamos de principais desafios encontrados para a abordagem do tema, cujo enfrentamento nos serviu de base para a construção do caminho metodológico, e mostramos em que base anuímos ao método etnográfico-discursivo.

O contato com trabalhos em ADC que recorrem à pesquisa de campo, método oriundo da tradição antropológica, suscitou-nos a possibilidade de emprego do método etnográfico-discursivo proposto e consolidado por Maria Izabel Magalhães em 2017, mas já explorado pela pesquisadora, pelo menos, desde 1988, quando enceta estudos etnográficos em hospitais públicos de Brasília, para entendimento da “constituição do sujeito no discurso médico” (MAGALHÃES, 2000).

Magalhães (2000, p. 48) argui que o estudo do discurso devidamente contextualizado se realiza de forma mais adequada com métodos etnográficos. Esse entendimento se vai alicerçando, e já em Magalhães et al se argumenta que “a etnografia parece ultrapassar a mera complementação, sendo desejável uma relação mais estreita” (MAGALHÃES et al, 2017, p. 153). Assim, mais do que fazer a defesa da articulação das abordagens metodológicas, os autores sustentam o método etnográfico-discursivo como exigência para estudos em ADC:

Pensamos que o discurso como prática social e cultural **exige** o contato regular por um determinado tempo com o local e o contexto pesquisado. É nesse sentido que defendemos a pesquisa etnográfica do discurso (MAGALHÃES et al, 2017, p. 10, grifo nosso).

O discurso, incluindo os aspectos semióticos ligados à imagem, é uma dimensão da prática social (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999; MAGALHÃES, 2004). Isso significa que os textos — a materialidade linguística e semiótica das práticas sociais — precisam ser contextualizados nas práticas, o que **exige** um trabalho de campo (MAGALHÃES, 2006). (Ibidem, p. 95, grifo nosso).

Entendemos pertinente a defesa contundente de Magalhães et al (2017), tendo em vista a preocupação importante com a validade interna e externa das pesquisas de cunho qualitativo-interpretativo, predominantes em estudos baseados em teorias críticas, e a preocupação com o risco de análises discursivas perfunctórias ou generalizações insustentáveis (BLOOMAERT, 2005). Assim, Magalhães et al (2017, p. 98) advogam:

a complementaridade entre a ADC e a etnografia que defendemos aqui é uma forma de validação da pesquisa, que vai além da descrição e explicação textual, buscando uma interpretação do problema específico da prática social [...].

[...] o estudo do discurso na abordagem crítica **exige** um mergulho de quem pesquisa nas práticas socioculturais, e, portanto, no contexto social, mediante a análise descritiva, interpretativa e explanatória de dados obtidos por meio de observações, entrevistas, artefatos, relatos e diários de participantes [...] (Ibidem, p. 107).

Nesse sentido, métodos de coleta e geração de dados, por meio da imersão do/a pesquisador/a em práticas socioculturais específicas, chegam em benefício e expansão da Análise Discursiva Crítica. Ao tratar dos desafios da etnografia pós-moderna, Denzin (DENZIN; 1989 apud DENZIN; LINCOLN, 2003, p. 72) aduz que uma etnografia ampliada direciona o etnógrafo para “contextos macropolíticos, econômicos e históricos nos quais ocorrem os eventos diretamente observados”, contextos históricos em que emergem “questões fundamentais de comunicação e resistência”.

Contudo, para fugir ao risco da generalidade, Denzin (Ibidem) aconselha aos etnógrafos: “primeiro [...] mergulhem na vida dos sujeitos estudados e, após atingirem uma compreensão profunda desta, por meio de um esforço rigoroso, produzam uma reprodução e uma interpretação contextualizada das histórias por eles narradas”.

Reconhecendo como proveitosa para o estudo crítico da linguagem a imersão do/a pesquisador/a nas práticas socioculturais cotidianas que contextualizam o evento discursivo sob investigação⁷ — e, portanto, aquiescendo com o entendimento de Magalhães (2017) —, decidimos pelo emprego do método.

7. Não se trata de considerar a prática sociocultural simplesmente como contexto no qual os fenômenos se materializam, o que seria uma equivocada e restrita perspectiva epifenomênica (GHERARI, 2009). Aquiescemos com o entendimento de que a prática não só constitui, mas também pode manter ou alterar os elementos da dimensão social da prática, inclusive relações de poder e ideologias.

A adoção do método etnográfico-discursivo para a análise de textos da mídia do poder público nos impôs dois primeiros desafios: a definição do campo em que se daria a pesquisa etnográfica e a definição dos participantes da pesquisa, tendo em vista que atores institucionais são entes abstratos, corporações, organizações, pessoas jurídicas, e não físicas.

Um terceiro desafio, também de caráter metodológico, adveio da constatação de que, em estudos discursivos críticos realizados com a colaboração da pesquisa etnográfica crítica, os próprios dados gerados e colhidos no trabalho de campo (notas de campo, diário de campo, respostas a questionários e a entrevistas semiestruturadas, narrativas, fotografias, filmagens) têm figurado como objeto da análise discursiva crítica (descritiva, interpretativa, explanatória). Assim vemos em Magalhães (2000), Dias (2007), Resende (2008), Cameron et al (1992).

Com efeito, Magalhães (2000, p. 14-15) analisa o discurso médico pediátrico em seus aspectos textuais e contextuais, apontando-lhes as assimetrias, os valores, as ideologias. Assim, investiga a prática discursiva médica “mediante a análise de textos e consultadas gravadas em hospitais públicos de Brasília” e procede à análise de “procedimentos interpretativos diferenciados que resultam em falhas interpretativas na consulta médica pediátrica”, com o fito de “apontar perspectivas de mudança na linguagem e na prática social médica”.

Dias (2007, p. 57) apresenta como *corpus* da pesquisa “textos orais e escritos obtidos por meio de entrevistas semiestruturadas, relatos de parto, gravações de palestras e cursos” para investigar práticas discursivas conflitantes entre os atores envolvidos na prática obstétrica. Resende (2008), que empreende também análise documental, seleciona métodos de pesquisa de campo como observação participante, notas de campo, entrevistas focalizadas, e também grupos focais, transcrição de áudio e vídeo de reuniões, e dedica-se a análises discursivas dos dados gerados e coletados junto ao Movimento Nacional de Meninos de Rua no Distrito Federal. Cameron et al (1992) exploram questões ligadas a racismo e identidade étnica, relacionadas à linguagem usada por um grupo de jovens afro-caribenhos em Londres.

Os dados da pesquisa etnográfica, nesses estudos, apresentam-se como constitutivos do escopo da análise discursiva crítica, ou seja, os dados etnográficos são o próprio *corpus* analítico.

Ao discorrer acerca de questões da etnografia pós-moderna, Denzin (DENZIN; 1989, *apud* DENZIN; LINCOLN, 2003, p. 72) enfatiza a dimensão textual do relato etnográfico:

[...] a própria apresentação das informações etnográficas em uma monografia é um ‘texto’, estando, portanto, sujeito a todo um aparato crítico que a perspectiva pós-moderna traz para influenciar qualquer texto. [...] Uma etnografia, agora, é considerada sobretudo um trabalho escrito [...]. (DENZIN; LINCOLN, 2003, p. 71).

Também Geertz (1997, p. 14 apud MAGALHÃES et al, 2017, p. 97) fala do texto etnográfico como uma trajetória com diversos momentos textuais, “onde não esperamos encontrar progresso ao fim de uma estrada reta, onde se anda incansavelmente para frente, e sim através de caminhos sinuosos e improvisados [...]”

Enfim, o terceiro desafio da organização metodológica residia justamente nisto: dados gerados e obtidos por meio de instrumentos de coleta etnográfica, que se subsumem no relato etnográfico (texto etnográfico), compõem e subsidiam a análise discursiva crítica dos estudos linguístico-semióticos que recorrem a métodos etnográficos; contudo, pretendia-se central para este estudo a análise discursiva crítica de outro texto: o texto jornalístico da mídia institucional (o narrado no início destas reflexões).

O quarto desafio enfrentado para a construção do quadro metodológico foi a lida com a enorme quantidade de dados que foram gerados por meio da pesquisa etnográfica. Finalmente, o quinto e último desafio consistiu no exercício de triangulação metodológica, para um “operacionalismo múltiplo” com vistas à “validação convergente” (BERG, 2001).

Todos esses desafios relacionam-se essencialmente ao primeiro questionamento: como métodos da pesquisa etnográfica se coadunam com os da ADC na análise textualmente orientada de discursos institucionais da mídia estatal? Isso nos leva à seção seguinte.

Articulação metodológica da etnografia e da ADC para análise de práticas sociais

Nesta seção, trazemos algumas considerações sobre as articulações entre métodos etnográficos e a ADC, visitando as bases do método etnográfico-discursivo, “processo reflexivo baseado em observações e registros escritos” (MAGALHÃES et al, 2017. p. 117).

Para Resende (2009), as escolhas metodológicas decorrem antes das perspectivas ontológicas e epistemológicas adotadas. Fairclough, que capitaneia a ADC anglo-saxã, cujas bases teóricas adotamos, ancora sua visão ontológica de mundo no Realismo Crítico de Bhaskar (1989) e no Materialismo Histórico-Geográfico de Harvey (1996) e aduz que a análise crítica focaliza duas relações dialéticas: a social, que relaciona estrutura social e eventos⁸; e a discursiva, que relaciona elementos semióticos a outros elementos (FAIRCLOUGH, 2010). Em nível intermediário de estruturação figuram as práticas sociais, “entidades organizacionais intermediárias entre estruturas e eventos” (FAIRCLOUGH, 2003, p. 23).

As práticas sociais, segundo essa perspectiva, compõem-se de atividade material; relações sociais; discurso e semiose; crenças, valores ideologias (CHOULIARAKI;

8. Resende se opõe a Fairclough no que diz respeito à natureza da relação entre prática social e eventos, entendendo que se trata de uma relação transformacional.

FAICLOUGH, 1999, p. 6), sendo tais elementos irreduzíveis a um. Estabelece-se o discurso, portanto, como um momento da prática social.

Ao adotar a prática como unidade central de análise dos fenômenos sociais, por sua vez, Silvia Gherardi (2012) aduz que implicações epistemológicas e metodológicas são inseparáveis, pois indissociável o modo como se compreendem e estudam as organizações⁹ (as quais toma como objeto de estudo). Assim, para Estudos Baseados em Prática (EBP), assume como posicionamento epistemológico fulcral a epistemologia relacional (social e material estão inextricavelmente relacionados) e enfatiza a sociomaterialidade, o que implica compreender que social e material se constituem mutuamente (GHERARDI, 2012, p. 79).

Gherardi (2012) elabora o que chama de epistemologia da prática com base em teorias da prática (Ira Cohen, 1996), que localizam a fonte de padrões significativos em como a prática é executada, realizada, produzida. Assim, o foco não se dirige ao ator e suas intencionalidades, tampouco ao objeto, mas às relações processuais e à contínua interação entre ambos.

A prioridade ontológica a “humanos, não humanos e práticas discursivas” conduz a modelo ecológico que distribui a agência entre humanos e não humanos. A construção teórica de Gherardi (2012, p. 83) leva a autora a propor uma “*ethnography on non humans*” ou etnografia dos objetos, por meio da qual se pode inquirir a relação entre a materialidade e o mundo social.

Observar os não-humanos requer, portanto, que tracemos as conexões entre diferentes cursos de ação e que determinemos como as ações e os sujeitos se definem mutuamente nas relações. Nesse sentido, espreitar os não-humanos requer que o etnógrafo seja capaz de orientar suas observações para as associações materiais que ‘performam’ as relações, e provavelmente também para conceber novas formas narrativas capazes de tornar essa performance ‘significativa’¹⁰ (Ibidem, p. 86, tradução nossa).

É preciso dizer que as lições de Gherardi ampliaram consideravelmente a visão desta pesquisa quanto às possibilidades e potencialidades da pesquisa etnográfica, tornando ainda mais rico e relevante o trabalho de campo. À parte o posicionamento ontológico e epistemológico de Gherardi, em muito nos importou sua defesa de que os EBP se adonam de uma diversidade de processos que se fulcram no agir e no fazer, focalizando as práticas cotidianas no local de trabalho, no ambiente organizacional (FELDMAN & ORLIKOWSKI, 2011), como práticas situadas. Facilitaram também a percepção da lacuna entre o que se prescreve como regra organizacional e o que de fato se faz, como se as interpreta, como se as aprende e aplica em diversas situações laborais.

9. Gherardi utiliza o termo “organizações” de forma genérica, referindo-se a corporações em geral.

10. Observing non-humans therefore requires one to plot the connections among different courses of action, and to determinate how actions and subjects define each other in relations. From this point of view, shadowing non-humans requires the ethnographer to be able to orient his/her observations to the material associations that “perform” relations, and probably also to devise new narrative forms able to make that performance “accountable”.

Gherardi (2012, p. 1) diz pretender aguçar no/a pesquisador/a uma “sensibilidade metodológica”, e o faz mostrando diversos estudos baseados em práticas que fazem uso extensivo de métodos etnográficos voltados à compreensão das relações sociomateriais no local de trabalho. Nestes, utilizam-se técnicas inovadoras como sombreamento, estudo de caso em espiral, mas também entrevista e observação participante.

O contato com outras pesquisas, como as de Gherardi, coaduna-se com o recomendado por Magalhães et al (2017, p. 118) para a consecução do método etnográfico-discursivo:

Nos momentos da coleta e da geração de dados, procuramos ter em mente esse conhecimento teórico-conceitual. [...] A comparação com outros trabalhos é fundamental para que se possa tomar decisões a respeito da adequação de teorias ou explicações para os dados da pesquisa.

No momento de comparação com outros trabalhos, sugerem que sejam descritas informações contextuais estatísticas, tais as sugeridas por Heath e Street (2008, p. 65 apud MAGALHÃES et al, 119): idade, gênero, experiências prévias e status atual de membros do grupo participante; em relação ao espaço físico, à população e à distribuição em termos de idade, papel, gênero social e outros indicadores, além de recursos locais; termos de uso local que contribuem para a identidade do grupo; meios de acesso e mobilidade física.

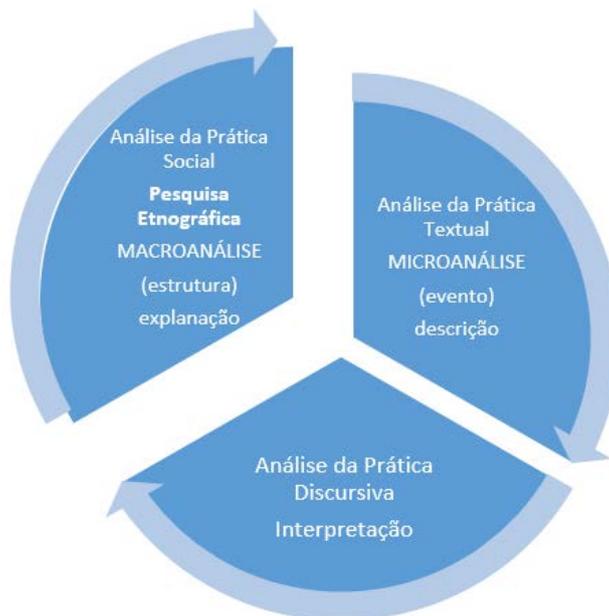
Com efeito, sob a perspectiva metodológica, a irmandade entre ADC e etnografia parece incontestada, tendo em vista que também a etnografia — esta, oriunda da antropologia — é método de pesquisa inerentemente interpretativo, subjetivo e parcial (HEATH; STREET, 2008, p. 45), uma iniciativa de desenvolvimento de teorias, construída por meio de observações sistemáticas, detalhadas, gravações e análises de comportamento humano em determinados espaços e interações (Ibidem, 2008). Nesse mesmo sentido, a pesquisa qualitativa, no dizer de Denzin e Lincoln (2006, p. 72),

envolve o uso e coleta de uma variedade de materiais empíricos — estudo de caso, experiência pessoal, introspecção, história de vida [...] — que descrevem momentos e significados rotineiros e problemáticos na vida dos indivíduos [...] pode envolver uma série de práticas, como gravações, entrevistas, notas de campo, lembretes, etc. Tais representações envolvem uma abordagem naturalista e interpretativa do mundo.

Para a ADC inglesa (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999 apud MAGALHÃES et al, 2017), o discurso, que se compõe também de aspectos semióticos afeitos à imagem, é dimensão da prática social. Como os textos são a materialidade linguística e semiótica das práticas sociais, torna-se relevante sua contextualização e, por conseguinte, a pesquisa etnográfica.

Dessa forma, o trabalho de campo, no método etnográfico-discursivo, colabora com o entendimento das práticas sociais afeitas ao evento sociodiscursivo. Considerando as dimensões dialéticas do discurso (FAIRCLOUGH, 2001), que norteiam a macroanálise (contextual), a análise intermediária (discursiva) e a microanálise (textual, composicional), voltadas à explanação, interpretação e descrição textual, respectivamente, o quadro abaixo busca localizar a pesquisa etnográfica no quadro analítico.

Figura 1 – Localização da pesquisa etnográfica na dialética da Análise Discursiva Crítica.



Fonte: Elaborado pelas autoras, com base em Fairclough (2001) e Magalhães et al (2017).

Assim, a produção e coleta de dados etnográficos integra-se ao esforço da análise explanatória. Abaixo, as dimensões da prática social elencados por Magalhães (MAGALHÃES et al, 2017, p. 115), das quais destacamos aquelas que entendemos privilegiadas (não exclusivas, mas privilegiadas) pelo trabalho de campo da pesquisa etnográfica, que constitui método indutivo-interpretativo:

Figura 2 - Dimensões da prática social privilegiadas pelo trabalho de campo.

DIMENSÕES DA PRÁTICA SOCIAL (MAGALHÃES et al, 2017, p. 115)	
- Tempo, lugar	
- Participantes, relações sociais	} dimensões privilegiadas pelo trabalho de campo (método indutivo-interpretativo)
- Atividades	
- Recursos, materiais, instrumentos	
- Desejos, crenças, valores	
- Poder	
Gênero, discurso, estilo*	

Fonte: Elaborado pelas autoras, com base em Magalhães et al (2017, p. 115).

Tendo em vista que, no método etnográfico-discursivo, o trabalho empírico de coleta e geração de dados integra-se à análise da prática social, com vistas à contextualização do evento, julgamos produtivo (ou talvez necessário, para a efetiva integração dos campos da etnografia e da ADC) o cotejo desses dados — os textos etnográficos, como notas de campo, relatos, diários de pesquisa — com as perspectivas do contexto, elencadas em Magalhães et al (2017, p. 133):

a) participantes e posição social - visualização de “esquemas de poder, as hierarquias sociais, os valores associados a aspectos como gênero, classe social, nível de instrução, raça/etnia, prestígio social”, etc.;

b) grupos e instituição e os mecanismos de controle - observação de controle de voz e iniciativa, perfis dos atores, influências de fora sobre a instituição ou o grupo, pressões internas.

c) momento histórico e dinâmica - observação de mudanças culturais, tecnológicas, de procedimentos, etc.

d) relação com a sociedade abrangente e mecanismos de reprodução - observação dos modos como a instituição se comunica e relaciona com outras que lhe são afeitas ou dão suporte, como se influenciam, como a instituição de mantém socialmente, como se dialoga com a sociedade.

Destarte, o emprego do método etnográfico-discursivo permite que se vá respondendo ao segundo questionamento trazido neste artigo: sendo entidade, e não indivíduo ou grupo, de que modo o ator social “instituição” (entidade abstrata) figura na pesquisa transdisciplinar etnográfico-discursiva, em termos de representação e construção identitária?

Entendemos que a instituição se vai configurando por meio da inquirição dos membros participantes e de suas posições sociais, dos grupos e mecanismos de controle, da observação minuciosa das dinâmicas de trabalho, das condições de produção dos textos, mas também da análise do momento situacional e histórico, e, ainda, do relacionamento com outras instituições e dos jogos de poder e influência. Por fim, deve-se investigar também o modo como a instituição se mantém e como interage ou conversa com os cidadãos.

Prática discursiva e textual no método etnográfico-discursivo

Trazemos, nesta seção, considerações sobre a análise das práticas discursiva e textual, como passos subsequentes, percorridos pelo método etnográfico-discursivo. Porquanto dialética, a análise discursiva crítica busca compreender o discurso em todas as suas dimensões e se realiza no tempo, segue um caminho, cujos passos perpassam também as práticas discursiva e textual. Para Magalhães et al (2017, p. 139), “as práticas discursivas envolvem uma diversidade de elementos: os textos e seus tipos, os gêneros discursivos, os níveis da

linguagem, as escolhas lexicais, as figuras de linguagem, etc.” Magalhães et al (Ibidem, p. 119) chamam atenção para a relevância de se considerar, na pesquisa etnográfico-discursiva, as “mudanças nas cadeias de gênero”.

Neste ponto, voltamos ao nosso objeto de análise crítica, o vídeo jornalístico da TV Câmara. No esforço de delineamento do gênero discursivo do texto midiático, elementos da prática discursiva exsurtem. Trata-se de texto midiático, produzido pela Secom parlamentar, mas, porquanto produzido por órgão público, insere-se também em formações discursivas que abarcam textos estatais, institucionais, organizacionais ou corporativos (SANT’ANNA, 2010). Caracteriza-se, portanto, conforme o gênero discursivo, em texto midiático institucional estatal (GALVÃO, 2015), mas se configura também como discurso político, *lato sensu*, pois produzido pelo departamento de comunicação institucional de uma das Casas políticas do Parlamento brasileiro.

No concernente à prática textual, nota-se presente no excerto televisivo uma multiplicidade de recursos semióticos verbais e imagéticos, a caracterizar um texto multimodal, composto por gama considerável de recursos dos modos audiovisual e escrito. O *corpus* suscita análise gramatical que considera o princípio de integração dos recursos semióticos (KRESS; LEUWEN, 1996). Considera-se, ainda, a distribuição da mídia em suporte digital, no qual o texto é entextualizado¹¹, distribuído em *frames* (enquadramentos, *clusters*), comentado, emparelhado a outros textos e *hiperlinks* (FERRAZ, 2011).

O trabalho de campo e as notas divisórias

Dedicamos esta seção à apresentação sintética do trabalho de campo realizado. Por entendermos que o que se produz pela “mídia das fontes” resulta, em última instância e objetivamente, do trabalho dos diretores, coordenadores, servidores, funcionários que atuam nas secretarias de comunicação dos órgãos públicos, responsáveis pela produção e difusão do conteúdo, definimos como sendo estes os participantes observados da pesquisa etnográfica, sendo os departamentos onde trabalham o *locus* do trabalho de campo.

Fairclough (2006) discorre acerca do aspecto ritualizado, institucionalizado e habitual das práticas sociais, relativamente estabilizadas, ligadas a determinadas instituições e organizações. Nesse sentido, Sant’Anna (2008, p. 2) alerta:

o profissional de imprensa se vê num novo território profissional onde transitam rotinas, valores e paradigmas específicos da imprensa tradicional com os da comunicação institucional. A imprensa perde o seu monopólio informativo e a sociedade se vê

11. Processo em que os discursos são “sucessiva ou simultaneamente descontextualizados e metadiscursivamente recontextualizados” (BLOMMAERT, 2005, p. 47).

consumindo informações produzidas e veiculadas pelos próprios atores do fato, ou seja, a fonte.

Assim, durante dois meses (jun./ jul. 2018), foram feitas visitas a departamentos dedicados aos serviços de comunicação social de Casa do Poder Legislativo e também à Empresa Brasileira de Comunicação — EBC, além de estação de rádio privada, nas quais se realizaram entrevistas semiestruturadas e informais com cinco profissionais (servidores, jornalistas, radialistas) de ambos os setores, público e privado, tendo sido adotada a técnica de observação participante (observação de campo). Houve participação no Seminário Internacional TV Câmara 20 Anos - Transparência e Comunicação¹², com profissionais da Europa e da América Latina. Foram produzidos os seguintes documentos (SANJEK, 1990): notas gerais (notas de campo, esquemas, vinhetas; e relatos do campo) e notas divisórias (por assunto).

Há que se ressaltar, nesta pesquisa complexa, o papel crucial das notas divisórias para a organização do estudo, tendo em vista a quantidade enorme de documentos colhidos e gerados no trabalho de campo, compondo mais de uma centena de páginas só de notas de campo e vinhetas narrativas (MATTOS, 2011).

Ilustrativamente, apenas para auxílio destas reflexões, apresentamos o quadro seguinte, que mostra, de forma mui resumida, alguns dos dados organizados em notas divisórias, por meio das quais delimitamos os seguintes assuntos: questões estruturais; linguagem, representação e identidade; suportes e interação sociomaterial; desafios.

12. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Jkfg30dbYPM>>. Acesso em 10 jun. 2018.

Quadro 1 - Notas divisórias da pesquisa etnográfica, no estudo de texto da mídia institucional

<p>Questões estruturais</p>	<p>Caso da Secom do Senado Federal: 5 diretores em 1 ano (mudanças de modelo).</p> <p>Na Câmara, em 2015, pela primeira vez um Deputado foi alçado ao cargo de Secretário de Comunicação; criação de Secretarias; barganha política; custo.</p> <p>Caso BBC (Reino Unido e Parlamento Europeu): apenas 15 funcionários; não há preocupação com a própria existência.</p> <p>Brasil. Custo/Crise. Preocupação com o custo e a própria existência. Insegurança. Justificativas: (“democracia tem custo”; “transparência”; “fonte fidedigna de notícias; <i>fake news</i> e oficialidade/confiabilidade da fonte; mídia das fontes); “deveria ser cobrada taxa da mídia privada, já que usufrui de produtos da mídia legislativa”); Abordagem de temas pelos quais a mídia comercial não se interessa.</p> <p>Direitos Humanos (críticas: tentação autoritária, monitoramento de conteúdo, atentado à liberdade de expressão, censura à mídia no Brasil).</p> <p>Quanto mais fragilizado o vínculo empregatício, menos independência o profissional se coloca (não compra brigas; autoimagem).</p> <p>Terceirizados. “Interferência política é vírus.” Limitações e constrangimentos.</p> <p>Pressão interna: parlamentar queria fazer programa de <i>rock</i> ou de culto religioso. “Não se cobre atividade de partido ou parlamentar, só institucional”.</p> <p>Transmissões ao vivo <i>versus</i> programas jornalísticos; IBOPE (<i>feedback</i>); custo por mês. Modelo antigo da gráfica do Senado; novo uso do modelo da máquina.</p> <p>México tem uma TV apenas, para as duas casas legislativas.</p>
<p>Linguagem, representação e identidade</p>	<p>“Os Parlamentares às vezes nos tratam como se fôssemos da imprensa comercial.”</p> <p>BBC e abordagem conservadora sobre como tuítam e postam. Expectativa de que sejam corretos e diretos. Pensam em marca e em reputação.</p> <p>Época bem recente no Parlamento brasileiro: cortes de textos, censura; medo, revolta. “Ficava, nos estúdios da rádio, uma pessoa da presidência”.</p> <p>Termos técnicos, comentários, legendas. Tratamento da informação para combater falta de interesse, apatia, tempo, deficiência cognitiva. Tornar tema salgado em adocicado.</p> <p>Fusão de destinatários do discurso (público interno e externo). Olhar diretamente para a câmera. A invasão das câmeras mudou duração das sessões e comportamento dos parlamentares.</p> <p>Câmeras são proibidas no Parlamento francês.</p> <p>Porosidade. “O julgamento fica à cargo do cidadão”.</p> <p>Crise de pertencimento da comunicação pública.</p> <p>Encapsulamento do formato. Buzz Feed. Notícias prontas para replicar.</p> <p>Profissionais criam valores diferentes dos da imprensa tradicional, mesmo da que cobre o parlamento.</p>

<p>Suportes e interação sociomaterial</p>	<p>Rádio AM para FM. “Em São Luís, no início do Século, ouvia-se mais rádio da Jamaica do que de SP ou Rio”. Ouvia-se <i>reggae</i>. Consequências das transmissões ao vivo: não respeito à grade de programação; impacto na audiência (diferente dos hábitos dos telespectadores); programação compartilhada (deputado e equipe de TV); mistura e sobreposição de papéis. Deputados se articulam com programação (horários estratégicos, temas de maior interesse da população; alongar as sessões, sugestão de programas). Deputado define oportunidade e condições de observação (é observado, mas influi). Exemplo: parlamentar comendo marmita no plenário ou com blusas apologeticas. Imagens construídas (não se focalizam comportamentos desairosos, plenário vazio, galerias em fúria, reações ruins). Estrutura definida nas comissões (linguagem, enquadramento, corte, regras de cobertura). Luta da BBC para que não se filmasse o plenário de cima, mas no mesmo nível do rosto dos congressistas. Na França, não entram câmeras no congresso. “Patrulha”, por parte dos Parlamentares, nas comissões do Parlamento brasileiro: “Cadê as câmeras? Não está sendo filmado?!”</p>
<p>Desafios</p>	<p>Questão do plebiscito em tempo real (o cidadão vota antes do parlamentar). Programação; mídias sociais (nó). Sinal digital: 40 milhões de antenas parabólicas (regiões remotas do Brasil). Risco de apagão digital (caso nos EUA, com 5 milhões de pessoas sem internet; e na França, atingindo 300 mil residências). Dilema: como mostrar algo que vai impactar negativamente a imagem institucional?</p>

Percebe-se, da quantidade significativa de dados etnográficos coletados (ora mui perfunctoriamente apresentados, reiteramos), como o trabalho de campo possibilita ou, muito além, resulta numa expansão considerável da compreensão da prática social em que o evento social e discursivo se instancia. As condições de produção, distribuição e consumo do texto jornalístico em apreço insere-se num quadro complexo de mudança nas comunicações sociais públicas e privadas, de entranhamento de ambos os setores, de compartilhamento de formatos e suportes, num momento histórico de fragilidade e risco democrático no Brasil e no mundo, que é sentido no contexto mais ínfimo das situações cotidianas de trabalho, nos relacionamentos entre profissionais da área, servidores, parlamentares, cidadãos, mas também na relação entre os Poderes republicanos constituídos.

Vencendo os desafios e consolidando o *iter* metodológico

Entendendo que “o foco da pesquisa qualitativa possui inerentemente uma multiplicidade de métodos” (FLICK, 1998, p. 229), a triangulação teórico-metodológica que propusemos compôs-se, por fim, dos arcabouços da etnografia, da ADC e da Gramática do *Design* Visual (KRESS; VAN LEEUWEN, 1996), com base geral no método etnográfico-discursivo (Magalhães et al, 2017). No método etnográfico-discursivo, as etapas representam caminhos, momentos, mas não implicam segmentação analítica, considerando a

relação dialética entre estrutura e evento, entre aspectos sociais e discursivos, entre o discurso e os outros elementos da prática social, conforme perspectiva ontológica adotada pela ADC, escola em que se assenta o método.

Foi assim, sem desconsiderar essa perspectiva, que pudemos formular uma proposta de plano de trabalho, que ora apresentamos apenas com intenção ilustrativa:

Quadro 2 – Proposta de plano de trabalho

Etapas da pesquisa qualitativo-interpretativa e etnográfica	Aportes teórico-metodológicos privilegiados (primeiro plano) em cada etapa	Autores basilares
1ª etapa – planejamento / decisões preliminares		
Reflexão acerca do embasamento teórico; definição das bases ontológicas e modelos epistemológicos a serem adotados; decisão acerca do modelo de ADC mais adequado ao projeto.	ADC	Magalhães et al, 2017 Chouliaraki; Fairclough, 1999 Fairclough, 2003
Contato com outros estudos; definição do posicionamento das pesquisadas perante o objeto de estudo; reflexão sobre o lugar de fala das pesquisadoras.	ADC	Magalhães, 2004, 2008 Magalhães et al, 2017 Denzin; Lincoln, 2006 (2006) Heat, Street (2008)
Decisões metodológicas; escolha das técnicas de coleta e geração de dados; planejamento da pesquisa etnográfica (agendamentos, definição de datas, contatos preliminares com participantes; preparação de documentação, como autorizações, questionários, etc.).	ADC Etnografia	Magalhães et al (2017) Magalhães (2000, 2004) Denzin; Lincoln (2006) Heat; Street, 2008
2ª etapa - trabalho de campo / produção dos documentos etnográficos		
Realização de entrevistas semiestruturadas ou informais; elaboração de notas de campo, esquemas, vinhetas, etc.; observação participante.	Etnografia	Heat; Street, 2008
Organização dos dados; redação do relato etnográfico; Coleta de informações contextuais e estatísticas (idade, gênero social, experiências prévias e <i>status</i> atual de membros do grupo participante; sinalização de termos linguísticos de uso local que contribuem para a identidade do grupo; dados em relação ao espaço físico e à distribuição em termos de idade, papel, gênero social e outros indicadores).	Etnografia	Sanjek (1990) Magalhães et al (2017)
3ª etapa - análise macro / cotejo dos textos etnográficos com o contexto social do evento		
Participantes e a posição social, grupos e instituições e os mecanismos de controle, momento histórico e dinâmica social, relação com a sociedade abrangente e os mecanismos de reprodução. Condições de produção e distribuição do texto.	Etnografia ADC	Magalhães et al, 2017 Chouliaraki; Fairclough, 1999

4ª etapa - análise semiótico-discursiva do texto central da pesquisa: texto jornalístico televisivo		
Análise do gênero discursivo, da rede de gêneros, dos gêneros particulares e/ou híbridos; níveis de linguagem; escolhas lexicais; figuras de linguagem; padrões; modos de usar a linguagem.	ADC Gramática do Design Visual	Magalhães et al, 2017 Chouliaraki; Fairclough, 1999
5ª etapa - análise micro / análise gramatical do texto multimodal		
Composição, cores, padrões de postura do apresentador, ritmo, volume, imitação de voz, clareza, nível coloquial/formal da linguagem.	Gramática do Design Visual	Kress; Leeuwen, 1996
6ª etapa - reflexão sobre a pesquisa; reinterpretação		

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Nota-se que, numa etapa preliminar, buscamos selecionar métodos e estabelecer os procedimentos de pesquisa consequentes dessa escolha. Além disso, procuramos consultar trabalhos científicos afins. Já aqui se enceta o esforço analítico crítico, que prossegue em todos os passos seguintes. Numa segunda etapa, dedicamo-nos ao trabalho de campo propriamente dito, ensejo em que o método etnográfico sobressai, para coleta e produção de dados. Em seguida, para a análise contextual, explanatória, no âmbito da prática social, conjuminamos métodos da etnografia e da ADC, para expansão da compreensão do evento discursivo. Retornamos o olhar, então, para o evento discursivo propriamente dito, o texto multimodal, o *corpus*, para delimitação do gênero e categorias de análise que permitem o cotejo e a interpretação dos dados, do texto e do contexto. Neste ponto, a perspectiva teórica da ADC evidencia-se. Partimos, em seguida, para a microanálise, a descrição gramatical do texto multimodal, apoiada em método da Teoria Semiótica Social da Multimodalidade, que permitirá a compreensão dos significados composicionais do texto, do estilo, fazendo a relação com as demais dimensões analíticas. Finalmente, procedemos à análise crítica conclusiva, à reinterpretação, ao exame reflexivo.

Considerações

Nestas reflexões, concluímos que os preceitos teóricos da Análise Discursiva Crítica esteiam, como um todo, o estudo que opta pelo emprego do método etnográfico-discursivo, e aqueles preceitos permanecem em toda a pesquisa, com sua base ontológica definida, bem assim os aportes epistemológicos próprios do campo. Contudo, estes permanecem subjacentes em determinado momento da pesquisa, deixando-se complementar pelo esforço etnográfico de coleta e geração de dados, empreendimento privilegiado no momento de perquirição da prática social.

E dessa forma a prática social é escrutinada pelo esforço etnográfico. A lente etnográfica focaliza a experiência

cotidiana dos membros da instituição, do seu ambiente de trabalho, dos artefatos, das tecnologias, das experiências de vida, das narrativas, da relação de poder entre os atores sociais. O texto etnográfico (e outros, subetnográficos) ilumina determinados elementos da prática social e se constitui, ele próprio, objeto de interpretação voltada ao entendimento das práticas.

Assim, quanto ao primeiro questionamento deste trabalho — como métodos da pesquisa etnográfica se coadunam com os da Análise de Discurso Crítica na análise textualmente orientada de discursos institucionais da mídia estatal? —, respondemos que a articulação dos métodos passa pela comunhão da noção de práticas; pela perspectiva qualitativo-interpretativa de ambas as abordagens; pela investigação pormenorizada e crítica de práticas institucionalizadas, formalizadas, ritualizadas e naturalizadas; pela inquirição crítica das formações discursivas e gêneros textuais.

Em resposta ao segundo questionamento — sendo entidade, e não indivíduo ou grupo, de que modo o ator social “instituição” (entidade abstrata) figura na pesquisa transdisciplinar etnográfico-discursiva, em termos de representação e construção identitária? —, defendemos que, para o alcance das estratégias de construção identitária e representacional das instituições, é preciso inquirir os atores sociais que a compõem, especialmente em seu ambiente laboral, sendo estes os responsáveis diretos pela produção e distribuição dos discursos que a representam e identificam socialmente, embora constrangidos pelo contexto situacional, que impinge limitações à prática discursiva.

Por fim, ousamos propor, com base nestas reflexões metodológicas, um atributo particular a método etnográfico-discursivo que se estenda para a explanação, interpretação e descrição de outros textos, além daqueles produzidos pelo trabalho de campo — estes últimos, em conformidade com tradição que já se vem construindo na ADC, inclusive na América Latina e no Brasil (cf. MAGALHÃES, 2000; DIAS, 2007; RESENDE, 2008). Pode-se dizer que nestes o método etnográfico-discursivo se dá de forma intensiva, enquanto em estudos como o ora apresentado se emprega uma versão extensiva do método etnográfico. Denzin e Lincoln (2003, p. 73) nos dão algum suporte à ousadia:

Os métodos da etnografia tornaram-se extremamente refinados e diversos, e as razões para a prática de etnografia multiplicaram-se. (...) a nova etnografia abrange um tema vasto, limitado apenas pelas variedades de experiência na vida moderna: os pontos de vista que podem originar as observações etnográficas são tão numerosos quanto as escolhas de estilo de vida disponíveis na sociedade moderna.

Referências

BHASKAR, R. *The Possibility of Naturalism*. A philosophical critique of the contemporary Human Sciences. Hemel Hempstead: Harvester Wheatsheaf, 1989.

BLOMMAERT, J. *Grassroots literacy: writing, identity and voice in Central Africa*. Abingdon: Routledge, 2008..

BRANDÃO, E. P. Conceito de comunicação pública. En: Duarte, J. (Org.). *Comunicação pública: Estado, mercado, sociedade e interesse público* (3ª ed.). São Paulo: Atlas, 2012.

CAMERON, D. et al. *Researching Language: issues of power and method*. Londres: Routledge, 1992.

CHOULIARAKI, L.; FAIRCLOUGH, N. 1999. *Discourse in late modernity*. Rethinking critical discourse analysis. Edimburgo: Edinburgh University Press.

DENZIN, N.K.; LINCOLN, Y. *O planejamento na pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. 2. ed. Trad. S.R. Netz. Porto Alegre: Artmed, 2006.

FAIRCLOUGH, N. 2001. *Discurso e mudança social*. Coordenação da tradução, revisão e prefácio à edição brasileira: I. Magalhães. Brasília: Editora Universidade de Brasília.

_____. *Analysing Discourse*. Textual analysis for social research. Londres/Nova York: Routledge, 2003.

_____. *Critical Discourse Analysis*. The critical study of language. 2. Ed. Harlow: Pearson, 2010.

FELDMAN, M. S.; ORLIKOWSKI, W. J. 2011. *Theorizing Practice and Practicing Theory*. Organization Science, v. 22, n. 5, pp. 1240-1253, set./out. 2011.

FERRAZ, J.A. *Multimodalidade e Formação Identitária: o Brasileiro em Materiais Didáticos de Português Língua Estrangeira (PLE)*. In: *Reflexões sobre a língua portuguesa: uma abordagem multimodal*. VIEIRA, J.A. et al. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

FLICK, U. *An introduction to qualitative research*. London: Sage Publications, 1998.

GALVÃO, R. Q. *Do logocentrismo à multimodalidade: uma análise crítica da comunicação política da Câmara dos Deputados do Brasil*. 2015. 189 f., il. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Trad. F. Wrobel. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

GHERARDI, S. *How to conduct a practice-based study: problems and methods*. Cheltenham, Glos: Edward Elgar, 2012.

HEATH, S.B.; STREET, B.V. *On Ethnography: approaches to language and literacy research*. Nova York: Teachers College Press, 2008.

KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. *Reading images: the grammar of visual design*. 2ed. London: Routledge, 2006 [1996].

MAGALHÃES, I. *Eu e Tu*. A constituição do sujeito no discurso médico. Brasília: Theasaurus, 2000.

_____. *Teoria crítica do discurso e texto*. CALDAS-COULTHARD, C.R.; FIGUEIREDO, D. de C. (Org.). *Linguagem em (Dis)curso*. Palhoça, v. 4, Especial, pp. 113-31, 2004.

MAGALHÃES, I; MARTINS, A.R.; RESENDE, V.M. 2017. *Análise de discurso crítica: um método de pesquisa qualitativa*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2017.

MATTOS, CLG. 2011. A abordagem etnográfica na investigação científica. En MATTOS, CLG., and CASTRO, PA., orgs. *Etnografia e educação: conceitos e usos* [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2011. pp. 49-83. ISBN 978-85-7879-190-2. Available from SciELO Books.

SANT'ANNA, Francisco. *Visibilidade e espetacularização nos canais parlamentares*. Um olhar sobre as transmissões de CPIs no Brasil e na França. En: E-COM REVISTA DO DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO DO UNIBH, Vol. 2, N5 (2009). ISSN: 1983-0890 [Disponível na internet em: <http://revistas.unibh.br/ecom/viewarticle.php?id=101>. Consulta: 20 de julho de 2018].

SANJEK, R. (Org.). *Fieldnotes*. The makings of anthropology. Ithaca/Londres: Cornell University Press, 1990.

O novo ensino médio em publicidade do governo federal: análise discursivo-crítica e multimodal

Glaunara M. Oliveira (UEA)
Neiva M. M. Soares (UEA)

Introdução

A proposta do Novo Ensino Médio (MP 746/2016) está em trâmite desde setembro (2016), causando polêmica e motivando discussões e mobilizações de ocupação de muitas escolas e universidades brasileiras. O texto da Ementa retirado do site do senado apresenta a reforma de maneira objetiva:

Ementa:

Institui a Política de Fomento à Implementação de Escolas de Ensino Médio em Tempo Integral, altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e a Lei nº 11.494 de 20 de junho 2007, que regulamenta o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação, e dá outras providências.

Explicação da Ementa:

Promove alterações na estrutura do ensino médio, última etapa da educação básica, por meio da criação da Política de Fomento à Implementação de Escolas de Ensino Médio em Tempo Integral. Amplia a carga horária mínima anual do ensino médio, progressivamente, para 1.400 horas. Determina que o ensino de língua portuguesa e matemática será obrigatório nos três anos do ensino médio. Restringe a obrigatoriedade do ensino da arte e da educação física à educação infantil e ao ensino fundamental, tornando as facultativas no ensino médio. Torna obrigatório o ensino da língua inglesa a partir do sexto ano do ensino fundamental e nos currículos do ensino médio, facultando neste, o oferecimento de outros idiomas, preferencialmente o espanhol. Permite que conteúdos cursados no ensino médio sejam aproveitados no ensino superior. O currículo do ensino médio será composto pela Base Nacional Comum Curricular - BNCC e por itinerários formativos específicos definidos em cada sistema de ensino e com ênfase nas áreas de linguagens, matemática, ciências da natureza, ciências humanas e formação técnica e profissional. Dá autonomia aos sistemas de ensino para definir a organização das áreas de conhecimento, as competências, habilidades e expectativas de aprendizagem definidas na BNCC.¹³

Entre vários pontos que geram polêmica no texto da ementa destacam-se, principalmente, a forma como será gerida a verba direcionada à Educação e as mudanças que tornam facultativo o ensino de Artes e Educação Física no Ensino Médio. No primeiro caso, o que se observa é o alto custo do novo projeto que, além de inserir cursos

13. Disponível em: <<http://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/126992>>. Acesso em: 10 de novembro de 2016.

profissionalizantes, pretende tornar escolas adeptas do sistema de ensino integral, o que não seria visto de forma negativa, caso as metodologias políticas do país não fossem marcadas por cortes orçamentários feitos pelo governo, o que tornaria tais mudanças educacionais impraticáveis¹⁴. Além disso, professores e alunos que participaram de manifestações alegaram que o sistema de ensino integral obrigatório impediria que estudantes trabalhassem em outros turnos e que nova grade de ensino, em que há disciplinas optativas, os prejudicaria em vestibulares¹⁵. Diante das várias manifestações contra essa nova forma de Ensino, o governo tem se esforçado para convencer, através de campanhas publicitárias, a população a aceitar o Novo ensino Médio.

Essas publicidades promovidas pelo governo ilustram bem a relação entre discurso e poder social. Segundo Dijk, o “poder é exercido, manifestado, descrito, disfarçado ou legitimado por textos e declarações orais dentro do contexto social” (2008, p. 39). Assim, a elite simbólica – nesse caso representada pelo governo, através do MEC, que tem a mídia em seu favor – controla com seu discurso a reprodução de opiniões, atitudes e ideologias. Sobre o setor educacional, por exemplo, esse mesmo teórico afirma que o currículo e as aulas são dirigidos por objetivos, assuntos e estratégias de aprendizagem que se coadunam com os valores e interesses dos vários grupos de poder da elite. Partindo desse princípio, escolheu-se uma propaganda do MEC sobre o novo Ensino Médio em que se observa a elite simbólica exercendo controle sobre a sociedade. As teorias da ADC (FAIRCLOUGH, 2016, 2003) serão utilizadas para análise dessa campanha específica em que discurso e poder se relacionam, permitindo que se faça um exame mais apurado do discurso, já que ultrapassam a descrição linguística, destacando fatores sociais e culturais que influenciam a produção e a reprodução dos discursos (SOARES, 2016).

Para explicar à população os benefícios das mudanças, o MEC escolheu, em sua propaganda, o ambiente mais próximo do tema: a sala de aula, usando como porta-voz de seu discurso uma professora, enquanto o telespectador deveria se portar como os alunos representados pelos atores, em silêncio e receptivo ao que lhe era trazido. Tal situação reforça a ideia de que “*os sem-poder nada têm para dizer, literalmente, não têm com quem falar ou precisam ficar em silêncio quando pessoas mais poderosas falam*” (DIJK, 2008, p. 44). A escolha planejada, portanto, não poderia ser mais apropriada aos seus objetivos, fazendo com que a ideia da ementa parecesse partir dos maiores interessados nela: Professores e estudantes. O problema é que o contexto de manifestações em redes sociais ou nas ruas partindo desse mesmo público deixa clara a discordância deles com esse discurso, revelando, assim, um conflito de poderes.

14. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/educacao/2016/10/1823853-em-sao-paulo-estudantes-protestam-contrareforma-do-ensino-medio.shtml>>. Acesso em: 10 de novembro de 2016.

Diante disso, o objetivo desse texto é analisar como as relações discursivas se constroem nessa campanha publicitária promovida pelo governo, a elite simbólica portadora do poder de dominação. Para uma análise mais efetiva, serão usadas, além da ADC no aspecto textual-discursivo, a Gramática do Design Visual em um dos trechos da publicidade, quanto às categorias relativas às Metafunções Representacional, Composicional e Interativa.

Representações Sociais

As representações sociais estão diretamente ligadas ao discurso, já que este se manifesta nas práticas sociais. Assim, “quando estudamos representações sociais, estudamos o ser humano, enquanto ele faz perguntas e procura respostas” (MOSCOVICI, 2015, p. 43). Por isso, representações sociais se constroem na e pela linguagem, já que essa carrega representações ao mesmo tempo em que veicula discursos. Jodelet (2001) afirma que representações são construídas para que o homem se ajuste, se conduza, se localize física ou intelectualmente, identifique e resolva problemas, compartilhando o seu mundo com outros. Para a autora¹⁵, as representações sociais, circulam nos discursos, são carregadas pelas palavras, veiculadas nas mensagens e imagens mediáticas, cristalizadas nas condutas e agenciamentos materiais ou espaciais. Por ilustração, as campanhas publicitárias trazem representações sociais que tanto atuam na definição de identidades pessoais e sociais, quanto na orientação de condutas. No caso da campanha em análise, a atriz escolhida para interpretar a professora não só representa a identidade de uma classe de profissionais, como também um grupo étnico – negros –, um gênero específico – mulheres – e ainda representa as instituições de ensino e o próprio governo. Tal escolha não é feita casualmente, mas com o objetivo de orientar uma conduta receptiva ao projeto do governo em relação ao Novo Ensino Médio.

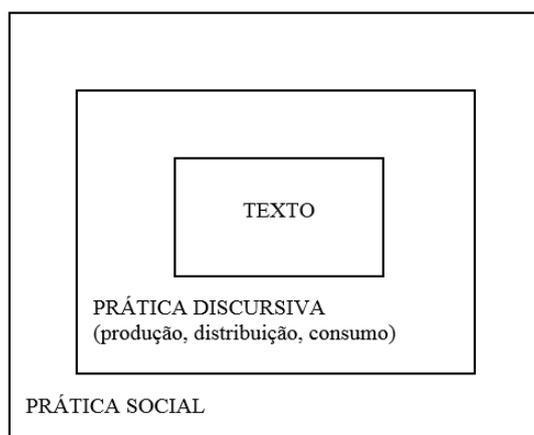
Percursos da Análise de discurso

Para compreender melhor como essas representações sociais acontecem e de que maneira circulam no discurso, é preciso contar com uma análise que alcance esse propósito. A Análise de Discurso Crítica – doravante ADC – é uma linha de pesquisa e análise transdisciplinar que vem se construindo desde 1980, tendo a preocupação de garantir uma atenção mais satisfatória em pesquisa social crítica para o discurso. Sua eficiência se deve ao fato de não conceituar o discurso a partir de uma visão de linguagem como uma atividade puramente individual, mas como prática social, o que faz do discurso um modo de agir sobre o mundo e sobre os outros, um modo de representação e de significação do mundo (FAIRCLOUGH, 2016).

15. Jodelet, D.: Représentations sociales: un domaine en expansion. In D. Jodelet (Ed.) *Les représentations sociales*. Paris: PUF, 1989, pp. 31-61. Tradução: Tarso Bonilha Mazzotti. Revisão Técnica: Alda Judith Alves Mazzotti. UFRJ- Faculdade de Educação, dez. 1993. Uso escolar, proibida a reprodução.

Para o autor, há três aspectos construtivos do discurso, pois ele contribui para a construção de identidades sociais (função identitária), de relações sociais entre pessoas (função relacional) e de sistemas de conhecimento e crenças (função ideacional): as três funções da linguagem, definidas por Halliday como Metafunções. Este teórico apresenta uma concepção tridimensional do discurso ilustrada através de um quadro (Ver Figura 1), uma tentativa de reunir três tradições analíticas: tradição de análise textual e linguística, a tradição macrossociológica de análise da prática social em relação às estruturas sociais e a tradição interpretativa ou microsociológica de considerar a prática social como algo que as pessoas produzem ativamente e entendem com base em procedimentos de senso comum partilhados (FAIRCLOUGH, 2016, p. 100). Pode-se afirmar que a prática discursiva contribui para reproduzir a sociedade e para transformá-la. Entre as práticas sociais, destacaremos a prática política que estabelece, mantém e transforma as relações de poder e as entidades coletivas (classes, blocos, comunidades, grupos) e a prática ideológica que constitui, naturaliza, mantém e transforma os significados do mundo de posições diversas nas relações de poder.

Figura 1 – Concepção Tridimensional do Discurso



Fonte: Fairclough, 2016.

As três dimensões do discurso propostas por Fairclough atendem, resumidamente, às categorias ilustradas na seguinte tabela:

Tabela 1 – Relação entre categorias e práticas do discurso baseada nos estudos de Fairclough (2016).

	Prática Textual	Prática Discursiva	Prática Social
Categorias	Vocabulário	Condição de Produção	Ideologia
	Gramática	Condição de Distribuição	Hegemonia
	Coesão	Condição de Consumo	
	Estrutura Textual		

Fonte: Elaborado pelas autoras.

A análise textual pode ser organizada em quatro itens: o vocabulário que trata, principalmente, das palavras individuais, a gramática, das palavras combinadas em orações e frases, a coesão trata da ligação entre orações e frases e a estrutura textual trata das propriedades organizacionais de larga escala dos textos. Fairclough acrescenta ainda a essa análise a 'força' dos enunciados, isto é, os tipos de atos de fala (promessas, pedidos, ameaças), a 'coerência' dos textos; e a 'intertextualidade' dos textos. Em nosso trabalho, o foco da ADC recai em tais aspectos textuais, apesar de se entender que a perspectiva tridimensional congrega o discurso como um todo.

A prática discursiva envolve processos de produção, distribuição e consumo textual, e a natureza desses processos varia entre diferentes tipos de discurso de acordo com fatores sociais (FAIRCLOUGH, 2016, p.106). A análise da prática discursiva deve envolver uma combinação do que se poderia denominar 'microanálise' e 'macroanálise'. A primeira é o tipo de análise em que os analistas da conversação se distinguem: a explicação do modo preciso como os participantes produzem e interpretam textos com base nos recursos dos membros. Na segunda se conhece a natureza dos recursos dos membros (como também das ordens de discurso) a que se recorre para produzir e interpretar os textos e se isso procede de maneira normativa e criativa.

A prática social envolverá conceitos de ideologia e hegemonia. Fairclough (2016, p. 121) entende que as ideologias são significações/construções da realidade (o mundo físico, as relações sociais, as identidades sociais) que são construídas em várias dimensões das formas/sentidos das práticas discursivas e que contribuem para a produção, a reprodução ou a transformação das relações de dominação. Elas surgem nas sociedades caracterizadas por relações de dominação com base na classe, no gênero social, no grupo cultural, e assim por diante, e, à medida que os seres humanos são capazes de transcender tais sociedades, são capazes de transcender a ideologia. A hegemonia, para Fairclough, é liderança tanto quanto dominação no que diz respeito à economia, política, cultura e ideologia de uma sociedade. Hegemonia é o poder sobre a sociedade como um todo de uma das classes economicamente definidas como fundamentais em aliança com outras forças sociais, mas poder este nunca atingido senão parcial e temporariamente, como um 'equilíbrio instável' (2016, p. 127), acrescenta ainda a essa análise a 'força' dos enunciados, isto é, os tipos de atos de fala (promessas, pedidos, ameaças), a 'coerência' dos textos; e a 'intertextualidade' dos textos.

A ADC torna-se um recurso eficaz para estudar as dimensões discursivas de uma campanha publicitária como a que usaremos como objeto de análise, permitindo que se faça um exame mais apurado do discurso, pois ultrapassa a descrição linguística, destacando fatores sociais e culturais que influenciam a produção e a reprodução dos discursos (SOARES, 2016).

As campanhas publicitárias veiculadas em televisão podem ser consideradas multimodais, cujo conceito relaciona-se à teoria da Semiótica Social (KRESS; van LEEUWEN, 2001, 2006 [1996]), enfocando a inter-relação de diferentes modos de significação ou modos semióticos, que incluem o linguístico, o visual, o gestual. Por ser um texto multimodal, a campanha publicitária requer um suporte teórico de análise que não se atenha apenas ao texto verbal.

Da mesma forma que as gramáticas tradicionais analisam a estrutura do texto, a Gramática de Design Visual de Kress e van Leeuwen (2006 [1996]) analisa a imagem, considerando os elementos que a formam e como se organizam no espaço, as cores usadas, as personagens envolvidas e outros recursos visuais que, em conjunto, atendem às necessidades comunicativas e discursivas de quem as produziu.

O corpus deste trabalho se trata de um vídeo publicitário do MEC sobre o novo Ensino Médio, naturalmente, apresenta imagens em movimento, logo, para análise será realizada uma transcrição multimodal, inserida na proposta de Baldry e Thibault (2006). Da GDV serão consideradas as Metafunções Representacional, Composicional e Interativa quanto aos aspectos semióticos que congregam o texto visual em investigação. Toma-se também a ADC de Fairclough (2016) no que tange aos aspectos que compõem a prática e a organização textual do gênero híbrido publicidade.

Análise do Discurso Crítica da campanha publicitária do Novo Ensino Médio

O objetivo das campanhas publicitárias é persuadir seus interlocutores, ao ponto de que eles *comprem* o que é vendido – marcas, produtos, ideias. A campanha em análise é um gênero híbrido, pois mistura os gêneros campanha publicitária, aula e propaganda política, os quais estão relacionados às áreas que costumam ter o controle sobre recursos que lhes conferem poder característico das “elites simbólicas”¹⁶ representadas na propaganda pelo ambiente de sala de aula, pela professora e pela marca do governo federal.

Para divulgar as mudanças do Novo Ensino Médio, o governo federal produziu uma campanha publicitária em que uma professora (Tabela 2), em sala de aula, ensinava a seus alunos os motivos da mudança do Ensino e os benefícios que essa nova estrutura traria aos jovens e à Educação do país. A tabela a seguir foi construída a partir do modelo de transcrição videográfica de Baldry e Thibault (2006, p. 5), sendo que, neste caso, não se considerou as informações que ocupariam as colunas de imagem visual, nem a de significado das representações, visto que neste trabalho será analisado, quanto às categorias da GDV, apenas frame nº 19, uma vez que nele há interação entre participante interativo e participante representado e também por questão de delimitação para análise. Portanto, na primeira coluna serão apresentados o

16. *Elites simbólicas* é a definição dada por Bourdieu (1989) àqueles que controlam o acesso preferencial ao discurso público. Nesse grupo se encaixam, por exemplo, “políticos, jornalistas, escritores, professores, advogados” (Dijk, 2008).

número de ordem do frame e o tempo de apresentação dele em minutos; na segunda coluna, visualiza-se a imagem do vídeo; na terceira coluna, a *cinestesia*, indica o movimento dos participantes que indiquem intenção comunicativa; finalmente, na quarta coluna os elementos sonoros, tanto do fundo musical, quanto da fala da professora e do narrador.

Tabela 2 – Transcrição videográfica baseada no modelo de Baldry e Thibault (2006) com adaptações.

Time (in/out)	Frame Visual	Cinestesia- movimento e gesto	Áudio e legenda do frame
1 0:01		Professora termina de escrever no quadro enquanto fala, voltando-se para os alunos que conversam entre si.	Prof.: <i>Atenção, turma!</i> Uma música suave de fundo tocada ao violão pode ser ouvida.
2 0:02		Professora está voltada para os alunos que agora se acomodaram nas cadeiras direcionados para a professora.	Prof.: <i>Porque agora é hora de falar de educação. Vocês sabiam que a última avaliação da educação...</i> Música de fundo continua suave.
3 0:07		Professora aponta para o quadro onde se lê a palavra “Educação”.	Prof.: <i>...mostrou que o Brasil precisa melhorar muito o Ensino Médio!</i> Música de fundo continua suave.
4 0:11		Alunos balançam levemente a cabeça em sinal de afirmação e concordância.	Prof.: <i>Isso mesmo.</i> Música de fundo continua suave.
5 0:13		Professora caminha na sala e abre espaço para que se leia o novo texto que surge no quadro.	Prof.: <i>O desempenho dos jovens em Matemática e Português...</i> Música de fundo continua suave.
6 0:17		Professora para e no quadro pode-se ler: “Menor do que há vinte anos” e a imagem de um polegar apontando para baixo.	Prof.: <i>...está menor do que há vinte anos.</i> Música de fundo continua suave.
7 0:19		Professora gesticula, usando dois dedos indicando o número de décadas sem melhorias no desempenho dos alunos.	Prof.: <i>Duas décadas, gente!</i> Música de fundo continua suave.
8 0:24		Professora caminha para o outro lado do quadro onde surge novo texto: “1,7 milhão de jovens fora da escola.”	Prof.: <i>E hoje são quase dois milhões de jovens que não estudam e nem trabalham.</i> Música de fundo continua suave.

9 0:26		Alunos balançam levemente a cabeça em sinal de concordância.	Prof.: <i>Preocupante, né?</i> Música de fundo continua suave.
10 0:28		Professora gesticula com os braços estendidos para frente, direcionados aos alunos em ângulo de 90° com palmas das mãos viradas para cima.	Prof.: <i>A gente precisa virar essa página.</i> Música de fundo continua suave.
11 0:31		Professora aponta com o dedo indicador e gesticula, em seguida, com os dois braços para a frente.	Prof.: <i>Melhorar a educação dos jovens é uma das tarefas mais importantes...</i> Música de fundo muda andamento, agora mais embalado e violão passa a ser acompanhado por teclado e percussão.
12 0:35		Professora gesticula mais uma vez com braços que vão do seu tórax até apontarem para os alunos num ângulo de 90° com as palmas da mão viradas para cima.	Prof.: <i>...e urgentes no Brasil. É pra ontem!</i> Novo andamento musical se mantém.
13 0:39		Professora caminha para outro lado do quadro onde se lê "Mais liberdade para escolher"	Prof.: <i>O Novo Ensino Médio vai dar mais liberdade pra você escolher...</i> Novo andamento musical se mantém.
14 0:42		Alunos balançam levemente a cabeça em sinal de concordância. Um deles coloca a mão no queixo.	Prof.: <i>...as áreas de conhecimento de acordo com a sua vocação e projeto de vida.</i> Novo andamento musical se mantém.
15 0:45		Aluna olha para o lado e sorri.	Prof.: <i>...ou ainda optar pela formação técnica...</i> Novo andamento musical se mantém.
16 0:47		Professora caminha para outro lado do quadro onde surge novo texto "Formação Técnica"	Prof.: <i>...caso queira concluir o ensino...</i> Novo andamento musical se mantém.
17 0:49		Professora gesticula com os braços flexionados em 45° com as palmas das mãos indo do seu tórax até apontarem para seus alunos.	Prof.: <i>...e já começar a trabalhar.</i>
18 0:51		Aluno sorri e Professora caminha pelo corredor de cadeiras.	Prof.: <i>Acesse o site e participe das discussões.</i> Volume da música de fundo aumenta levemente, predominando teclado.

19 0:53		O olhar da professora, agora se dirige à câmera, não mais aos alunos e seu corpo abre espaço para a leitura do novo texto no quadro: “Novo Ensino Médio/MEC.GOV.BR”	Prof.: <i>Agora é você quem decide o seu futuro.</i> Novo volume musical se mantém.
20 0:57 / 1:00		Surtem o logo do Governo Federal e o do Ministério da Educação num plano de fundo azul.	Voz masculina: <i>Ministério da Educação. Governo Federal. Ordem e Progresso.</i> Música de fundo segue até o fim para parte culminante, encerrando com a fala do narrador.

Fonte: Elaborada pelas autoras.

O gênero textual em análise é uma campanha publicitária institucional do Governo Federal relacionada à reforma do Ensino Médio. Como já mencionado, o gênero pode ser tomado como híbrido por mesclar inúmeros outros com a finalidade de persuadir o interlocutor acerca das medidas que se pretende adotar. A referida peça se dá em um contexto de sala de aula, bem apropriado em relação ao objetivo proposto. Os participantes se constituem, dessa forma, por uma professora e seus alunos. Como a transcrição acima revelou, em cada um dos quadros os personagens interagem de uma maneira amistosa e receptiva como se a professora realmente estivesse dando uma aula e convencendo os alunos a respeito do tema “ensinado”. Porém, o caráter normativo é muito frequente no discurso institucional. Observa-se, assim, que a prática textual e o ato de persuadir operacionalizam-se por meio de marcadores metadiscursivos, como os marcadores de validade, marcadores de atitude, conectores textuais – que podem ser mais adequados à análise microestrutural do gênero campanha publicitária e que são explanados na sequência.

Marcador de validade

O marcador de validade expressa a modalidade que, conforme Hodge & Kress (1988), estabelece os graus de autoridades do enunciado e pode ser dividida em dois enfoques, segundo Koch (1993) e Halliday (1994): modalidade deôntica e modalidade epistêmica. A primeira se refere ao que se deve fazer e a segunda enfatiza o grau da probabilidade, que passa a ser menos impositivo. Para essa análise, usaremos o método proposto por Soares (2016, p. 91) em que o processo **precisar** e suas variações se encaixam na mesma modalidade que os processos **poder** e **dever**, a modalidade deôntica. Seguem os casos de marcadores de validade que aparecem na campanha na fala da professora.

Tabela 3 – Marcadores de Validade - Transcrição da fala da professora na campanha publicitária em análise

Frame 3:	“o Brasil precisa melhorar muito o Ensino Médio!”
Frame 10:	“A gente precisa virar essa página”

Fonte: Elaborada pelas autoras.

Nos dois casos, a modalização deixa os processos no nível do dever, modalidade *deôntica*, cabendo aos brasileiros a responsabilidade e dever de melhorar o Ensino Médio. Além disso, é feito um reforço quanto ao nível de melhoria e a urgência para que aconteçam as mudanças, através da circunstância de intensidade expressa pelo advérbio **muito**, que também tem função modalizadora.

A modalidade *deôntica* também foi evidenciada no texto através do uso dos processos no modo imperativo (Tabela 4), o que é marca desse gênero textual que atua no campo da exortação.

Tabela 4 – Modalidade *deôntica* no uso do modo imperativo - Transcrição da fala da professora na campanha publicitária em análise

Frame 18:	“ <u>Acesse</u> o site e <u>participe</u> das discussões.”
-----------	--

Fonte: Elaborada pelas autoras.

Apesar da motivação para que se participe das discussões, o que se nota, nesse contexto de manifestações contra a reforma do Ensino Médio, é que não há participação popular na construção dessa medida, embora o governo queira aparentar, através de seu discurso nessa campanha publicitária, uma aparente democracia participativa.

Um tom menos impositivo, mas que ainda manifesta o posicionamento do autor da campanha está na modalidade epistêmica que se faz nos seguintes frames apresentados na tabela 5.

Tabela 5 – Modalização – Transcrição da fala da professora na campanha publicitária em análise

Frames 13 e 14:	“O novo Ensino Médio vai dar <u>liberdade para você escolher</u> as áreas de conhecimento de acordo com a sua vocação e projeto de vida.
Frame 15:	<u>Qu ainda optar</u> pela formação técnica,
Frames 16, 17 e 18:	<u>caso queira concluir</u> o ensino e já começar a trabalhar. <u>Acesse o site e participe das discussões</u> ”

Fonte: Elaborada pelas autoras.

O uso das expressões “**vai dar liberdade pra você escolher**”, “**optar**”, “**caso queira concluir**”, “**começar a trabalhar**” deixa implícita a modalização do poder e não do dever, conduzindo o interlocutor à ideia de estar conquistando a tão desejada liberdade, ideal de todo jovem, que, a propósito, é o principal alvo da campanha.

Marcadores de Atitude

Ainda há outros marcadores que reforçam o caráter de urgência nas mudanças, como os advérbios “**agora**”, “**mais**” e “**ontem**”. Os marcadores de atitude, como os adjetivos “**importantes**” e “**urgentes**”, visam persuadir o interlocutor sobre a importância de colocar essas mudanças em prática o quanto antes.

Tabela 6 – Marcadores de atitude - Transcrição da fala da professora na campanha publicitária em análise.

Frame 2:	“ <u>agora</u> é hora de falar de educação”
Frames 11 e 12:	“Melhorar a educação dos jovens é uma das tarefas <u>mais importantes e urgentes</u> no Brasil. É pra <u>ontem</u> .”

Fonte: Elaborada pelas autoras.

O argumento utilizado para fundamentar a urgência da aplicação da MP 746/2016, segundo o governo, é o baixo desempenho dos estudantes em Português e Matemática e a quantidade de jovens sem estudar e trabalhar.

Tabela 7 – Nominalização de processo- Transcrição da fala da professora na campanha publicitária em análise.

Frames 5 e 6:	“O <u>desempenho</u> dos jovens em Matemática e Português está menor do que há vinte anos.”
Frame 8:	“E hoje são quase dois milhões de jovens que não estudam e nem trabalham.”

Fonte: Elaborada pelas autoras.

A nominalização do processo “tem o efeito de pôr o processo em si em segundo plano – o tempo e a modalidade não são indicados – além de usualmente não especificar os participantes, de forma que agente e paciente são deixados implícitos” (FAIRCLOUGH, 2016, p.235-236). Assim, ao se nominalizar o processo “desempenhar”, evidencia-se que a voz do discurso não pertence aos jovens, mas a um grupo interessado em ter esses jovens com melhor **desempenho** na escola e trabalhando ao concluírem seus estudos.

Conectores Textuais

Os conectores textuais são usados para manter a coesão textual, “relacionando uma parte à outra, evitando repetições, ajudando na compreensão do leitor e contribuindo para o processo argumentativo” (SOARES, 2016, p. 112). No enunciado:

Tabela 8 – Conectores Textuais - Transcrição da fala da professora na campanha publicitária em análise.

Frame 8:	“E hoje são quase dois milhões de jovens que não estudam e nem trabalham.”
----------	--

Fonte: Elaborada pelas autoras.

As conjunções **e/e** **nem** são conectores sequencializadores, expressando uma relação de adição. Mas, além disso, reforçam o caráter negativo dos processos acompanhados do advérbio **não**, marcador metadiscursivo. O que conduz o espectador a considerar que não estudar, nem trabalhar sejam vistos de forma negativa para a sociedade, pois indica que não há participação na sociedade de consumo em que se vive.

O uso da ADC, na análise da parte textual do anúncio, foi útil para se perceber o caráter persuasivo no discurso da campanha publicitária do Novo Ensino Médio que, na escolha dos processos a serem utilizados, revelou a assertividade do texto e uma tendência maior para o uso da modalidade *deôntica*, típica desse gênero textual.

Análise Multissemiótica da campanha publicitária do Novo Ensino Médio

Congregando a análise, passaremos ao uso da Gramática do Design Visual (KRESS; van LEEWEN, 2006[1996]) que possibilitará a análise da parte não verbal da campanha publicitária. Por questão de delimitação analítica, escolheu-se a cena final da campanha para analisá-la quanto às Metafunções Composicional, Representacional e Interativa, buscando compreender, então, os elementos formadores e o discurso desse gênero multimodal.

Metafunção Composicional

Os elementos formadores da imagem no espaço da tela e a forma como se organizam são analisados pelos aspectos do valor informacional, da saliência e do enquadre, como propõe a GDV.

O valor informacional

Está relacionado aos valores atribuídos a uma imagem conforme a posição (direita/ esquerda; topo/base; centro/ margem) que ela ocupa no espaço, no caso da campanha publicitária, na tela.

Na cultura ocidental, atribui-se valores a cada item representado conforme a área que ele ocupa, obedecendo aos seguintes critérios: As posições de centro/margem dizem respeito à informação principal e a informação complementar, as de esquerda/direita estão associadas ao dado e ao novo; as de topo/base relacionam-se ao ideal e real (KRESS; van LEEUWEN, 2006[1996]). Observemos a cena final da campanha do MEC marcada com as categorias da Metafunção Composicional (Figura 2).

Figura 2: *Print* de cena da campanha publicitária em análise

Fonte: <<https://www.youtube.com/watch?v=M6KkuZPZeCs>>. Acesso em 21 de novembro de 2016.

As posições topo/base estão relacionadas aos valores de informação ideal/real. Na imagem, nota-se que, no topo, destacam-se o rosto da professora que estabelece contato com o espectador, mas o destaque maior se dá ao produto principal que se busca vender nessa campanha: O Novo Ensino Médio, que ocupa a posição do que seria ideal para a educação, assim como a professora sorridente e satisfeita com as mudanças também ocupa a posição do que seria ideal para o governo. Na base, observam-se os estudantes, representando o Ensino Atual que já se conhece, sendo esse o real. À esquerda da imagem, tem-se o dado, uma professora que já conhece as mudanças que o Novo Ensino Médio trará, e, à direita, destaca-se o novo, representado pelos alunos que aprendem as novas propostas de Ensino. Finalmente, no centro, o objeto principal dessa campanha, ocupando o lugar de informação principal, enquanto às margens, estão professores e alunos que integram as informações secundárias, sendo deixados em segundo plano pelo governo.

A saliência

Pode ser analisada no tamanho e no uso da cor da imagem que “pode ser usada textualmente, para criar coerência entre diferentes elementos” (van LEEUWEN, 2011, p. 11). Nessa campanha publicitária, as cores que se destacam são o azul e o amarelo, em coesão com as cores do governo atual. Mas, além disso, é importante entender que as cores podem desencadear efeitos fisiológicos. De acordo com a linguagem das cores (2011, p.9-23), o azul pode acalmar e o vermelho pode excitar. Além disso, o azul pode estar

relacionado a poder. Assim, a escolha do azul pode não estar associada apenas à circunferência na bandeira do Brasil, mas à possibilidade de acalmar possíveis manifestações contrárias ao projeto de mudança no Ensino, usando, para isso, o poder do discurso. Quanto ao amarelo, pode denotar inspiração e abertura a novas ideias (van LEEUWEN, 2011, p. 56), o que parece ser conveniente ao objetivo da campanha. Nota-se também que a professora está vestida com roupa no amarelo e os alunos, azul, denotando que ela está receptiva às novas ideias, enquanto os alunos estão dispostos a recebê-las de forma pacífica. Para completar, a expressão Novo Ensino Médio grafada no quadro utiliza as duas cores, deixando claro que a mudança agregará interesses tanto da professora, como dos alunos.

O enquadre

Está ligado a como os elementos compositores da revista se relacionam, sejam interligados, separados ou segregados. Na cena final da campanha, a professora escapa de um enquadramento que tome seu corpo todo, mas ocupa duas vezes mais espaço que os alunos. Isso porque é ela a portadora do discurso que deve ser evidenciado. O fato de ela estar num plano superior aos alunos também pode revelar poder.

Metafunção Representacional

As imagens podem representar a experiência, sendo conceituais e narrativas. As representações conceituais demonstram a identidade dos participantes, possibilitando a percepção deles enquanto membros de um grupo. As representações narrativas abordam os participantes interativos (PI), quem produz e quem lê a mensagem, e participantes representados (PR), o que está na imagem, bem como suas ações.

Representação Narrativa

Pode ser identificada através de algumas características como a presença de participantes envolvidos em um evento, a presença de vetores e um pano de fundo que contextualize tempo e espaço (Figura 3).

Figura 3: *Print* de cena da campanha publicitária em análise

Presença de participantes envolvidos em um evento, a presença de vetores e um pano de fundo que contextualize tempo e espaço.

Fonte: <<https://www.youtube.com/watch?v=M6KkuZPZeCs>>. Acesso em 21 de novembro de 2016.

Na cena final da campanha publicitária, os participantes envolvidos podem se classificar como *participantes representados (PR)* – a professora, os estudantes, as instituições educacionais e o governo – e *participantes interativos (PI)* – o governo federal na figura do MEC e os jovens e adultos a quem o texto se dirige. O vetor que indica ação é identificado pelas cabeças dos estudantes voltadas na direção do quadro e da professora que é a portadora do discurso e, portanto, o centro da atenção deles. Seu corpo, numa posição oblíqua, volta-se levemente para os alunos representados, mas antes de apontar para eles, aponta também para o quadro – portador do principal elemento da campanha - enquanto seu rosto se dirige ao espectador, que agora passa a fazer parte da aula ao ser motivado a acessar o site e participar das discussões, conforme a parte verbal do texto. Finalmente, o pano de fundo que revela uma sala de aula tradicional, representando o espaço onde ocorrerão as mudanças propostas pelo governo.

Representação Conceitual

Seu foco está nos atributos e nas identidades dos participantes, observada na disposição dos participantes, na relação parte/todo, na ausência de vetores ou de menor detalhamento de pano de fundo. Essa representação acontece por processos *analíticos* em que os elementos são representados em uma relação parte/todo, *simbólicos*, em que há presença de elementos na imagem que lhe confere novos valores, ou por processos *classificatórios*, quando os participantes são arranjados de forma relativamente simétrica. Assim, pelo *processo analítico*, a parte – os estudantes e a professora – representam o todo – o público afetado pela mudança, que seriam todos os professores

e alunos do Ensino Médio. O endereço do site no quadro também é parte que representa o todo – o governo federal. E a sala de aula também pode ser considerada a parte que representa algo maior – as instituições de Ensino Médio.

Considerando agora o *processo simbólico*, as cores predominantes, azul e amarelo, representam o governo atual que adotou um logo com essas cores (Ver último quadro da Figura 2). Dentro do processo simbólico ainda, pode-se considerar os estudos sobre representações sociais e identidade, pois a escolha de uma professora, não um professor, e negra, também não foi aleatória. Segundo Hall (2015, p. 45), “há uma fascinação com a *diferença* e com a mercantilização da etnia e da ‘alteridade’”. O uso de uma mulher negra serve tanto para representar um grupo étnico, por muito tempo, na história brasileira, privado da Educação, ao ponto de se instituírem sistemas de cotas nas universidades para corrigirem as diferenças. Tal escolha colabora para se criar empatia com esse grupo étnico que tem ganhado espaço e voz nas mídias, mas que ainda é um dos que mais sofrem as carências da Educação. Se o discurso partisse de um branco, correria o risco de ser avaliado de forma negativa, dada a fácil associação dele ao colonizador opressor, o que também ocorreria caso o discurso viesse diretamente do representante maior do governo, o atual presidente Michel Temer. A escolha de uma mulher também foi proposital, considerando-se as discussões sobre igualdade de gêneros que têm tomado espaço nas mídias e, por serem elas maioria nessa área de atuação profissional no Brasil. Assim, a escolha dos representantes visou uma maior aceitabilidade do discurso, buscando reduzir ao máximo a presença do governo federal na representação social feita pelos atores.

Por fim, nota-se pelo processo classificatório, o arranjo em que a professora e os alunos interagem, ocupando espaços opostos no enquadre, mas estabelecendo parceria voltando-se para o centro da imagem em que se destaca a expressão Novo Ensino Médio e o autor da proposta, o MEC.

Metafunção Interativa

Os recursos visuais como contato do olhar, a distância social entre leitor e imagem, a atitude revelada no ângulo formado entre o corpo do participante e o leitor no eixo horizontal e a situação de poder entre leitor e participante revelado no ângulo entre seus corpos no eixo vertical são algumas das formas pelas quais as imagens constroem relações entre os participantes representados e o leitor. Os participantes representados, durante todo o filme, estão interagindo entre si através do contato visual, só na cena final da campanha (Figura 4) se estabelece um contato visual com o espectador, justamente na parte que o texto verbal traz a mensagem de que “Agora é você quem decide o seu futuro”, estendendo ao espectador o benefício do Novo Ensino Médio

promovido pelo governo. Isso torna a relação mais pessoal, deixando o contato no nível da demanda, quando se trata da professora e o espectador, e menos pessoal quando se trata dos alunos e o espectador. A distância social é revelada de forma coesa com a parte textual, já que faz uso do *medium shot*, revelando uma relação social entre a professora e o espectador. Quanto ao poder, a análise mostra que o posicionamento oblíquo e frontal, denota participação do espectador, mas na relação da professora e alunos, enfatiza-se a posição de poder que ela tem sobre eles.

Figura 4: *Print* de cena da campanha publicitária em análise



O posicionamento dos participantes dispostos próximos ou distantes do leitor podem revelar relações íntima (*close-up*), social (*medium shot*) e impessoal (*longshot*)

Fonte: <<https://www.youtube.com/watch?v=M6KkuZPZeCs>>. Acesso em 21 de novembro de 2016.

Considerações

Os estudos sobre representação social associados à Análise de Discurso Crítica, à Gramática do Design Visual e à Transcrição Multimodal possibilitam uma análise mais efetiva de gêneros multimodais e dos discursos que estes congregam. O que permite a compreensão crítica dos recursos linguísticos e visuais utilizados para persuadir os interlocutores num processo de comunicação.

Quanto à ADC, observou-se que o discurso é formado por meio de relações de poder, principalmente, reveladas em marcadores de validade, característicos do gênero textual analisado neste texto, como os processos na modalidade deôntica – A forma verbal **precisar** e suas flexões e os e os processos no modo imperativo – que aparecem mais de uma vez, dando à campanha um tom impositivo quanto à necessidade de se aceitar as mudanças que o governo apresenta para o Ensino Médio. Além disso, a modalização do **poder** em alguns trechos, apesar de deixar o discurso menos impositivo, ainda apresenta a opinião do portador do discurso sobre a maneira como o interlocutor deve reagir ao Novo Ensino Médio. E a presença de conectores sequencializadores – *e*, *nem* – enfatiza o valor negativo da não aceitação às propostas do governo.

Neste sentido, a Transcrição Multimodal também permitiu que se pudesse analisar o texto, considerando cada um dos elementos microestruturais, o que, em discursos que se utilizam de múltiplos recursos linguísticos, possibilita uma análise mais específica, revelando, nesse caso, que discursos não são construídos apenas por meio do uso da linguagem verbal, mas através da associação de elementos sonoros – como fundo musical – e recursos visuais – seja no uso de cores, de gestos e de posições dos elementos organizados no espaço.

A GDV, aliada às propostas analíticas e teóricas anteriores, contribuiu para evidenciar que a construção do discurso em campanhas publicitárias se dá também através de recursos visuais que, no texto em análise, foram alocados de forma a convencer o interlocutor de que a proposta do governo para o Novo Ensino Médio é ideal – o que se nota pela posição da proposta no centro do último frame; deve ser recebida de forma passiva – como sugerem o uso das cores azul e amarela; já foi aceita pelos maiores interessados – o que foi evidenciado pela escolha da representação de uma professora e de alunos na campanha; e que o benefício das mudanças se estende ao interlocutor – como revela o contato estabelecido pela professora representada e o interlocutor.

Através desses estudos, pôde-se também compreender como discurso e poder se relacionam na publicidade governamental que é portadora de discurso político e ideológico, revelados em seus múltiplos códigos semióticos e usados com a intenção de persuadir o espectador e representar posições de poder.

Referências

BALDRY, A. P.; THIBAUT, P. *Multimodal transcription and text analysis*. Reino Unido. Oakville, CT: Equinox Publishing, 2006.

BOURDIE, Pierre. *O Poder simbólico*. Lisboa: Bertrand, 1989.

DIJK, Teun A. van. *Discurso e poder*. São Paulo: Contexto, 2008.

FAIRCLOUGH, N. *Analysing discourse: Textual analysis for social research*. London/New York: Routledge, 2003.

_____. *Discurso e mudança social*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2016.

_____. *Language and globalization*. London/New York: Routledge, 2003.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

HALLIDAY, M. *An Introduction to functional grammar*. London: Edward Arnold, 1994.

HODGE, R; KRESS, G. *Social semiotics*. London: Polity Press, 1988.

JODELET, Denise. *As representações sociais*. Rio de Janeiro: EduERJ, 2001.

KOCH, I G.V. *Argumentação e linguagem*. São Paulo: Cortez, 1993.

KRESS, G; van LEEUWEN, T. *Multimodal discourse: the modes and media of contemporary communication*. London: Arnold, 2001.

_____. *Reading Images: Grammar of visual Design*. Londres: Routledge, 2006 [1996].

MOSCOVICI, Serge. *Representações sociais: investigações em Psicologia Social*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

SOARES, Neiva M. Machado. *Gêneros textuais em Foco: argumentação em textos opinativos*. Curitiba: Appris, 2016.

van LEEUWEN, T. *The Language of colour: an introduction*. Routledge, 2011.

Vídeo do Novo Ensino Médio - Mec Novo Ensino Médio/01. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=M6KkuZPZeCs>>. Acesso em: 21 de novembro de 2016.

Novas ou velhas práticas na publicidade aérea contemporânea?!

Denise Teresinha M. Soares de Souza (UEA)
Neiva M. M. Soares (UEA)

Introdução

As práticas mudam a sociedade e a sociedade muda as práticas. É assim que caminha a humanidade. Em termos de linguagem, independente da forma semiótica como ela é empregada, isso é muito visível. No cenário atual, é possível observarmos grandes transformações em todos os contextos. Isso resulta em novas formas de pensar, agir, comunicar e até vender, visto que o mundo do consumo toma conta de quase tudo o que se faz. O objeto de estudo aqui são as publicidades de companhia aérea, mas não se trata de uma publicidade nos moldes de uns vinte anos atrás, o público alvo ainda é a família, mas em específico, um componente que passou a ter lugar de destaque ‘na poltrona’ doméstica com todos os direitos reservados aos demais membros. Eis que surgem novos atores – nossos queridos pets. Personagens esses que passam também a ter direito de inserção em outros ambientes, aqui especificamente, na cabine do avião. Assim voamos cada vez mais em busca dos nossos anseios e daqueles que nos cercam, justamente porque a evolução da sociedade nos permitiu repensar e atualizar práticas.

Escopo teórico sobre a pós-modernidade e a globalização

Na contemporaneidade, o termo pós-modernidade tem sido muito debatido, bem como as circunstâncias que deram início a essa nova era e mudanças sociais acarretadas na passagem da modernidade para a chamada pós-modernidade, sendo a globalização um dos fatores relevantes nesta transição, responsável também por transformações que reverberam na linguagem contemporânea. Fato, inclusive, evidenciado por Fairclough, no livro *Language and globalization* (2006).

Harvey (2011), ao pensar nas mudanças que ocorreram na sociedade ao longo do tempo, questiona se houve uma modificação tão grande na vida social a partir dos anos 1970, mesmo que tenham ocorrido mudanças na vida urbana, para que possamos falar sem errar que vivemos numa cultura pós-moderna, ou numa época pós-moderna. O autor destaca que o pós-modernismo representa uma espécie de reação ao modernismo ou de afastamento dele. Sendo assim, o pós-modernismo assinala a decadência das metanarrativas, cuja função era fundamentar e legitimar a ilusão de uma história humana “universal”.

Uma das primeiras reflexões do autor abrange a modernidade e o modernismo no campo das artes, destacando que o pós-modernismo surge como uma reação

à fixidez artística vigente. É possível perceber que as transformações na vida cotidiana das pessoas têm reflexo nas artes, na arquitetura, literatura e demais áreas.

Nesse sentido, Bauman (1999) parece concordar com as ideias de Harvey, ao afirmar que sempre estamos em movimento, que o mundo não para, mesmo fisicamente parados estamos em movimento, destaca também o caráter efêmero, fragmentário e caótico das ideias. Ao discutir a temática da globalização deixa claro que as diferenças entre ricos e pobres estão cada vez maiores. Demonstra que o poder de mobilidade se tornou o maior fator de estratificação social, e quem detém esse poder o utiliza para tirar vantagens, deixando os menos privilegiados à própria sorte. A mobilidade conseguiu transpor barreiras de tempo e espaço e com isso influenciou as sociedades que deixaram de possuir um caráter estável.

O autor utiliza a metáfora “turistas e vagabundos” para se referir às pessoas que transitam pelo mundo e destaca que estar em movimento é diferente conforme a posição social que se ocupa na sociedade. Os globais são os turistas, aqueles que se sentem em casa em qualquer lugar do mundo, fazendo o que quiserem, os outros são os vagabundos, os que não têm escolha. E acrescenta que:

A informação agora flui independente dos seus portadores; a mudança e a reorganização dos corpos no espaço físico é mais do que nunca necessária para reordenar significados e relações. Para algumas pessoas, para a elite móvel, a elite da mobilidade, isso significa, literalmente, a libertação em relação ao “físico”. As elites viajam no espaço e viajam mais rápido do que nunca. Graças à nova “incorporeidade” do poder na sua forma, sobretudo, financeira, os detentores do poder tornam-se extraterritoriais, ainda que corporeamente estejam no “lugar” (BAUMAN, 1999, p. 26).

Segundo o sociólogo (1999), estar em movimento é uma das características da sociedade de consumo, estamos sempre procurando objetos de desejo e quando os conseguimos, já começamos a pensar em outro, tanto pelo caráter efêmero das mercadorias quanto pelo anseio de satisfação imediata.

Nesse sentido, o consumismo se relaciona com o fenômeno da globalização, que transforma a vida das pessoas, pois, mesmo indiretamente, decisões de países com economia mais relevante atingem os países mais pobres. O mundo está em constante movimento e novos acontecimentos fazem com que velhos paradigmas sejam modificados.

Embora o termo pós-modernidade seja muito utilizado, Giddens (1991), indica que em vez de estarmos entrando num período de pós-modernidade, estamos alcançando um período em que as consequências da modernidade estão se tornando mais radicalizadas e universalizadas do que antes. Com isto, percebe-se que o autor questiona se realmente estamos vivendo uma era pós-moderna, embora

seja inegável que estamos em um momento de profundas transformações. Neste sentido, percebemos que ocorrem divergências entre os autores quanto à nomenclatura deste novo período, ainda que concordem que o momento é de total transformação.

Giddens (1991) enfatiza que a modernização “desencaixou” os indivíduos de sua identidade fixa no tempo e no espaço, trazendo um tempo universal jamais imaginado pelas sociedades tradicionais e ocasionou modificações profundas nos modos de vida das pessoas. O autor enfatiza ainda que a modernidade é inerentemente globalizante. Salienta que a globalização pode ser definida como a intensificação das relações sociais em escala mundial, que ligam localidades distantes de tal maneira que os acontecimentos locais são modelados por eventos ocorridos a muitas milhas de distância e vice-versa. Considera também que essa é uma das consequências fundamentais da modernidade, pois representa um processo de desenvolvimento desigual que tanto fragmenta quanto coordena, introduzindo novas formas de interdependência mundial. Sendo que tudo isso se reflete na linguagem, como argumenta Vieira:

Para escrever, no passado, bastava debruçar-se sobre uma máquina de escrever. Hoje, as exigências aumentaram em grande medida. Os textos requerem, além do aparato tecnológico, cores variadas e sofisticados recursos visuais. Ao texto pós-moderno acresce a necessidade de utilizar mais do que uma articulada composição de frases e períodos. Necessita-se de imagens, e até mesmo de sons e de movimentos (TV, cinema e internet), que se entrelaçam para construir os novos sentidos exigidos pelos textos contemporâneos (2007, p. 9).

Todas as transformações que vêm ocorrendo ao longo do tempo repercutem na língua e no discurso, e isso afeta a todos porque somos receptores de informações. Nesse contexto de relações bidirecionais, o momento atual trouxe novas tecnologias que modificaram o modo de estruturar, de produzir e de consumir textos.

Transformações discursivas e a Teoria da Multimodalidade

Neste contexto de grandes mudanças influenciadas pela globalização e suas consequências, um elemento que exerce um papel relevante é o discurso, já que ele também é afetado por estas transformações sociais e culturais que têm ocorrido em nossa sociedade. Fairclough (1992, 2001) afirma que as mudanças no uso linguístico estão ligadas a processos sociais e culturais mais amplos e considera a análise linguística como um método para estudar a mudança social.

Segundo Soares (2013), as relações locais, regionais, nacionais e globais resultam em profundas transformações discursivas associadas à globalização. Enfatiza que no livro

Language and globalization, de 2006, Fairclough considera que as práticas globalizantes têm implicações discursivas no social, no cultural, no tecnológico, no econômico. Disso resultam as novas formas de pensar e agir das pessoas, organizações e países. O linguista traz o conceito de ordem do discurso como a combinação de discurso, gênero e estilo, sugerindo que as transformações nas práticas sociais contemporâneas também alteram a ordem dos discursos. Isso faz emergir novos discursos (combinação entre econômico e social), novos gêneros (híbridos) e novos estilos (novas identidades).

O discurso é um meio de propagação das transformações que ocorrem em várias esferas da sociedade. Fairclough (2006) destaca a importância do discurso no contexto da globalização e sugere que a Análise de Discurso Crítica (ADC) pode contribuir de maneira significativa para a análise social, cultural e política, pois por meio de uma detalhada análise textual podemos perceber como as constituições discursivas são responsáveis pela construção de conceitos e representações sobre várias facetas da sociedade. Fairclough (2001, p. 23) estende a noção de discurso a outras formas simbólicas, como imagens visuais e textos que são combinações de palavras e imagens, como é o caso do discurso publicitário.

Devemos entender o discurso não constituído de uma única forma, mas por várias semioses, pois há o discurso verbal e o não verbal. Por isso, além da parte escrita é importante analisar aspectos referentes à parte semiótica dos textos. A Gramática do *Design Visual* (GDV) de Kress e van Leeuwen (1996) possibilita esta análise, pois permite interpretar aspectos não verbais presentes nos textos. Os autores consideram o visual tão importante quanto o verbal para a criação e entendimento de um texto. Esta gramática foi baseada em pressupostos da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) e segundo Vieira:

Na concepção de Halliday (1994), a proposta funcional liga-se diretamente aos textos, às estruturas e ao sistema linguístico. A gramática, por essa razão, intitula-se funcional porque tenciona dar conta do uso da linguagem. Desse modo, esse modelo não pretende descrever as estruturas linguísticas utilizadas por falantes ideais, mas deseja estudar, principalmente, o discurso real e efetivo dos falantes no momento de produção de discursos falados e escritos (2011, p. 200).

A LSF postula que as línguas naturais humanas diferem da linguagem de outras espécies pela sua capacidade de sobrepor diferentes tipos de significados num mesmo enunciado (PRAXEDES; ARRAES, 2017, p. 384). Para os autores, as metafunções ou significados que constituem o sistema linguístico possuem propósitos no texto escrito. A metafunção ideacional remete à compreensão do mundo ou representação de experiências cotidianas; interpessoal à

interação entre os participantes ou trocas de experiências cotidianas e textual à organização textual ou negociação das experiências por meio de textos coesos e coerentes. Neste artigo, será importante entender como esses significados se organizam na publicidade da empresa *GOL*, com ênfase no aspecto interpessoal tendo em vista a observação das relações que o participante, neste caso a empresa, constrói com os demais, que são os clientes.

A teoria multimodal vem sendo cada vez mais um suporte importante para que se analise imagens de uma forma mais consistente e com apoio de categorias analíticas desenvolvidas com base da Semiótica Social de Halliday (1994), inicialmente. A teoria foi se aperfeiçoando cada vez mais e tem no Brasil muitos pesquisadores que se debruçam a ensinar e aprender a “ler” imagens de uma forma precisa. Com base nos pressupostos hallidayanos, Kress e van Leeuwen, em 1996, apresentaram a Gramática do *Design* Visual (GDV) que servirá de referência para estudiosos da área e interessados em geral no modo como a linguagem e outros elementos semióticos funcionam para possibilitar ler o mundo visual. Teoria da multimodalidade conquista ganhando cada vez mais espaço considerando-se as inúmeras ferramentas digitais como forma de interação que surgem a cada dia, e o estudo da multimodalidade torna-se essencial dentro dos domínios dessas novas práticas (HALLORAN; SMITH, 2011, p.1).

Kress e van Leeuwen (1996) se basearam nos pressupostos teóricos da LSF para estruturar a GDV e transpuseram as metafunções para o campo das imagens, no entanto, as renomearam e as mesmas passaram a ser chamadas de significado representacional, no que tange ao modo de compreender o mundo, significado interativo quanto às relações entre os participantes presentes na imagem e significado composicional, modo como a imagem está organizada para compor o texto no qual as metafunções e significados ocorrem simultaneamente. A GDV constitui-se aporte teórico, cada tipo de significado possui uma série de categorias analíticas que podem ser utilizadas para respaldar uma análise, como demonstrado no Quadro 1, a seguir:

Quadro 1: Categorias analíticas da GDV

Significado representacional	Significado interativo	Significado composicional
PARTICIPANTES participante interativo: produtor, receptor Participante representado: imagem, pessoas, lugares. ESTRUTURAS REPRESENTACIONAIS (narrativa e conceitual)	CONTATO (demanda e oferta) DISTÂNCIA (íntima, social e impessoal) ATITUDE (ângulo horizontal frontal, ângulo horizontal oblíquo, ângulo vertical alto, ângulo vertical baixo, ângulo equânime) MODALIDADE (naturalista, não naturalista, abstrata)	VALOR INFORMACIONAL (dado, novo, real, ideal, centro, margem) SALIÊNCIA (tamanho, cor, saturação, contraste, perspectiva) ENQUADRE (conexão e desconexão)

Fonte: Elaborado pelas autoras baseadas em Kress & van Leeuwen (1996, 2006) e Soares e Vieira (2017).

Na teoria da multimodalidade, a linguagem é vista como forma de comunicação e representação, descreve abordagens que entendem a comunicação e a representação indo além da linguagem, abrangendo outras formas comunicativas utilizadas como o gesto, o olhar, a imagem e a postura (JEWIT, 2009). Todos esses aspectos estão presentes no discurso e podem ser estudados por meio da GDV, como destacam Vieira e Soares:

Kress e van Leeuwen ao considerar a similitude entre as imagens visuais e a língua, relacionam o universo das imagens às metafunções. Para eles, na função ideacional, usamos a língua para representar o mundo interno e externamente; na função interpessoal, conectamos relações e interações sociais, por exemplo, quando persuadimos o leitor de uma revista a comprar algo; na função textual, organizamos as informações visuais de forma coesa e coerente (2013, p. 237).

Nessa acepção, todos esses significados estão presentes nos textos, por exemplo, em publicidades, que é o gênero analisado neste artigo. A publicidade é um exemplo de concretização do texto multimodal em uma mescla de linguagem verbal e não verbal, caracterizando-se por ser uma prática social persuasiva que visa influenciar o consumidor a fazer ou consumir algo. S'antanna argumenta que:

Ao conceber uma campanha publicitária e iniciar seu planejamento, a primeira coisa a ter em mente é o grupo consumidor a que a mesma se destina, pois é do conhecimento do consumidor real ou potencial que é possível estabelecer o tema, selecionar os estímulos ou apelos e determinar o gênero de veículos mais apropriados a difundir a mensagem (1998, p. 193).

Logo, para produzir um texto de forma atraente uma gama de recursos discursivos são ativados vão além de um mero discurso verbal. A sociedade pós-moderna, permeada pelo consumismo e pelo crescente uso de recursos visuais, convergiu em uma nova configuração dos textos cada vez mais visuais. Assim, a análise de textos publicitários torna-se um mecanismo para desvelarmos as estratégias que são utilizadas para nos influenciar a fazer parte de uma sociedade de consumo.

Sendo um gênero que coloca seres humanos em situação de comunicação, pois busca uma interação com o espectador, o texto publicitário exige uma série de estratégias para persuadir o leitor, e muitos desses mecanismos passam despercebidos, embora façam parte da constituição do texto. Logo, fatos que ocorrem no nosso cotidiano afetam as produções discursivas.

Metodologia

Neste artigo serão analisadas três publicidades da revista *GOL* (2016). Para isso, o pressuposto teórico será da Gramática do *Design* Visual, com ênfase no significado interativo e composicional e suas respectivas categorias analíticas, aliado às prerrogativas da Análise do Discurso Crítica que complementam o que será explicitado no discurso visual da marca *GOL*.

O significado interativo revela as relações e interações sociais, no caso da publicidade, quando se busca uma aproximação com o potencial consumidor para que ele venha a adquirir o que está sendo anunciado. O composicional caracteriza-se por ser o meio no qual ocorre a disposição das informações visuais de forma coesa e coerente na organização do texto publicitário. As publicidades em análise foram produzidas e veiculadas na revista de bordo da empresa aérea *GOL*, no mês de novembro de 2016, e em sua rede social, por fim, na outra ponta, sob o olhar do consumidor, faremos um contraponto com as notícias que tratam de animal extraviado pela mesma empresa.

Análises multimodais

Muitos estudiosos da semiótica e das múltiplas linguagens ressaltam que o uso das imagens vem cada vez mais ganhando espaço e sendo decisivo para realizar escolhas, para construção de representações, para marcar e delimitar espaços, para representar identidades, para identificar e separar grupos, ou seja, são inúmeras e intensas as funções ocupadas pelas imagens, bem como as simbologias a elas associadas.

No caso do texto aqui analisado, a campanha publicitária da *GOL* tem como tema a oferta de um novo serviço, o de transporte de animais na cabine, talvez por reconhecer que no contexto atual, muitos animais são considerados membros das famílias, tornando-se, assim, potenciais clientes (Imagem1).

Imagem 1: Toda sua família a bordo



Fonte: Revista GOL, Linhas aéreas inteligentes, novembro de 2016.

Observamos acima, na Imagem 1, uma gama de recursos comunicativos, com destaque para o texto visual, que revela a relação de carinho entre uma menina e seu ser de estimação, e o texto escrito que remete a esses atores sociais, pois, mesmo que o foco da análise sejam os aspectos não verbais, o verbal por ser parte inerente ao texto também será enfocado.

Na imagem temos três atores sociais que, para Kress e van Leeuwen (2008), são os participantes das práticas comunicativas e podem estar inclusos ou excluídos; nomeados ou não, personalizados ou não. Segundo Soares e Vieira (2013), a inclusão dos atores sociais pode ocorrer de forma genérica ou específica, a primeira é mais ampla e não há uma identificação dos atores, a segunda os nomeia, os identifica como parte de um grupo específico. No caso da imagem, temos nitidamente a menina, o cão e a própria companhia aérea como os principais atores sociais. Nem um dos dois é identificado ou nomeado, apenas de forma genérica; por outro lado, a GOL é identificada claramente como a empresa de transporte que está oferecendo o serviço para os atores representados na imagem e para os participantes que interagem com a publicidade.

Por meio do *significado interativo*, podem ser verificados aspectos relacionados com as tentativas de aproximação ou de afastamento com o receptor do texto. No que tange ao primeiro aspecto desta categoria, percebemos que os atores sociais mantêm contato entre si, mas não com seu interlocutor, assim não há envolvimento entre eles, sendo o interlocutor apenas observador da cena, até porque os atores sociais são uma criança e um animal que são somente observados, contemplados pelo seu espectador, estão em posição de *oferta*. O segundo aspecto deste tipo de significado refere-se à *distância* social que há entre os atores sociais e seus espectadores. Na imagem, verifica-se um *plano geral* demonstrando *impessoalidade* entre os participantes. O terceiro aspecto relaciona-se à *atitude* dos atores sociais, na Imagem 1, estão representados de maneira oblíqua sem envolvimento com seu interlocutor, no entanto, entre eles a relação de olhar é diferenciada, o olhar da menina é de cima para baixo demonstrando superioridade em relação ao animal, pois ele pertence a ela, o olhar dele é de baixo para cima demonstrando submissão e conferindo poder à menina. O último aspecto de análise do significativo interativo, denomina-se *modalidade* e refere-se ao nível de realidade que a imagem representa e relaciona-se à escolha das cores utilizadas na produção dos textos. Neste anúncio, percebemos o predomínio das cores claras, com ênfase na cor laranja presente em uma parte da blusa da menina e no logotipo da empresa, aspecto que remete à cor predominante (laranja) e marca da companhia aérea.

A Imagem 1 pode ser analisada quanto ao *significado composicional* enfatizando o aspecto *informacional* que abrange a orientação *vertical* que analisa o *ideal* e o *real* e a

horizontal que compreende o dado e o novo. Na publicidade, na orientação vertical, percebemos que os atores sociais, menina e cão estão representados no plano ideal, localizados mais acima na imagem, enquanto as informações concretas que se referem ao transporte de animais em cabines de aeronaves estão situadas mais baixo, na posição considerada *real*. Na orientação horizontal, percebemos os significados que são construídos socialmente, no qual o *novo* localiza-se à direita, enquanto o *dado*, o já conhecido, fica na parte esquerda da imagem. Assim, na imagem isso se confirma, pois o cão está localizado do lado direito representando este novo serviço oferecido pela empresa aérea, enquanto a menina localiza-se na parte esquerda, é a informação já dada, pois a empresa também oferece um serviço para que menores de idade, mesmo desacompanhados, possam viajar.

No aspecto discursivo, a ADC, via prática textual, enfatiza a importância dos recursos linguísticos na construção discursiva com o intuito de convencimento, no caso da publicidade em questão. Neste sentido, analisamos as modalidades discursivas. Segundo Soares (2016), a modalidade epistêmica expressa probabilidade, marcada pelo uso constante de advérbios como “certamente, provavelmente e usualmente e por verbos modais como “poder e dever”.

A modalidade epistêmica se faz presente e transparece em dois enunciados da peça publicitária (Texto 1, abaixo):

Nos voos internacionais da GOL,
seu pet *pode ir* junto com você.
Você *pode levar* seu pet dentro do kennel somando
até 10 kg embaixo da poltrona a sua frente.
Acesse voegol.com e saiba mais

Fonte: revista GOL, 2016.

O Texto 1 revela por meio da modalidade um grau de probabilidade, ou seja, o consumidor agora possui a opção de levar seu animal para viajar consigo, é um recurso discursivo que complementa o visual, com o intuito de persuadir seu interlocutor a adquirir o novo serviço, mas de uma maneira sutil e que não parece imposição, característica típica da linguagem publicitária.

De forma conjunta com a oferta deste novo serviço, a GOL começou a veicular nas redes sociais uma campanha chamada “Pets of Gol” que mostra a relação de carinho entre colaboradores e seus animais de estimação. Como toda campanha tem um propósito, é provável que seja justamente para reforçar o novo serviço oferecido, mas também pode ser com a intenção de demonstrar para a sociedade que ela é uma empresa que se preocupa com os animais, já que anteriormente à campanha repercutiram na imprensa vários casos de animais que foram extraviados pela empresa (ver análises do final do artigo).

Em momento de alta propagação de informações, característico dos tempos pós-modernos, do mundo digital, da compressão do tempo e do espaço, notícias negativas podem ter sido nocivas em termos de venda deste serviço, pois o cliente perde a confiança. Assim, ao fazer campanha “Pets of Gol” com os funcionários e seus animais de estimação é possível que essa seja salutar à imagem empresarial, ao demonstrar preocupação com o bem-estar animal. A seguir, exemplos desta campanha que circulou nas redes sociais da empresa aérea (2016) que busca evidenciar uma relação afetuosa entre seus funcionários e seus respectivos animais de estimação.

Imagem 2 – Nilton e Baú



Imagem 3 – Bruna e Pretinho



Fonte: <<https://www.facebook.com/voegol/photos>>

Nessas imagens dos colaboradores, há a representação dos atores sociais de forma específica, pois o nome deles é citado, são identificados como funcionários da empresa *GOL*. Neste caso, Nilton, Bruna e seus animais de estimação, são atores sociais específicos e percebemos uma intencionalidade discursiva e visual, afinal eles estão com o uniforme da empresa, o cão está com uma bandana laranja combinando com o uniforme de sua dona; o felino, embora sem nenhum adereço é da cor amarela pendendo para o laranja. Assim, essa campanha reforça a imagem da empresa por meio da exposição de seus funcionários, mesmo que de maneira indireta lucra com isso e efetiva uma ação publicitária diferenciada. Há uma relação interdiscursiva entre os temas da campanha publicitária cuja mescla contribui para fortalecer os serviços oferecidos. Logo, se a intenção é vender um serviço destinado aos pets, o uso dos animais identificados como parceiros nas fotos coaduna com o discurso da Empresa, parceira não só dos funcionários, mas também dos animais e que entende as suas necessidades e a de seus donos.

Se considerarmos o aspecto interativo dos participantes, humanos e não humanos, observamos que os quatro interagem com o *viewer* - observador, proporcionando uma relação de proximidade, corroborado também pelo fato da foto estar em um ângulo fechado. Não há assimetrias que poderiam evidenciar relações de poder, e o fato de Nilton e Bruna sorrirem converge para estabelecer um contato mais cordial e amigável com os interagentes.

No aspecto composicional, os participantes estão posicionados ao centro, não se pode dizer que um está mais saliente do que o outro, o enquadre encaixa humano e não-humano como um conjunto. Se consideramos a questão do *dado e novo*, embora não tão evidente, devido ao enquadre mais centralizado, nas duas imagens, é possível ver que o animal está à direita, o que poderia sugerir o caráter de novidade quanto à proposta da empresa. No aspecto da coesão visual do texto, observamos que foi produzido para estabelecer um link com a imagem da empresa, presente no diálogo das cores utilizadas por todos os participantes. Logo, podemos remeter aos autores da GDV, para quem os signos não são tão arbitrários como se supunha, pois ao se fazer uma campanha publicitária cada aspecto semiótico é meticulosamente calculado para criar um efeito de sentido no público-alvo.

As publicidades acima evidenciam por meio do aspecto visual e discursivo uma realidade que vem sendo adotada por inúmeras companhias por conta de seus clientes terem cada vez mais animais e desejarem viajar com eles. Logo, a empresa vê nisso, não somente uma forma de agradar o cliente, mas acima de tudo uma possibilidade de um retorno financeiro. Há também um forte apelo emocional adicionado quando se apresentam animais em uma publicidade, ainda mais quando aparecem com seus verdadeiros donos. Imagens essas que podem persuadir com mais eficácia o possível cliente que tem a intenção de viajar com seu animal de estimação. Criando um possível vínculo entre o público e o serviço que pode ser avaliado como sério e de qualidade.

Podemos depreender que os novos serviços fazem parte de uma estratégia de melhorar sua imagem frente ao público, aliada a uma reconfiguração do discurso das empresas, visto que há uma carência do serviço, bem como de uma qualidade naquele que já é ofertado.

Finalmente podemos dizer ainda em relação à análise que o conhecimento dos diferentes modos semióticos permitirá ao indivíduo um domínio das ferramentas de letramento multimodal, visto que fora da escola as imagens têm cada vez mais um poder de persuasão, dialogando com o interlocutor e fazendo com que ele consuma produtos, assimile uma ideia ou visão de mundo, ou repense suas atitudes, por exemplo, no mundo do consumo, da moda, das novas orientações gênerose práticas sociais contemporâneas. Multimodalidade e o multiletramento possibilitam os indivíduos a se tornarem mais aptos quanto às demandas das novas práticas sociais existentes na contemporaneidade.

Considerações

No novo contexto pós-moderno, permeado por constantes transformações oriundas da tecnologia e da globalização, o discurso publicitário assume um papel essencial, pois através dele conceitos e ideias são propagados,

e imagens são vendidas. Por meio da análise de textos publicitários, baseados na teoria da Multimodalidade com o auxílio das categorias GDV, percebemos que as imagens não são empregadas sem propósitos e nem produzidas aleatoriamente, podendo as estruturas visuais serem lidas da mesma forma que as verbais, como afirmam os teóricos idealizadores da Gramática do *Design Visual*.

Para Kress e van Leeuwen (1996), o fluxo global do capital e da informação dissolve não somente as fronteiras culturais e políticas, mas também as semióticas, sendo essa uma das características do discurso contemporâneo. Remetendo à ADC, ressaltamos que o discurso se alia à teoria da perspectiva multimodal, ao considerar as diferentes semioses que o constituem indo além do aspecto meramente linguístico da prática social. Em um mundo globalizado, o discurso visual está presente em todos os espaços, em especial na produção de anúncios publicitários que enfatizam posturas, gestos, cores, principalmente, mais marcantes no ambiente *on-line*. Assim como o discurso verbal traz informações sobre o mundo e revela interesses de seus produtores, o discurso visual também o faz e às vezes de forma a simular uma aparente naturalização, via dadas práticas ideológicas.

Por meio desse aporte teórico, proporcionado por analistas da pós-modernidade, pela Gramática do *Design Visual* e Análise de Discurso Crítica, entendemos que discurso visual contemporâneo está se transformando e se adaptando às novas tendências advindas do mundo moderno, e que tudo que acontece pode reverberar em novas produções discursivas. Observamos, como parte do cenário moderno ou pós-moderno, um reposicionamento das marcas, sendo que isso faz parte de demandas dos próprios consumidores que possuem novas necessidades a serem atendidas. Logo, as companhias, como a GOL, veem nisso uma forma vender produtos e conquistar públicos. É necessário, no entanto, que serviço ofertado visual e discursivamente esteja consoante com realizado no dia a dia das empresas aéreas.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. *Globalização: as consequências humanas*. Tradução de Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Izabel Magalhães, coordenadora de tradução. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2001.

_____. *Language and globalization*. London and New York: Routledge, 2006.

GIDDENS, Anthony. *As consequências da modernidade*. Tradução Raul Fiker. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

HALLIDAY, M.A.K. *Functional grammar*. 2 ed. New York: Routledge, 1994.

HALLORAN, K.; SMITH, B. *Multimodal Studies*. Exploring issues and domains. London, New York: Routledge, 2011.

HARVEY, David. *Condição pós-moderna*. 21.ed. São Paulo: Edições Loyola, 2011.

JEWIT, C. *The Routledge handbook of multimodal analysis*. London: Routledge, 2009.

KRESS, G; van LEEUWEN, T. *Reading images: the grammar of the design visual*. London: Routledge, 1996.

PRAXEDES FILHO, Pedro Henrique Lima; ARRAES, Daniel de Albuquerque e. Avaliar ou não avaliar, eis a questão: o estado da arte nas pesquisas sobre avaliatividade em audiodescrição. *Trab. linguist. apl.*, Campinas, v. 56, n. 2, p. 379-415, agosto de 2017.

SOARES, N. M. M. *Discurso verde: reposicionamento discursivo das marcas*. Tese de Doutorado. Universidade de Brasília: Brasília, 2013.

_____. *Gêneros textuais em foco: argumentação em textos opinativos*. Curitiba: Appris. 2016

SOARES, N. M. M; VIEIRA, J. A. *Hibridismo discursivo e multimodal: novas paisagens discursivas reconfiguradas*. In: SOARES, N. M. M (org.). *Análise em discurso semiótica e multimodalidade*. Manaus: UEA edições, 2017.

Van LEEUWEN, T. *Discourse and practice: new tools for critical discourse analysis*. New York: Oxford University Press, 2008.

VIEIRA, J.; ROCHA, H; MAROUN, C; FERRAZ, J. *Reflexões sobre a língua portuguesa: uma abordagem multimodal*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

Um rápido olhar para as origens da ADC

De forma geral, todas as vertentes da ADC têm por base a Gramática sistêmico-funcional de Halliday (1985), conseqüentemente, originam-se da Linguística textual, pois Halliday participou dela e contribuiu, juntamente com Hassan, para um excelente tratamento da coesão textual.

A Linguística Textual

O descontentamento dos linguistas propiciou que na segunda metade do século XX, houvesse uma mudança no paradigma linguístico. A atenção voltada para o sistema da língua fora de uso é substituída pela atenção voltada ao uso efetivo da língua. Para tanto, foi necessário abandonar a unidisciplinaridade dos estudos linguísticos para desenvolvê-los com inter, multi e transdisciplinaridade. O objeto de estudo também mudou, não mais a exclusividade do sistema, pois a prioridade, agora, é o estudo do texto e do discurso, por serem eles que ocorrem no uso efetivo da língua.

A Linguística Textual consolida-se na segunda metade do século XX, tendo por ponto de partida que seu objeto de estudo é o texto e que este não se reduz a uma seqüência indefinida de frases. Os linguistas textuais têm por tarefa: 1. tratar da noção de completude do texto, ou seja, o que é um texto completo e porque ele se diferencia de um texto interrompido; 2. apresentar e definir as noções de coerência e coesão; e 3. construir uma tipologia de textos.

Para que essas tarefas pudessem ser cumpridas, foi necessário recorrer às ciências cognitivas. Dessa forma, diferenciaram texto-produto, com enunciação oral ou escrita, de texto-processo, ou seja, texto de natureza memorial, construído com formas de representações mentais dos referentes textuais. O texto-produto foi tratado por teorias da enunciação e da argumentação. O texto-processo, pelo processamento da informação com teorias das memórias humanas.

Beaugrande e Dressler (1981) apresentam os fatores de textualidade: dois internos (a coesão e a coerência), e os outros externos (informatividade, intertextualidade, intencionalidade, aceitabilidade e situacionalidade). No que se refere aos fatores internos, a coesão é vista como a sintaxe textual. Já a coerência, como a produção dos sentidos, até se construir o sentido mais global do texto processado.

Halliday e Hassan (1985) apresentam uma teoria da coesão textual, diferenciando na seqüenciação das palavras de um texto a forma pela qual elas se relacionam entre si tanto

por formas remissivas lexicais quanto por formas remissivas gramaticais. Só assim foi possível tratar da referenciação e dos fatores de textualidade, para se saber o que faz com que uma sequência de frases seja um texto ou pseudo-texto.

Halliday e a Gramática sistêmico funcional

Halliday (1985), dando prosseguimento aos seus estudos textuais, verifica que as formas remissivas lexicais e gramaticais adquirem nos textos determinadas funções que não são sistêmicas. Sendo assim, entendeu que a língua em uso é guiada por outras regras sociais que não são as da Gramática do sistema da língua, mas estão relacionadas tanto às ideias quanto às relações textuais e interpessoais. Com essas bases, desenvolve e publica sua Gramática sistêmico-funcional. Nesse sentido, ao se referir ao fator da informatividade, relacionando-o aos demais fatores de textualidade, diferencia o “dado”, o conhecido pelos interlocutores, do “novo”, o não conhecido que é informado pelo texto.

Em síntese, Halliday propõe que uma língua se define por um sistema, um conjunto de unidades de dimensões diferentes, com suas próprias regras gramaticais, regras combinatórias. Por exemplo, no caso da língua portuguesa, esta tem um único sistema que é válido para todos os países lusófonos. Porém, em cada um desses países o uso da língua varia, por isso o português brasileiro difere do português europeu. Os usos variam porque, no uso efetivo da língua, as unidades sistêmicas adquirem funções diferentes que podem ser agrupadas em três metafunções: a ideacional, a textual e a interpessoal. As funções adquiridas são guiadas pela cultura e pela ideologia e suas relações com o poder e a dominação imposta por ele, além das intenções do produtor em suas interações comunicativas.

A Análise do Discurso Crítica

A ADC está voltada para a linguística crítica e está situada com as Ciências Sociais nas relações de poder e dominação expressas no uso efetivo da língua em textos produzidos conforme a prática discursiva. Nesse sentido, toma como ponto de partida a gramática sistêmico-funcional de Halliday e busca analisar as funções sociais das unidades sistêmicas que ocorrem no uso da língua, em textos.

Postula-se, para tanto, uma dialética entre o social e o individual: o social guia o individual e este modifica o social. Segundo Fairclough (2001, 2003), a ADC objetiva, por meio da investigação das práticas discursivas e da análise textual, verificar as representações que permeiam um dado evento e as estruturas que sustentam as práticas que lhes são subsidiárias. O discurso é um momento irreduzível da vida social, em constante articulação dialética com outros momentos de práticas sociais: ação/interação, relações sociais, mundo material e pessoas, com crenças, valores, atitudes, histórias.

Dessa forma, o sujeito é visto como um elemento dinâmico que, percorrendo as consciências humanas e as interações entre as pessoas, age conjuntamente com outros elementos das práticas sociais discursivas tanto de forma positiva quanto negativa. Investigar tais práticas é um esforço para se compreender os fenômenos sociais.

A ADC utiliza o conceito de discurso como uma das práticas sociais que propiciam investigar contextos específicos, a partir da linguagem (sons, letras, imagens, cores etc). Porém, o discurso também é visto como uma força dinâmica, um elemento mais abstrato da prática social que influencia a sociedade e é por ela influenciado na construção de valores culturais e ideológicos que estão presentes nas formas de representação, tanto do que o texto traz pelo verbal ou multimodal quanto pelas formas de representação mentais, vistas como formas de conhecimento social e individual. Assim, a ADC é tanto uma teoria discursiva para análise linguística dos textos quanto uma teoria social para a análise dos fenômenos sociais, das práticas e costumes em comunidade; nesse sentido, busca tecer uma crítica social.

Sendo assim, com uma visão crítica, os analistas do discurso estão atentos a questões relativas à injustiça, preconceito, perigo, sofrimento, como também os contextos em que essas distorções emergem, com vistas à mudança social. O texto é o ponto de partida para as análises que visam, de forma ética, denunciar os abusos do poder e sua dominação social. Os textos analisados são verbais e multimodais (verbal, imagens e cores). Dependendo do tipo de texto analisado e de como essas análises se relacionam com as Ciências Sociais e com as Ciências Cognitivas, ocorrem as vertentes da ADC. Elas são: a social, a semiótica social e a sociocognitiva.

A vertente social está ligada à Escola Inglesa, cujos principais representantes são Fairclough e Thompson, que estão relacionados às Ciências Sociais. Esses autores propõem uma dialética entre sociedade e discurso. Toda mudança social produz uma mudança no discurso e este, por sua vez, produz uma mudança social. Os textos analisados são verbais e as análises são alimentadas pela intertextualidade e atos de fala com a sustentação da ideologia do poder e suas estratégias de dominação social.

A vertente semiótica social tem as mesmas bases da vertente social, mas trata de textos multimodais. Seus principais representantes são Kress e van Leeuwen. Esses autores também postulam que toda mudança na sociedade produz mudança no discurso e vice-versa. Dessa forma, com as altas tecnologias da pós-modernidade, ocorre uma mudança no discurso. Antes havia o privilégio dos textos verbais; atualmente, os multimodais têm maior circulação.

Kress e van Leeuwen (1996) entendem que a maioria das pessoas não sabe ler esses textos que são compostos pelo verbal, imagens e cores. Anteriormente, quando

imagens e cores ocorriam com o verbal, elas o reproduziam. Atualmente, as imagens e cores carregam sentidos para o verbal, modificando-o. Por essa razão, os autores se propuseram a fazer uma gramática do visual.

A vertente sociocognitiva está relacionada às Ciências Sociais e às Ciências Cognitivas, pois postula que todas as formas de conhecimento, sejam individuais sejam sociais, são construídas no e pelo discurso que é guiado pelo social, mas também este é modificado pelo individual. Em síntese, todas as vertentes estão voltadas para uma visão crítica das questões e problemas sociais.

A vertente sociocognitiva

Esta vertente postula uma inter-relação de Sociedade, Cognição e Discurso, e, embora vincule-se às Ciências Sociais, privilegia as Ciências Cognitivas para o eixo transdisciplinar de suas pesquisas. Seus textos de análise são verbais. van Dijk (1997) postula uma inter-relação entre as categorias analíticas Sociedade, Cognição e Discurso. O autor afirma que a inter-relação é tão profunda que uma se define pela outra.

A categoria Sociedade pode ser definida como um conjunto de grupos sociais que se definem como a reunião de pessoas que têm o mesmo ponto de vista para focalizar o que ocorre no mundo e, portanto, as mesmas cognições sociais. A categoria Cognição reúne as pessoas em grupos sociais a partir das formas de conhecimento produzidas pelo ponto de vista, selecionado por elas. Cada ponto de vista é guiado por objetivos, interesses e propósitos de cada grupo e, logo, o que ocorre no mundo é representado de formas diferentes enquanto conhecimentos de cada grupo. Por essa razão, os grupos sociais estão em constante conflito. Todavia, há conhecimentos extragrupoais que são construídos nos e pelos discursos públicos institucionais, tais como os da família, da escola, do Estado e da Empresa.

As formas de conhecimentos são construídas pela memória e também nela armazenadas. van Dijk (1983), enquanto linguista textual, preocupou-se com o leitor e como ele processa as informações lidas, dando atenção principalmente à coerência. Durante toda a produção de suas pesquisas, usa o modelo de memórias por armazéns, de Atkinson. Este modelo compreende as memórias de curto, médio e longo prazo.

A memória de curto prazo é sensorial e dá entrada à informação que será processada pela memória de trabalho. Esta transforma as palavras entradas e sequenciadas em unidades de sentido, as proposições, tanto por expansão quanto por redução da informação. Por expansão, uma palavra pode produzir um N-tuplo de proposições, ou seja, unidades de sentido secundário, dependendo da maturidade do processador. Por redução, um conjunto de proposições é transformado em uma macroproposição, em sentidos mais globais.

Estes são levados para a memória de médio prazo que pode armazená-los por horas, dias ou meses, até que todas as macroposições se transformem na coerência do texto, ou seja, no sentido textual mais global que será armazenado na memória de longo prazo, quer social quer individual. A memória de longo prazo individual armazena formas de conhecimento construídos a partir de experiências individuais; a memória de longo prazo social armazena formas de conhecimento construídas em sociedade, a partir do vivido e experienciado socialmente. Os conhecimentos sociais são tanto grupais quanto extragrupais. Os conhecimentos sociais intragrupais constroem, para seus grupos, o marco das cognições grupais; e, quando extragrupal, o marco das cognições sociais, válido para todos os grupos.

A ideologia e a cultura participam dos marcos de cognição social e variam dependendo de serem grupais ou extragrupais. Entende-se a cultura como um conjunto de valores transmitidos de pai para filho e construídos como hábitos sociais, a partir do vivido e do experienciado historicamente, em sociedade; a ideologia nasce da cultura, mas é modificada e imposta pelo poder, objetivando a discriminação de pessoas e interesses do poder.

O processamento das informações é realizado na memória de trabalho, de curto prazo. Para transformar as palavras entradas em sentidos, são ativados os conhecimentos armazenados na memória de longo prazo, de forma a explicitar implícitos e implicaturas, propiciando a construção das proposições, unidades de sentido, que serão transformadas em macroproposições, a partir da ativação de um modelo de contexto. As proposições e macroproposições vão sendo armazenadas em médio prazo até se construir a coerência do texto. A partir daí, serão armazenadas na memória de longo prazo.

Como a ideologia do poder tem estratégias de dominação social, a vertente sociocognitiva tem a tarefa ética de denunciar o domínio das mentes, pelas práticas discursivas.

A título de exemplificação, uma análise com enfoque crítico por diferentes olhares

A exemplificação apresentada situa-se na intersecção das vertentes social, semiótica social e sociocognitiva, objetivando situar essa última em relação às anteriores. O texto exemplificado trata dos valores culturais e ideológicos contidos na representação do feminino, em anúncios publicitários brasileiros, publicados em revistas. Tem-se por ponto de partida que as raízes históricas da sociedade brasileira são machistas, de forma a discriminar o feminino, atribuindo-lhe valores negativos e positivos, tendo por parâmetro a submissão da mulher ao homem. Nesse sentido, a pesquisa realizada busca verificar se houve mudanças em relação à representação do feminino, na sociedade brasileira atual.

Este texto examina, na composição textual do verbal com o visual (imagens e cores), as formas de disseminação da ideologia, instauradas pelo poder. Para as análises, foram consideradas as questões propostas por Kress e van Leeuwen, ou seja, mostrar “o que é” que está contido nas imagens situadas espacialmente no texto, buscando responder as perguntas: **1.** como as pessoas são representadas? **2.** como as pessoas representadas relacionam-se ao observador? **3.** como o verbal equivale, complementa ou contradiz o que é captado pelos sentidos, articulando as imagens, as cores e o verbal? Em outros termos, objetiva-se, com uma visão analítica crítica, a descrição dos recursos semióticos e o exame da forma desses recursos que manifestam, textualmente, as interpretações da experiência e os modos de interação social.

No que se referem à multimodalidade, de forma geral, os semioticistas sociais críticos têm por ponto de partida para a análise da composição do texto: linha horizontal, vertical, centralização, moldura entre outras. Para tanto, recorrem às noções de “dado/novo” e de “transitividade” da gramática sistêmico-funcional de Halliday (1985). Esta postula que as unidades do sistema da língua adquirem outras funções quando manifestadas nos textos. Dessa forma, os analistas críticos preocupam-se com o potencial ideológico do sistema de categorização das representações implícitas em determinados vocábulos, ou seja, com as maneiras particulares de “lexicalizar” a experiência e o modo pelo qual as estruturas gramaticais linguísticas organizam esses vocábulos em estruturas frasais.

Fairclough (2001) propõe que é necessário considerar, para as análises críticas, a intertextualidade. Não há enunciados ou “textos” que não se remetam a outros, sendo, portanto, um texto constituído por elementos de outros textos. Dessa forma, a intertextualidade pode ser vista como a presença de outras vozes no texto, citadas de forma direta, quando as mesmas palavras do texto anterior são expressas; ou indireta, quando ocorre paráfrase ou resumo das palavras do texto anterior. Segundo Bessa (2007), uma atitude produtiva do analista é observar que textos e vozes estão presentes ou ausentes de um determinado texto e o que essa presença ou ausência tem de significativa.

No que se refere ao visual, os semioticistas sociais contribuem para o entendimento dos modos semióticos, nos atuais textos multimodais. Segundo Kress e van Leeuwen (2001) os modos semióticos inter-relacionam-se por três sistemas de significação: o valor funcional, a saliência e a moldura. Estar atento a esses modos propicia conferir os diferentes valores e os distintos eventos contidos na sintaxe textual, pela relação entre o verbal e o visual, para a representação de pessoas e de coisas do mundo.

A Semiótica Social, embora apresente diferenças para seus pesquisadores, segundo os autores, deve satisfazer a três

requisitos para ter uma visão crítica, a saber: **1.** representar e comunicar aspectos relevantes das relações sociais que intervêm na comunicação; **2.** representar e comunicar os feitos, estados de coisas e de percepções que o produtor quer comunicar; e **3.** tornar possível a produção de mensagens que tenham coerência interna no texto e, externamente, com aspectos relevantes do entorno semiótico, o “contexto”.

van Dijk (2012) apresenta uma teoria dos contextos, propondo que estes são formas de conhecimentos decorrentes de formas de representação do uso da linguagem, do discurso, da sociedade e do momento histórico. Essas representações são armazenadas na memória de longo prazo das pessoas, tanto na memória social quanto na individual e são ativadas para a memória de trabalho durante o processamento da informação. Dessa forma, o autor busca explicar porque nenhum texto tem a mesma leitura por leitores diferentes e mesmo por um único leitor, embora haja certo consenso de leitura.

Tem-se por ponto de partida que sexo e gênero são noções complexas, que, durante muito tempo, foram consideradas sinônimas. A partir de 1964, ocorre uma diferença entre essas duas noções: sexo é uma noção ligada à Biologia, definida por genes e hormônios; ao passo que o gênero está relacionado à Sociologia e à Psicologia Social, sendo construído socialmente. Em outros termos, sexo é relativo a homem e mulher e gênero, a masculino e feminino que são representações sociais, construídas no e pelo discurso. Justifica-se tratar do feminino, pois é necessário analisá-lo de forma crítica, para verificar os valores positivos e negativos contidos nas ocorrências textuais, já que elas propiciam a manifestação de crenças sociais preconceituosas, relativas à questão social do feminino.

Entende-se que a construção social do feminino é realizada tanto por discursos públicos quanto eventos discursivos particulares; estes são guiados por aqueles, mas, também, os modificam. Tal construção é perpassada pela cultura e pela ideologia, sendo esta última pelos valores sociocognitivos discriminatórios que atendem aos próprios interesses do poder.

O material analisado são anúncios publicitários brasileiros multimodais impressos da Duloren e que estão disponíveis no respectivo site. A análise realizada é qualitativa e objetiva examinar a construção textual opinativa pelas relações contextuais entre imagens, cores e expressões verbais, assim como os contextos de sua produção discursiva, para a representação do feminino de forma preconceituosa, a partir do explícito e do implícito, no texto.

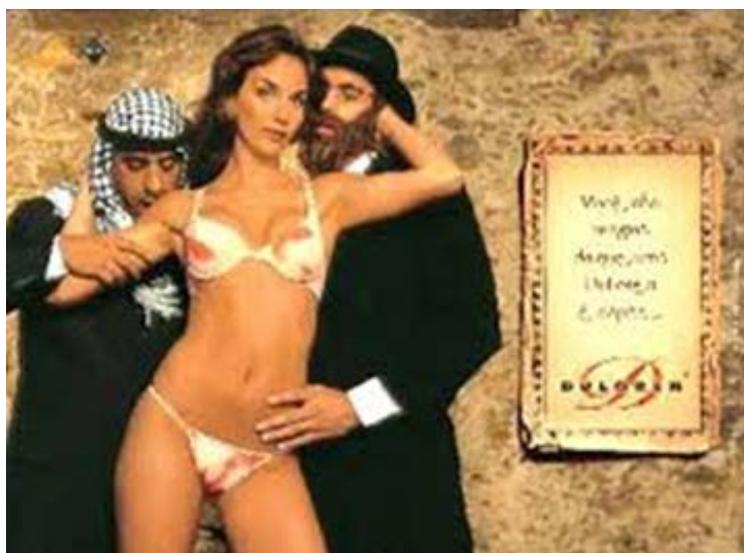
A título de exemplificação foram selecionados dois textos:

Texto 1



Fonte: <<http://solembrandoque.wordpress.com/2010/09/30/eleicoes/>>

Texto 2



Fonte: <<http://colunistas.ig.com.br/consumoepropaganda/2012/03/13/du-loren>>

Os textos exemplificados são construídos opinativamente e contêm implícitos ideológicos na representação do feminino:

1 As formas de representação do feminino na publicidade de roupas íntimas identificam as mulheres, dependendo do *status social* delas. Dessa forma, as categorias linguístico-discursivas tratadas propiciaram, conforme Fairclough (2001), a percepção não só do *sistema semiótico* (a rede de opções do sistema lexicogramatical), mas também do *sistema social da linguagem* (a rede de opções de ordem do discurso, com seus gêneros, discursos e estilos relativamente estáveis) como potencial para construir significados. Nesse sentido, verificou-se que o discurso publicitário tem facilidade de acesso ao público, a fim de, por um macroato de fala, transformar os seus interlocutores em consumidores do produto anunciado e obter lucro para a empresa que quer vender o seu produto. Sendo assim, o anunciante recorre a uma série de estratégias de seleção de

elementos e composição textual para atrair o consumidor, disseminando ideologias que favorecem a sustentação de relações de exploração do feminino.

2 Os textos diferenciam-se entre si pelos gêneros discursivos decorrentes dos usos que esses textos têm em sociedade, ou seja, como formas discursivas são ligadas às esferas da vida social. Segundo estudiosos do gênero, as pesquisas devem ser realizadas para responder a seguinte pergunta: Por que os membros discursivos constroem textos da maneira como são feitos?

A pesquisa realizada indica, por seus resultados, que o anúncio publicitário é um gênero discursivo cuja composição textual opinativa segue o esquema mental que formaliza a lexia de designação (POTTIER, 1974). Dessa forma, o texto traz explicitadas expressões visuais de imagens e cores, combinadas com as verbais, a fim de construir, com cada qual, para os interlocutores, o conteúdo da designação lexical do produto anunciado no texto publicitário, que não participa do léxico da língua. Assim, a estratégia do anunciante é selecionar elementos com valores sociais positivos para compor o seu texto. Conseqüentemente, devido à grande circulação, o anúncio publicitário constrói para os interlocutores o conteúdo da designação do produto anunciado, formalizando-o em uma lexia lexical “nova” que passa a circular na sociedade como uma unidade linguística lexical.

O referente textual, nos anúncios exemplificados, é “roupas íntimas femininas (soutien e calcinha) da *Duloren*”. A área semântica dessa designação é composta pelo conjunto de predicções com valor positivo selecionadas das cognições sociais: “beleza e sensualidade”, que atendem às necessidades machistas já construídas pela mídia como formas de conhecimento, sustentadas ideologicamente pelo machismo. A imagem do produto é representada, nos textos, pelas explicitações verbais: “você não imagina do que uma *Duloren* é capaz”, articuladas com imagens e cores. Os argumentos são selecionados das necessidades, construídas pela mídia: as mulheres têm de ser esbeltas, bonitas e sensuais. Estas representações do feminino estão relacionadas às necessidades construídas, durante um percurso histórico, para os homens: eles, para serem excitados, necessitam de mulheres esbeltas, bonitas e sensuais, com parte do corpo despido. As demais qualidades femininas são canceladas.

No que se refere à ideologia expressa no texto, Goldenberg e Ramos (2007) exploram a força da natureza/cultura do Rio de Janeiro e afirmam que há uma “moral da boa forma”, ou seja, é necessário ter um corpo trabalhado, cuidado, sem marcas indesejáveis (rugas, estrias, celulites, manchas) e sem excesso de gordura e flacidez: o único que mesmo sem roupas está *decentemente* vestido. O *indecente*, aqui, é o que escapa ao consenso, seria infringir a biopolítica da boa forma.

Sendo assim, a boa forma do corpo torna-se “força de produção” e objeto de normatização de comportamentos relacionados à beleza, à estética, por isso o ideal. Nesse sentido, o corpo tornou-se objeto de culto, investimento, e sua imagem passa a ser representada na mídia como alvo de ofertas de produtos a serem consumidos. Essas considerações estão relacionadas aos anúncios publicitários analisados e exemplificados pelos textos 1 e 2. Assim, ocorre uma publicidade que afasta do moralismo por objetivar o consumo do produto anunciado e, para tanto, recorre à boa forma ideal, construída pela mídia como um mecanismo social produtor de sentidos e identidades.

3 A sintaxe textual da combinação do verbal com as imagens e cores

Esta sintaxe é importante para a construção textual opinativa.

3.1 No **texto 1**, o verbal é combinado com imagens e cores de forma a construir um espaço retórico de sedução:

3.1.1 o verbal expressa: “Eleições 2010”, “Senhores candidatos o brasileiro precisa mesmo é de uma boa renda”. Dessa forma, constrói-se uma polissemia: boa renda = melhor rendimento financeiro e boa renda = acabamento requintado de lingerie de luxo. Essa polissemia é intertextual, e, para resolvê-la, ativa-se na memória de longo prazo, um contexto cognitivo: a) nos textos da campanha eleitoral da candidata à presidência da República, ela promete propiciar ao brasileiro uma melhor renda para acabar com a pobreza, no Brasil; b) nos textos publicitários de lingerie de luxo, a renda é o fino acabamento das peças íntimas.

3.1.2 as imagens e cores compõem com o verbal o texto multimodal. As imagens visualizam, à esquerda, o “dado” (as eleições são realizadas com o voto do povo em uma cabine eletrônica) uma urna eletrônica, situada em uma cabine eleitoral, que representa, metonimicamente, pela imagem, os turnos eleitorais (primeiro turno, em 2010, candidatos homens e mulheres; segundo turno duas mulheres: Marina e Dilma) para a presidência, em 2010, no Brasil (é interessante observar que a situação se repete, em 2014, com as mesmas candidatas Marina e Dilma); visualizam, ainda, no centro, uma mulher jovem, branca, com traços europeus, representada pela beleza, esbelteza e elegância femininas, focalizadas pelo sensual devido à postura corporal. A imagem da moça branca sofisticada apresenta uma expressão indiferente para seus observadores, não apresentando transitividade interpessoal: de olhos fechados, com pose de modelo e de sedução, seminua, com as pernas e pés apagados, vestida com roupas íntimas Duloen, brancas de luxo (calcinha biquine e soutien), terminadas com rendas brancas e coloridas. O fundo é de cor neutra acinzentada, de forma a salientar a imagem feminina.

Este texto está composto pela centralização com saliência, em tamanho maior, da imagem da moça que representa

o feminino pela mulher branca europeia dotada de uma beleza elegante, sensual e sofisticada; essas características são avaliadas de forma positiva. Os demais elementos manifestados, à direita e à esquerda, dependem do centro.

À direita está composta no eixo vertical pela expressão verbal do “novo”: em cima, a representação do ideal: “Senhores candidatos, o brasileiro precisa mesmo é de uma boa renda”; embaixo, o real: “Duloren, você não imagina do que uma Duloren é capaz”. A saliência centralizada situa o conteúdo de “renda”, que abrange a intertextualização de dois campos discursivos: o econômico e o político. O econômico = em cima, maior ganho para o povo e em baixo, o vestuário com acessórios de luxo = enfeites caros de roupas femininas.

Na margem esquerda, o “dado”: a metonímia da urna em uma cabine eleitoral, que representa as eleições de 2010, para presidência da república e governadores. O “novo”, à direita, ao se relacionar com “Senhores candidatos, o brasileiro precisa mesmo de uma boa renda”, focaliza o feminino no papel de presidente da República. Mas a representação do feminino, no texto, é realizada de forma preconceituosa, pois não se trata da mulher com a capacidade para governar um país, mas com a capacidade de satisfazer os desejos masculinos.

3.1.3 a construção textual multimodal está intertextualizada, de forma a relacionar dois contextos discursivos: o político X o publicitário do vestuário feminino, roupas íntimas. O contexto político das eleições presidenciais de 2010 está relacionado ao contexto da linguagem verbal “boa renda” que, por essa razão, passa a representar durante o processamento da informação recebida, metonimicamente, por expressões linguísticas, uma mudança nas crenças sociais, ou seja, a mulher (Dilma) eleita ocupa pela primeira vez, em nossa história, o cargo de presidente brasileiro. No contexto discursivo político eleitoral, a promessa política de uma “boa renda” econômica foi feita pelo PT, para persuadir os eleitores a votarem em Dilma. Assim, a expressão “boa renda” está ressemantizada e, dessa forma, o enfeite das lingerie de luxo, com “lycra”, passam a funcionar, metonimicamente, como a representação do feminino na presidência, de forma preconceituosa: não se trata de representar o feminino pela capacidade de governar, num contexto econômico mundial em crise, mas pela capacidade de excitar, seduzindo o homem, pelas suas propriedades.

3.1.4 o texto 1 manifesta expressões multimodais que contêm vários implícitos culturais e ideológicos. À margem direita, embaixo, está expresso o logotipo do produto, combinado com o verbal, representando o “novo”: “Você não imagina do que uma Duloren é capaz”. As imagens e cores guiam os interlocutores a explicitar os implícitos: <<a mulher que usa lingerie Duloren é capaz de seduzir

os homens e ser eleita presidente da república>>. Todos os elementos explicitados mantêm implícitas representações culturais do feminino: <<uma mulher necessita de roupas íntimas>>; representações ideológicas do feminino: <<uma mulher “de verdade” é, necessariamente, esbelta, elegante e sensual para seduzir o homem, com roupas íntimas caras>>. A projeção do contexto histórico das eleições de 2010 possibilita explicitar os implícitos ideológicos <<o sensualismo elegante da mulher levou-a a ser eleita presidente da República, mudando a história do Brasil>>.

3.2 No **texto 2**, o verbal, também é combinado com imagens e cores:

3.2.1 a composição sintática é realizada apenas com imagens e cores. O verbal só ocorre no logotipo.

3.2.2 as imagens e cores compõem, com o verbal, a sintaxe do texto multimodal, na medida em que as imagens e cores explicitam o implícito das expressões verbais <<uma mulher sensual e elegante, com roupas íntimas sofisticadas da *Duloren* é capaz de acabar com conflitos políticos e religiosos com sua beleza e elegância sensuais>>. À esquerda, as imagens visualizam um judeu e um árabe, caracterizados pelas suas roupas típicas, tendo entre eles uma mulher jovem vestida com lingerie *Duloren*. A mulher é retratada com características físicas europeias, representada pela beleza, esbelteza e elegância femininas, focalizadas pelo sensual devido à postura corporal. Ambos estão seduzidos pela jovem, preocupados em absorvê-la, sem se preocuparem um com o outro. A moça segura-os pela cabeça, aproximando-os. Eles a tocam: o árabe beija a moça, com fisionomia apaixonada, no ombro, segurando-a pelo braço; o judeu, com uma fisionomia de seduzido, segura a moça pela cintura, com a mão aberta envolvendo parte de seu corpo seminu. A moça olha diretamente para o leitor e os dois homens (o judeu e o árabe) olham para a moça, dando projeção a ela.

Sendo assim, a composição sintática está orientada pelo eixo horizontal. À esquerda, o “dado”, há a representação de três personagens sociais: dois político-religiosos conflitantes: judeu e árabe; e um apolítico, sem representação religiosa: uma mulher jovem, bela, esbelta e sensual. À direita, o “novo”, um quadro com moldura antiga está centralizado, na parede; na tela, grafadas com letras desenhadas, imitando, visualmente, a grafia israelense e árabe, está expresso pelo verbal o logotipo: “*Duloren* – você não imagina do que uma *Duloren* é capaz”. O fundo é de cor laranja, cor de ouro, representando o *status social* do judeu e do árabe, pelo poder econômico, no mundo. O “novo” é processado mentalmente com a inter-relação das imagens da esquerda: judeus e árabes abandonam o conflito político-religioso por causa da sedução de uma mulher jovem; Judeus e árabes abandonam sua tradição de preconceito religioso quando são seduzidos por uma mulher jovem sensual e linda, por vestir lingerie *Duloren*.

Em síntese, este texto está composto pela saliência, em tamanho maior, dos três personagens. A representação do feminino é expressa pela mulher branca linda, elegante, sensual e sofisticada; essas características são avaliadas, socialmente, de forma positiva. Os demais elementos manifestados estão à direita e inter-relacionados, pelo tamanho, com a imagem dos três personagens, à esquerda. Porém, o logotipo é de tamanho menor que a imagem dos personagens.

As imagens, no contexto social político, representam personagens masculinos pertencentes a dois grupos sociais conflitantes: mulçumanos e judeus que guerreiam entre si, desde antes de Jesus Cristo ter nascido. As causas são posse de terra (Terra Santa) e domínio religioso (judeus x mulçumanos). Esses dois grupos sociais são representados metonimicamente pelas roupas. No contexto histórico, todos os esforços da ONU, de diferentes países isolados, e até de papas, já foram feitos e continuam a ser feitos para se obter, sem sucesso, até hoje, a paz.

Logo, a representação do feminino, no texto 2, é realizada, como no texto 1, de forma preconceituosa, pois não se trata da mulher com capacidade política para obter a paz, mas com a capacidade sensual de satisfazer as necessidades masculinas, com o uso de lingerie finas.

3.2.3 a construção textual multimodal está intertextualizada, de forma a relacionar dois contextos discursivos: o político-religioso X o publicitário. O contexto político representa o conflito religioso entre judeus e árabes, pelo domínio de territórios considerados “santos”, devido a crenças religiosas. Sendo assim, as roupas das imagens dos personagens passam a funcionar metonimicamente para representar: a guerra entre judeu X árabe e a paz = judeu + feminismo sensual sedutor + árabe. A representação do feminino, dessa forma, também é preconceituosa: não se trata de representar o feminino pela capacidade política de estabelecer a paz, mas pela capacidade de seduzir, excitando os homens, levando-os a se esquecerem da guerra histórica. O contexto cognitivo é o momento atual do conflito violento entre estes dois povos e o não sucesso das mediações já feitas.

3.2.4 Os implícitos culturais estão contidos na expressão da religião, juntamente com a nacionalidade. Judeus e árabes são monoteístas e mantêm relações religiosas com o cristianismo: Jesus era judeu e os mulçumanos, segundo Maomé, são descendentes de Abraão, assim como, segundo a Bíblia, os judeus: estes são descendentes de Abraão com sua esposa, e aqueles de Abraão com sua escrava. Os implícitos ideológicos também estão contidos nas imagens e cores: tanto judeus quanto mulçumanos têm poder econômico no mundo e a “guerra santa” é representada por eles como o retorno às origens, ou seja, à região do Estado de Israel. Jerusalém, segundo as cognições sociais construídas pela leitura da Bíblia, foi construída por David e instaurada como capital das sete tribos e, em sua história, sempre foi objeto de conquista de romanos e mulçumanos, entre outros.

Em síntese, no contexto cognitivo histórico-político mundial, o conflito armado entre judeus e mulçumanos é incontrolável, pois o ódio entre eles é histórico e a luta permanece violenta até hoje. Dessa forma, as expressões de imagens e cores orientam a explicitação dos implícitos culturais e ideológicos, para a representação do feminino. Nesse sentido, “Você não imagina do que uma Duloren é capaz” = a sensualidade da mulher esbelta, linda e elegante apazigua conflitos históricos incontroláveis, pela sua capacidade de sedução masculina, de forma a propiciar o fim da guerra no Oriente Médio e, com isso, mudar a história dos conflitos entre judeus e árabes.

4. No que se refere à seleção das fontes e combinação semiótica do verbal com o visual

As fontes são selecionadas de paradigmas que compõem as partes do texto multimodal e podem ser vistas como interagindo e afetando umas às outras, conforme são combinadas na composição do todo (texto produto). É interessante observar que a noção de seleção, para a ADC, não implica a consciência do sujeito-produtor, devido à reprodução da ideologia que instaura a dominação pelo Poder.

4.1 No texto 1, as fontes são selecionadas de dois paradigmas: um político, do qual é selecionada a eleição para presidência de 2010, com os candidatos Dilma, Marina e Serra no primeiro turno, e Marina e Dilma no segundo turno; o outro, um paradigma social da mulher, do qual são selecionadas a beleza e a elegância da mulher branca, ancoradas no luxo e na sensualidade.

A seleção dessas fontes tem a intenção de completar pelo visual o conteúdo semântico do verbal. Assim, “senhores candidatos, o brasileiro precisa mesmo é de uma boa renda” = <<o brasileiro precisa mesmo de uma mulher sedutora na presidência da República>>, metonimicamente representada, por “uma Duloren”, ou seja, as roupas íntimas da Duloren são capazes de mudar a história do Brasil, elegendo, pela primeira vez, uma mulher para a presidência da República. Essas representações propiciam que mulheres e homens se identifiquem com as representações textuais.

4.2 No texto 2, as fontes são selecionadas de dois paradigmas: um político-religioso, do qual são selecionados os personagens judeu e árabe, representados pelas suas roupas típicas; e um publicitário, do qual são selecionadas as roupas íntimas para mulheres. As fontes selecionadas se completam: as imagens e cores explicitam e complementam o conteúdo semântico de “do que uma Duloren é capaz”. Assim, ocorre a identificação dos interlocutores com as representações textuais, de forma a interiorizar seus valores culturais e ideológicos.

Para finalizar, segundo Kress e van Leeuwen (1996), ao tratarem da semiose visual, os sentidos podem ser realizados pelas línguas e pela comunicação visual. Essas realizações necessariamente não se sobrepõem, pois algumas coisas

podem ser expressas tanto pelo visual quanto pelo verbal, mas outras, só pelo visual ou pelo verbal. Por essa razão elas se complementam, tornando o texto um todo homogêneo, de forma a explicitar implícitos ou a complementar o conteúdo de expressões. Os exemplos apresentados mostram que a representação do feminino nos anúncios de lingerie da Duloren é preconceituosa, pois esses anúncios foram construídos com o privilégio do olhar do masculino.

Considerações

Em síntese, analisar a organização textual-discursiva de forma crítica implica comprometimento com problemas sociais relacionados ao poder, que envolvem o uso da linguagem. A relação linguagem-sociedade é interna e dialética, o que significa que as questões sociais são, em parte, questões do discurso. Dessa forma, quando se usa a linguagem em práticas sociais situadas, são utilizados três modos pelos quais o discurso integra as práticas sociais: agir e interagir na construção de conhecimentos; representar, reproduzindo e modificando por maneiras particulares; identificar (se) a partir dos valores transmitidos. Assim, os sentidos dos textos tanto são guiados pelo social quanto têm efeitos na sociedade. Em outros termos, o poder é exercido por sistemas de comunicação e redes de informação que organizam as práticas diárias, de tal forma, que nos vemos submetidos à reflexividade institucional, ou seja, aos saberes especializados impostos pela mídia.

Logo, acredita-se que os objetivos propostos tenham sido cumpridos, pois os resultados apresentados indicam que tratar de textos multimodais (anúncios publicitários) por múltiplos olhares e que as análises com enfoque crítico e a vertente sociocognitiva trazem boas contribuições com a inserção da categoria analítica nas categorias Sociedade e Discurso, contribuindo para descrever tanto aspectos da composição textual da modalidade verbal e visual, assim como estratégias de compreensão, aplicadas para a produção de sentidos. Assim, os sentidos produzidos são representações mentais que constroem socialmente as crenças contidas nas cognições sociais grupais e extragrupais, perpassadas historicamente pela cultura e pela ideologia. Tais crenças são construídas no e pelo discurso, cujo produto é o texto.

Os resultados apresentados indicam, também, que os elementos selecionados pelo produtor participam de sistemas de conhecimento (semiótico, interacional e enciclopédico), armazenados na memória de longo prazo das pessoas após terem sido processados por elas. Todavia, é necessário considerar que essa seleção nem sempre é consciente e, por essa razão, a ideologia do Poder, que tem acesso ao público, por discursos públicos e institucionalizados, passa a dominar a mente das pessoas, levando-as a sustentar essa ideologia por sua reprodução textual, no e pelo discurso. Logo, inserir a Cognição nas análises traz excelentes contribuições.

Referências

BESSA, D. *Cidadãos e cidadãs em situação de rua: uma análise de discurso crítica da questão social*. Tese de doutorado do Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade de Brasília, 2007.

BEAUGRANDE, R-A; DRESSLER, W. *Introduction to text linguistics*. London/New York: Longman, 1981.

FAIRCLOUGH, N. *Discurso e mudança social*. Trad. Brasileira, coordenada por Isabel Magalhães. Brasília: Universidade de Brasília, 2001.

_____. *Analysing discourse: textual analysis for social research*. Londres: Routledge, 2003.

GOLDENBERG, M; RAMOS, M.S.A. A civilização das formas: o corpo como valor. In: *Nu e Vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca*. 2. ed. São Paulo; Rio de Janeiro: Record, 2007.

HALLIDAY, M. *An introduction to funcional Grammar*. Baltimore: Edward Arnold, 1985.

KRESS, G.; van LEEWEN, Theo. *Reading images: the grammar of visual design*. London: Routledge, 1996.

_____. *Multimodal discourse: the modes and media of contemporary communication*. London: Arnould, 2001.

RAMALHO, V; RESENDE, V. de M. *Análise de discurso (para a) crítica: o texto como material de pesquisa*. Campinas: Pontes, 2011.

van DIJK, T.A; KINTSCH, W. *Strategies of discourse comprehension*. New York: Academic Press, 1983.

_____. *Racismo y análisis crítico de los medios*. Barcelona: Paidós, 1997.

_____. *Discurso e contexto: uma abordagem sociocognitiva*. Trad. brasileira de Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2012.

O muro de perlin: que gênero é esse? Discurso multimodal e identidades na escola bilíngue - libras e português escrito (ebt)

Janaína de Aquino Ferraz (UnB)
Eduardo Brasil (UnB)

Introdução

Figura 1 – Placa de trânsito



Fonte: Acervo dos autores.

De fora para dentro. Foi assim que a Escola Bilíngue – Libras e Português Escrito (EBT), situada próxima à Rodovia Estrutural, uma das mais importantes vias de ligação entre Taguatinga e o Plano Piloto, no Distrito Federal, nos chamou atenção. Desde o estágio da graduação no curso de Letras – Português do Brasil como Segunda Língua (PBSL), na Universidade de Brasília, ocasião em que pudemos observar a inclusão de alunos surdos e ouvintes em sala de aula, é inegável o desesperador panorama encontrado dentro da Secretaria do Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF) com relação à dita inclusão do aluno surdo em sala de aula, no ensino regular. Segregados dos demais alunos, sem contato direto com o professor, os surdos são acompanhados por intérpretes que fazem a tradução simultânea dos conteúdos ministrados em sala. Tal conformidade escolar torna-se ainda mais grave pelo fato de que o intérprete traduz todas as disciplinas, ou seja, ele não tem o conhecimento aprofundado em todas as matérias do currículo nacional.

Nesta esteira, concluímos que a luta dos surdos para obter o direito de exercer a cidadania, seja pelo acesso à educação, pelo reconhecimento de sua língua natural e, principalmente, pela validação de sua cultura e identidade, as quais lhes dão o direito de serem surdos, precisa do fomento de instituições que o ajudem a validar suas identidades e respeitem sua cultura distinta. Assim, a Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos

(FENEIS) e a Associação de Pais e Amigos dos Deficientes Auditivos (APADA) prestam o apoio necessário para que qualquer pessoa tenha mais informações sobre cursos, leis, decretos e todo o suporte oferecido ao surdo, no sentido de prover uma melhor inserção na escola e no mercado de trabalho. Sem o apoio dessas entidades, não teríamos acesso a menções e referências sobre o Centro de Ensino 21 de Taguatinga, escola pólo de surdos. Intrigados, partimos para mais investigações sobre esse centro de referência em educação bilíngue, o qual, atualmente, é conhecido como EBT, cuja língua de instrução é a Língua Brasileira de Sinais, ou seja, não há o intermédio de intérpretes porque os professores regentes lecionam suas disciplinas em Libras.

Isto posto, o próximo passo foi visitar a EBT e, ao chegar lá, fomos fisgados pelas vibrantes cores e imagens chamativas de seu muro. Diante disso, o objetivo primeiro deste trabalho é identificar os princípios de concepção e execução da história contada nesse mural e a força discursiva que ele tem seja pelo seu impacto imagético, de conteúdo político, histórico e social significantes para o surdo, ou pelo respeito que a comunidade expressa por esse espaço, essa obra de arte, essa carteira de identidade da EBT. O segundo objetivo é delinear se esse muro pode ser considerado como gênero textual e qual é a importância disso para alunos e professores.

Fundamentação Teórica

Figura 2 – Entrada lateral da EBT



Fonte: Acervo dos autores.

Na busca de bases teóricas que pudessem dar sustentação para o escopo teórico, destacamos a Análise de Discurso Crítica (ADC) e a Teoria da Multimodalidade. No que tange ao letramento de surdos, indivíduos estes pertencentes a uma minoria cultural e linguística, cuja língua natural é de natureza visuo-espacial, cremos que essas bases teóricas são convergentes e complementares, já que a constituição identitária do surdo, de acordo com Perlin (1998), é totalmente concentrada em experiências de mundo visuais e não auditivas.

Kress e van Leeuwen (1996) postulam que o modo é um elemento que define como um dado recurso semiótico é moldado cultural e socialmente para a produção de significado. Portanto, uma imagem, um layout, uma música, um gesto, um ato de fala, um evento escrito, entre outros, todos são exemplos de modos usados na representação e na comunicação. Em sua dissertação sobre murais didáticos, Costa (2012, p. 31) diz que,

[...] de acordo com os preceitos da Semiótica Social multimodal, a representação e a comunicação sempre ocorrem por uma multiplicidade de modos, e todos eles têm o poder de contribuir, igualmente, para a construção do sentido. Uma hipótese básica da multimodalidade, segundo Jewitt (2009, p. 14), é que os significados são construídos, distribuídos, recebidos, interpretados e refeitos/reconstruídos na interação através de muitos modos representativos e comunicativos, não apenas através da língua.

Há, nessa definição, um paralelo com Fairclough (2001), que investiga os processos de produção, distribuição e consumo dos textos em contextos sociais específicos. Desta feita, justificamos a escolha da ADC por dois fatores: o primeiro é que ela enxerga o discurso como o estudo da língua para além da frase, uma vez que não se pode ignorar o poder que a palavra tem de delinear o universo individual e, principalmente, de questionar os acontecimentos em nível de universo coletivo. Segundo Pennycook (1994, apud PEDRO, 1997, p. 19), o discurso pode ser visto como um momento do uso linguístico, mas, por outro lado, o uso linguístico pode ser considerado como um momento de um discurso. Essa dualidade fica mais clara quando há o entendimento de que, de acordo com Ball (1990, apud PEDRO, 1997, p. 19), a grande questão na análise do discurso é porque, num dado momento, de todas as coisas que poderiam ser ditas, apenas certas coisas foram ditas. Assim, há um compêndio de elementos que emergem do uso da língua com base no contexto em que os textos, que são as concretizações do discurso, são ditos, nos construtos ideológicos daqueles que interagem, nas relações de poder e domínio de um indivíduo sobre o outro e na formação de identidades sociais.

É justamente por isso que o segundo fator relevante para a escolha da ADC é o seu caráter multidisciplinar, pois ela questiona as fronteiras das áreas do saber, já que os problemas sociais são extremamente complexos. Apesar de as distinções tradicionais entre teoria, descrição e aplicação serem menos relevantes para a ADC, há de ser ter cuidado para que, ao questionar essas tais fronteiras, o analista do discurso tenha em mente que não é possível trabalhar fora de limites bem demarcados, pois qualquer objeto de análise precisa de uma delimitação.

Isto posto, do casamento da linguística com a sociologia surge a visão que os linguistas críticos têm de que a

linguagem é indissociável de seus contextos sociais. A noção de língua como interação pressupõe forças ideológicas em jogo. A escola é um dos lugares onde este jogo está em ebulição, especialmente porque o gênero aula, construído em bases histórico-culturais, tradicionalmente reforça a voz do professor e tende a apagar a voz do aluno, que não fala para ser ouvido, nem escreve para ser lido. As práticas discursivas são canalizadas para as avaliações, menções, notas, desempenho. Contudo, tal cenário é o resultado de uma construção histórica, econômica e social. Na matriz da avaliação está a doutrinação de currículos, o que também envolve relações de poder, hegemonia e formação de sistemas de conhecimento e crenças. Na outra ponta do processo, está a formação do professor. Nas páginas seguintes, tentaremos mostrar a importância que ela tem neste processo de mudança social e como isso é estampado no mural.

Gênero ou suporte?

Figura 3 – Mosaico de quadros pintados no muro da EBT



Fonte: Acervo dos autores.

Não há como falar de gêneros discursivos sem mencionar Bakhtin (1997), que os define como tipos de enunciados relativamente estáveis e normativos, vinculados a situações típicas da comunicação social. A lucidez com que ele articula os conceitos de gêneros textuais atravessa os tempos e nos alcança nos dias de hoje, na era das mídias digitais, as quais semeiam novos gêneros textuais (*e-mail*, *SMS*, *WhatsApp*, *blog*, *Twitter*, *Facebook*, *Instagram* etc). O caráter não estático e constantemente frutífero dessas práticas discursivas pode ser visto da seguinte forma:

Como tipos temáticos, estilísticos e composicionais dos enunciados individuais, os gêneros se constituem historicamente a partir de novas situações de interação verbal (ou outro material semiótico) da vida social que vão (relativamente) se estabilizando, no interior das diferentes esferas sociais (RODRIGUES, 2004, p. 423).

Diante disso, se os gêneros são constituídos por um recorte discursivo cujos textos (orais, escritos ou imagéticos) refletem, realizam, saciam anseios comunicativos reais da vida em sociedade, se novos moldes textuais surgem junto com a (natural) metamorfose das civilizações e, depois de estabelecidos, ganham uma certa estabilidade, questionamos se, de fato, o muro desta escola poderia ser considerado como gênero discursivo.

Em busca de respostas, recorreremos às ideias de Marcuschi¹⁸ (2003), segundo as quais todo gênero discursivo precisa de um suporte, um lócus físico ou virtual, com formato específico, que serve como base ou ambiente de fixação do gênero materializado como texto. A título de exemplificação, ele menciona a carta pessoal como gênero e o papel da carta como suporte. Os suportes podem ser tanto aqueles chamados de convencionais, tais como livros, jornais, revistas, quadro de avisos, outdoor, letreiros etc, quanto aqueles que ele chama de incidentais: embalagens, para-choques de caminhão, camisetas, o corpo humano (tatuagens), paradas de ônibus, estações de metrô e muros. Em princípio, o mote inicial de nossos questionamentos já estaria respondido: o muro não é gênero. Entretanto, o próprio autor diz que

[...] a tese central é a de que todo gênero tem um suporte, mas a distinção entre ambos nem sempre é simples e a identificação do suporte exige cuidado. Para isso, é necessário definir categorias e considerar aspectos limítrofes na relação gênero-suporte. Como aqui nada é conclusivo, estas sugestões não passam de um convite à discussão e aconselham cautela (MARCUSCHI, 2003, p. 1).

Em outras palavras, a fim de se chegar a algum norteamento para que se possa vislumbrar um mínimo princípio de conclusão, há de se considerar aspectos que extrapolam o nível dos textos (palavras e imagens) pintados no muro e pensar em categorias de análise específicas para este contexto discursivo. Como se pode verificar, surgem outras perguntas: de onde surgiu a ideia de pintar o muro da escola? Quem executou isso? Por quê? O que se espera alcançar? Como que as imagens contribuem para a construção de sentidos? Qual a relevância da força discursiva do muro para a comunidade local e para aqueles que frequentam a escola (pais, alunos e professores)? À vista do exposto, buscamos respostas na história da educação de surdos, na legislação que regulamenta a língua de sinais e nos relatos coletados com o Colegiado de professores da EBT.

17. A referência bibliográfica deste texto de Marcuschi foi retirada da dissertação de Costa (2012). Contudo, o link achado no site de busca do Google foi alterado para o que disponibilizamos aqui. Como nota de rodapé do próprio artigo, ele mesmo esclarece que “estas reflexões situam-se no contexto do Projeto Integrado: ‘Fala e Escrita: Características e Usos’, em andamento no NELFE (Núcleo de Estudos Linguísticos da Fala e Escrita), Depto. de Letras da UFPE, com apoio do CNPq proc. no 523612/96-6.”

Relatos, entrevistas, história

Figura 4 – Marcos históricos da educação dos surdos



Fonte: Acervo dos autores.

Para compreender o que está gravado do lado de fora da escola, no lócus físico do muro, foi preciso gravar as vozes que vêm de dentro da escola: a dos professores. Os dados foram coletados em julho de 2015, durante o horário de coordenação dos professores de Biologia, Matemática, Física, História e Filosofia, todos juntos na sala dos professores. O relato daqueles que estão há mais tempo na dedicação à educação dos surdos narra a total ausência de qualificação necessária para atuar na educação especial durante a graduação e extrema dificuldade de estabelecer contato substancial com os alunos. Os mais novos na carreira viram seus colegas calouros na faculdade terem sua grade de disciplinas aumentada, pois a lei 10.436/2002, conhecida como a Lei de Libras, veio regulamentar a implementação de cursos de formação para professores das séries iniciais do Ensino Fundamental e a oferta de especialização no curso de Letras para os que atuam a partir da 5ª série. O Decreto 5.626/2005, que regulamenta a lei, torna obrigatória a disciplina de Libras nos cursos de Licenciatura e Fonoaudiologia e opcional nos demais.

Mesmo já atuando como regentes das turmas bilíngues, muitos fizeram uso de seus próprios recursos financeiros para aprenderem a Língua de Sinais, pois somente quando tiveram a consciência de que era preciso ir até o mundo dos surdos, cuja porta de entrada é o domínio da Libras, para então ajudá-los na construção do saber, é que novos horizontes começaram a surgir. Aqui, fica clara a proposta de língua como interação, já que houve a reflexão sobre a necessidade de ações que provoquem a implosão das linhas divisórias entre o professor e o aluno, o indivíduo e a coletividade, a competência comunicativa e o desempenho. A derrubada desse muro comunicacional entre professor e aluno, imposto pela surdez, traz à tona a construção partilhada dos conhecimentos pela valorização das várias identidades do aluno surdo, já que as identidades sociais são trabalhadas entre o sujeito e o saber, entre um indivíduo e outro, entre o saber do professor e o do aluno (no caso em questão).

Quanto ao muro, o que nos foi revelado é que a concepção do trabalho partiu da escola, numa reunião com todos os professores e a equipe diretiva. O intuito era contar a história da educação dos surdos à comunidade local e aos futuros alunos, utilizando recursos multimodais, fundamentais para a educação bilíngue do surdo. O pintor contratado, que também é surdo, veio de Goiânia para compor e pintar os murais. Seu nome não foi revelado. Uma coisa é, sem dúvida, curiosa: não há uma pichação sequer na obra do artista. Ao trazer isso à tona, como um elemento provocativo para discussão durante a entrevista, a professora de física foi categórica: “Há um acordo de cavalheiros em relação a isso. A comunidade local respeita muito a escola porque fica clara a importância do trabalho desenvolvido aqui.” Faz-se necessário, portanto, uma distinção clara entre os gêneros grafite e pichação.

A pichação é o primeiro passo para sair do silêncio social, enquanto o grafite já tem a intenção de comunicação com o outro. O ponto comum é que ambas são manifestações subjetivas que também compõem um gesto de denúncia da exclusão social e de busca por visibilidade (SANTOS, 2010, p. 2, grifo nosso).

No enfoque dado acima, é possível perceber que a condição social das minorias é um entrelugar, uma fenda que, muitas vezes, distancia o indivíduo de si (daí vem a denúncia da exclusão) e dos outros (busca pela visibilidade). A história da educação dos surdos ilustra bem essa luta, uma vez que o controle hegemônico do ouvinte se dá pelo domínio do conhecimento, cuja senha de acesso é o código linguístico. De acordo com Fernandes (2011), na Grécia e Roma antigas, os surdos eram condenados à escravidão ou à morte porque acreditava-se que o pensamento só poderia ser manifestado na oralidade.

Em Salles (2004), encontramos registros de que o surgimento da instrução de surdos em língua de sinais se deu no século XVI, quando o monge espanhol beneditino Pedro Ponce de León dedicou-se a educar nobres surdos que viviam em mosteiros, usando sinais e o alfabeto datilológico (que usa a configuração das mãos), devido à regra do silêncio vigente nesses estabelecimentos. Mesmo assim, o Congresso de Milão (1880) vetou as línguas de sinais usadas na educação dos surdos em escala mundial, impondo o oralismo e a terapia com fonoaudiólogos, no intuito de corrigir esse tenebroso defeito físico: a surdez. O surdo passou a ser visto como deficiente, doente e o discurso da medicalização do indivíduo surdo durou até meados da década de 1980. Somente depois disso veio a Comunicação Total, abordagem na qual o surdo poderia usar tanto as mãos quanto as cordas vocais para se expressar, reforçando ainda mais o conceito de que a linguagem (e não língua) dos sinais não era dotada da força e complexidade reais de uma língua oral. É claro

que muitos não conseguiam ser oralizados e há registros de muitos casos de suicídio ou morte por depressão daqueles que falhavam em seu potencial comunicativo – sem falar nas crises de identidade e na crença de menor valia que muitos tinham (e ainda têm) em relação à maioria ouvinte. Fernandes (2011), narra todo esse traçado histórico com base nas obras *Surdez, linguagem e cultura* (BUENO, 1998) e *La increíble y triste historia de la sordera* (SÁNCHEZ, 1990).

Depois de muitas lutas e merecidas conquistas, culminadas com a Lei de Libras, o bilinguismo é a principal abordagem de educação do surdo, que precisa tanto do contato com a Língua de Sinais (e com outros indivíduos surdos) quanto do português escrito (e o contato com os ouvintes) para que ele possa ir ao banco, preencher uma ficha de cadastro, votar, assinar um contrato, ir ao médico e partilhar das práticas sociais que dependem de um bom letramento em Libras e em português escrito. Em suma, o entendimento das múltiplas identidades surdas possui caráter elucidativo importante na compreensão do muro seja como gênero discursivo, seja como suporte.

Identidades surdas

Figura 5 – O impacto da EBT hoje no futuro do surdo



Fonte: acervo dos autores.

A escolha das categorias de identidades surdas propostas por Gládis Perlin (1998) vai além do trocadilho, no título deste texto, com o muro de Berlin. Ao contrário do ideal alemão após a Guerra Fria, concebido simbolicamente na quebra do muro para unificar a nação e promover a integração, pelo que podemos perceber, os surdos engajados no ativismo das causas contra-hegemônicas não querem se render ao colonialismo do ouvinte e ter domínio da língua oral. Entretanto, há diferentes realidades em torno da surdez. Aqueles diagnosticados com surdez profunda ainda na primeira infância ficam sujeitos às medidas que as famílias julgam cabíveis até que eles possam decidir por si mesmos. A respeito disso, trazemos o seguinte relato:

Durante minha pesquisa de mestrado, aprendi inclusive que, mesmo sendo surda, não poderia falar sobre os surdos, tinha de deixá-los falar por si mesmos. Eles, os surdos – e não eu – irão falar deles durante essa delimitação de identidade surda. Os surdos que escolhi para estudar suas afirmações de identidade surda são parceiros e parceiras de muitos impasses, sonhos e realizações na busca do direito de ser surdo. [...] O uso de minha pessoa significa ver o surdo do ponto de vista de dentro, o que implica usar óculos diferentes dos ouvintes. Isso em diversas ocasiões foi de modo duro, chegando a contestar teorias escritas ou faladas por sujeitos ouvintes, pelo simples fato de olhar as coisas como os ‘óculos surdos’ me permitem ver. [...] Entendo o conceito de identidades plurais, múltiplas; que se transformam, que não são fixas, imóveis, estáticas ou permanentes, que podem até mesmo ser contraditórias, que não são algo pronto. A identidade é algo em questão, em construção, uma construção móvel que pode frequentemente ser transformada ou estar em movimento, e que empurra o sujeito em diferentes posições. (PERLIN, 1998, p. 51)

É, pois, salutar e extremamente lúcida a posição da pesquisadora à medida em que procura ouvir e dar voz às diversas experiências da surdez, expandir o conceito para além da sua vivência pessoal, o que valida mais ainda o caráter dinâmico, antagônico, incompleto e diversificado da formação de identidades, pois o ser humano, por natureza, possui várias camadas. É nesse sentido que ela critica veementemente o discurso da inclusão do surdo na sala de aula com ouvintes: realidades linguísticas diferentes precisam de abordagens diferentes de ensino. Que se ergam os muros, então. Na sua visão, o biculturalismo mascara a ideologia dominante de universalizar o surdo, de ter poder administrativo sobre ele. Neste sentido, precisamos delinear quais são essas diferentes identidades surdas e listamos, a seguir, as que Perlin (1998) nos apresenta:

- **As identidades surdas:** estão presentes no grupo pelo qual entram os surdos que fazem uso da experiência visual. O adulto surdo, nos encontros com outros surdos, é levado a agir intensamente e, em contato com outros surdos, ele vai construir sua identidade fortemente centrada no ser surdo, a ‘identidade política surda’;

- **Identidades surdas híbridas:** são os surdos que nasceram ouvintes e, com o tempo, tornaram-se surdos. Segundo Perlin (1998), isso não é fácil de ser entendido porque surge a implicação entre ser surdo, depender de sinais e pensar em português – coisas bem diferentes que sempre estarão em choque. Para ela, “você sente que perdeu aquela parte de todos os ouvintes e você tem pelo meio a parte surda. Você não é um, você é duas metades”;

- **Identidades surdas de transição:** estão presentes na situação dos surdos que foram mantidos sob o cativeiro da hegemônica experiência ouvinte e depois juntam-se à comunidade surda. Normalmente, a maioria dos surdos passa por essa transição, pois são filhos de pais ouvintes;

- **Identidade surda incompleta:** são os surdos que vivem sob o domínio de uma ideologia ouvintista, que trabalha para socializar o surdo de acordo com a cultura dominante. A identidade surda é evitada, ridicularizada ou marcada por estereótipos. Aqueles que foram mantidos em cativeiro pela família e nunca tiveram contato com outros surdos são alguns exemplos;

- **Identidades surdas flutuantes** são aquelas do surdo “consciente” ou não de ser surdo, porém vítima da ideologia ouvintista, que os faz acreditar que devem ser oralizados. Não se inserem na comunidade ouvinte (por falta de comunicação), tampouco na comunidade surda (por falta de domínio dos sinais).

O muro retrata as identidades surdas incompletas ao mostrar a época do Oralismo Puro e as mãos acorrentadas. A Comunicação Total mostra as identidades surdas de transição até o momento da adoção da disciplina Libras, do curso de Letras – Libras, da instituição da EBT e da instrução em língua de sinais, ponto de destaque que enseja forte apelo à formação de identidades surdas plenas. As cores predominantes nos anos de repressão e imposição das línguas orais aos surdos são predominantemente marrom, preto e cinza e, à medida em que as línguas visuo-espaciais ganham força política e discursiva no Brasil e no mundo, o muro vai ficando mais colorido. Essa é, sem sombra de dúvida, a proposta da EBT: a validação das identidades surdas.

Considerações

Figura 6 – O oralismo



Fonte: acervo dos autores.

Figura 7 – Abordagens históricas da educação de surdos



Fonte: acervo dos autores.

À luz de tudo o que foi discutido em relação aos gêneros discursivos, nossas considerações a respeito do assunto estão longe de ser finais, haja vista a concordância com Marcuschi (2003) de que o muro é suporte, ao mesmo tempo que nosso raciocínio coaduna-se com a estabilidade dos enunciados como princípio basilar da imbricação de gêneros (BAKHTIN, 1997). Verifica-se, entretanto, que pichações, grafites e murais são gêneros já estáveis, os quais empregam recursos semióticos verbais e visuais para sua composição. Destarte, há um paradoxo por cima, por trás e do outro lado do muro da EBT: ao mesmo tempo em que ele serve como símbolo de barreira, de separação e delimitação dura, fria, sólida, nele são expressos o grito de denúncia daqueles que não se sentem ouvidos. Desta forma, sua fragilidade denota uma abordagem de aproximação de grupos que não se comunicariam de outra maneira.

Forçoso é concluir, pois, que, neste caso específico, o muro constitui gênero multimodal: ora, a imbricação de gêneros multimodais é importante pela força do potencial de significado que cada recurso semiótico traz. Quando comparamos o uso de murais em escolas cujos alunos são ouvintes, há certo potencial de significação vinculado a eles, mas como a EBT recebe um público surdo, a proeminência do visual não segue a mesma lógica de um público ouvinte, já que o percurso gerativo de sentidos é predominantemente visual. É por isso que o gênero mural é mais representativo para falantes de línguas visuo-espaciais, pois refletem a cultura visual desses alunos.

O muro da EBT é símbolo supremo do gênero mural, com características de carteira de identidade. Na busca por referências sobre o tema, utilizamos Micheli, (1985, apud Camargo, 2008, p. 135): “é na produção mural do México que temos um dos movimentos mais representativos na luta por dar visibilidade à identidade cultural de um povo, assim como a sua exploração”. Em sua dissertação, Camargo (2008) afirma que Diego Rivera fora um dos mais

importantes muralistas de seu país justamente porque dirigia-se aos humildes e à população indígena em grandes espaços públicos, fazendo com que se reconhecessem como protagonistas da pintura e não apenas como meros observadores. No Brasil, o maior representante deste gênero foi Cândido Portinari, que retratava as questões de poder e dominação entre patrões e empregados em seus afrescos.

É notável que esta escola marca visualmente a sua identidade, deixando claro o que ela pretende ser para a comunidade: um lugar onde o surdo é empoderado, onde ele pode encontrar o elusivo sentimento de pertença. Importa ressaltar que o discurso de emancipação do surdo vai sendo dito pelo muro, num exemplo muito claro de como a prática discursiva se constrói dentro da prática social. Em suma, o muro nos conta a história visual dos surdos e isso prova que estar no muro, ser visual, estar representado nessas imagens é, para eles, a principal ferramenta de significação. Afinal, nas palavras de Perlin (1998), “ser surdo é pertencer a um mundo de experiência visual e não auditiva”.

Referências

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Tradução feita a partir do francês por Maria Ermantina Galvão G. Pereira. Revisão da tradução Marina Appenzeller. 2a edição, São Paulo, Martins Fontes, 1997. Coleção Ensino Superior.

CAMARGO, A. *O mural como representação sócio-cultural da tecnologia: das pinturas parietais às constantes hibridações presentes na arte midiática*. Curitiba, UFTPR, 2008.

COSTA, A. D. A. *Murais didáticos: caracterização e descrição*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco como requisito para obtenção do grau de mestre em Linguística. Recife, 2012.

FAIRCLOUGH, N. *Discurso e mudança social*. Coord. da trad. Izabel Magalhães. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

FERNANDES, S. *Educação de surdos*. 2a edição – atual. Curitiba: IBPEX, 2011.

KRESS, G; van LEEUWEN, T. *Reading Images: the grammar of visual design*. London: Routledge, 1996.

MARCUSCHI, L. A. *A questão do suporte dos gêneros textuais*. Mimeo, DLCV. v. 1 n. 1 e2 2003/2004. UFPB. Disponível em: www.sme.pmmc.com.br/arquivos/matrizes/matrizes.../texto-15.pdf Data de acesso: 15/6/2015.

PERLIN, Gládis. Identidades Surdas. Em: SKLIAR, Carlos. *A surdez: um olhar sobre as diferenças*. Porto Alegre: Medição, 1998, p. 51 - 73.

PEDRO, Emília Ribeiro (Org.) *Análise Crítica do Discurso: uma perspectiva sociopolítica e funcional*. Editora Caminho, Coleção Universitária, Série Linguística. Lisboa, 1997.

RODRIGUES, R. H. Análise de gêneros do discurso na teoria Bakhtiniana: algumas questões teóricas e metodológicas. Em: *Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão, v. 4, n. 2, p. 415-440, jan./jun. 2004.

SALLES, H. M. M. L. *Ensino de língua portuguesa para surdos: caminhos para a prática pedagógica*. [et al.]. Brasília: MEC, SEESP, 2004.

SANTOS, T. M. *Grafite: a leitura dos muros*. VI ENECULT: Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura. Facom, UFBA. Salvador, 25 e 27 de maio de 2010.

O desenvolvimento da cognição do professor: um panorama dos estudos dos construtos

Maristela Silva (UEA)

Introdução

A *cognição do professor* tem sido estudada como um termo abrangente e complexo que se relaciona aos processos mentais do professor. Como uma ideia de caráter subjetivo, ou não-observável, a cognição do professor é, por vezes, percebida a partir do entendimento de seus construtos. De forma simples, os construtos podem ser compreendidos como elementos conceituais e subjetivos que ajudam a formar a ideia de cognição. Assim, pensamento, conhecimento, crenças, entre outros, são considerados construtos da cognição do professor.

Nesse contexto, pode ser possível, então, explorar a cognição do professor a partir da compreensão de seus construtos, assim como da interrelação existente entre eles. Os estudiosos da área já o fazem quando elegem alguns dos construtos como base para entender, avaliar e acompanhar o desenvolvimento mental do professor (Pajares, 1992; Borg, 1998; Barcelos, 2006; Borg, 2011). A partir desse entendimento, é possível notar, por exemplo, as razões por trás de sua prática pedagógica. Com isso, pesquisadores procuram transformar esse conceito abstrato em um fenômeno menos subjetivo e instável, como se os construtos fossem instrumentos de auxílio para a tradução da cognição.

Tal tradução tem sido útil, mas abre espaço para interpretações diversas. Já se sabe que os construtos da cognição são em sua maioria estudados a partir de suas interrelações com outros e que apesar do grande número de construtos já estudados, o trabalho de entendimento destes ainda parece inacessível, interminável e indeterminado, como o é a mente humana (Clark, 2014). Trazer o produto criado na mente de um professor à tona tem desafiado os pesquisadores. Este artigo visa mostrar quais são os caminhos ou tendências de investigação da mente do professor e apresentar alguns construtos que estão em evidência na pesquisa educacional no contexto brasileiro e internacional.

A construção do estudo

O presente artigo surge a partir de uma abordagem qualitativa de pesquisa no campo da Educação e da Linguística Aplicada (ou LA), voltada para a formação e capacitação dos professores de línguas no Brasil. O estudo tem sua origem em minha tese de doutorado (SILVA, 2016) que fez uso da pesquisa narrativa sobre a cognição do professor de línguas

no Amazonas. O levantamento bibliográfico gerou um rico acervo de obras sobre a cognição do professor e os construtos da cognição, com foco em quatro principais construtos (conhecimento, crenças, pensamento e tomada de decisão).

No processo investigativo, foi possível perceber as nuances e complexidades do tema explorado o que contribuiu para a construção de uma metodologia de pesquisa ao mesmo tempo sistemática e dinâmica. A investigação se iniciou acerca dos estudos da crença no ensino de línguas, inspirado nos trabalhos de Ana Maria Barcelos (2010, 2011). A partir deste construto, notou-se que havia um tema mais abrangente que merecia atenção – a cognição do professor – que abarcava novos construtos e explorava outras metodologias de pesquisa. Assim, a partir de uma gama de construtos e abordagens, delimitou-se o estudo à quatro construtos principais a serem considerados (conhecimento, crenças, pensamento e tomada de decisão) e definiu-se a metodologia à pesquisa narrativa com elementos de análise do discurso. Desta perspectiva, busca-se apresentar, neste artigo, uma breve revisão bibliográfica de pesquisas que têm ajudado a formar a ideia de cognição do professor de línguas, suas origens e definições, a fim de contribuir para o crescimento dos estudos sobre o tema.

Origens e definições

O conceito de cognição do professor provém da psicologia, mais especificamente das investigações sobre a cognição. No entanto, considerada como uma área multidisciplinar, a ciência da cognição logo passa a afetar e ser afetada pelas pesquisas desenvolvidas em outras áreas, tais como a linguística, a antropologia e a neurociência, entre outras (Radvansky e Ashcraft, 2014).

Essa abordagem multidisciplinar pode ser notada no estudo de Clark (2014) que relaciona a filosofia das ciências cognitivas às ideias de percepção, linguagem, inteligência artificial, assim como a invisível e não-observável natureza da mente (2014, p. 3). Clark questiona o porquê de quando nos consideramos pessoas com “crenças, esperanças, intenções, e afins conseguimos explicar, prever e entender com sucesso o nosso comportamento diário” (ibid.). Nesta revisão bibliográfica, toma-se o posicionamento de que discutir cognição é efetivamente deliberar sobre os construtos não-observáveis da mente que são, em geral, os precursores das ações. Dessa perspectiva da psicologia, nota-se então que tais construtos mentais são capazes de promover múltiplos olhares.

Consequentemente, a ideia de cognição na psicologia é geralmente percebida como um termo complexo. Ela também pode ser compreendida como “o conjunto de processos e atividades mentais usadas para se perceber, lembrar, pensar e entender algo, assim como o ato de usar todos esses processos”, como sugerida por Radvansky e Ashcraft (2014).

Essa interpretação, como será vista mais tarde neste artigo, se alinha com a literatura da esfera educacional, que adota uma posição similar sobre o tema.

A cognição do professor na linguística aplicada e na formação de professores de línguas

As pesquisas analisadas são tratadas aqui em relação às áreas da Educação e da Linguística Aplicada (LA), já que as duas se entrelaçam quando o assunto é a formação de professores, ou mais especificamente, de professores de línguas. Esses múltiplos e intrincados processos discutidos em Radvansky & Ashcraft (2014), mencionados acima, são então analisados, com foco na mente e na ação do professor. Assim, os estudos cognitivos se unem às questões de ensino e à formação do professor, ajudando a definir o que chamamos de *cognição do professor* (Borg, 2006). Em inglês, o termo *teacher cognition* (cognição do professor) abarca a concepção de conjunto de construtos da cognição, associados e/ou interpretados a partir da prática pedagógica e da vida mental do professor. É dessa perspectiva que se trata a ideia de cognição do professor aqui discutida. Ela se relaciona ao entendimento da prática do professor e das formas que ele “faz sentido de seu trabalho” em termos de “comportamento pensado ou refletido” (ibid., loc. 52).

Os estudos sobre cognição do professor têm se desenvolvido desde os anos 1970 (Education, 1975). Borg (2006), por exemplo, explica que um relatório do Instituto Nacional de Educação nos Estados Unidos (*National Institute of Education in the United States*) iniciou a tradição dos estudos sobre cognição do professor quando admitiu que os professores deveriam ser vistos como “tomadores de decisão ativos e reflexivos”, expandindo o limitado conceito anterior sobre o professor e seus processos mentais (ibid., loc. 71). Depois desse relatório, a ideia de cognição do professor passou a se relacionar a temas tais como conhecimento, comportamento e pensamento sobre a prática pedagógica (ibid.). Esse relatório (Education, 1975) foi também marcante porque mostrou preocupação com a vida mental do professor, seus pensamentos, decisões e comportamento. Do mesmo modo, o relatório se interessa com um melhor “entendimento das maneiras que o professor lida com as demandas da vida em sala de aula, a fim de melhorar o ensino” (ibid., p. 51). Mais tarde, estudos passam a investigar o professor em seus vários momentos – tanto dentro como fora da sala de aula – para compreender como seus processos mentais se desenvolvem e atuam em relação às suas condições de ensino, ou seja, quando o professor executa sua função de educador.

Como visto na literatura sobre cognição e capacitação do professor, essa ideia de professores como ativos tomadores de decisão tem relação estreita com uma

mudança conceitual nas áreas, tanto de Educação, como em LA. Essa visão é corroborada no trabalho de Bailey (1996), Borg (2006), entre outros. Atualmente, nota-se que a formação de professores tem sofrido uma significativa transição. A partir da concepção de instrução “bancária”, criticada por Freire (1987), a formação de professores passa a ser responsável por uma discussão mais aberta, em mesa-redonda. Hoje, nos diversos programas de capacitação e formação de professores, se percebe que o professor-aluno tem sido motivado a fazer parte de um processo educacional interdisciplinar, ao invés de ser alimentado com informações, numa abordagem hierárquica vertical. Em outras palavras, o professor se torna participante ativo na construção, ou co-construção¹⁹ (Jacoby & Ochs, 1995), de seu processo de aprendizagem. Assim, sua visão de prática pedagógica se torna social, interativa e até “transdisciplinar” (Moita Lopes, 1996).

Há ainda uma bibliografia de base sobre cognição do professor, que explora os seus relativos construtos e que embora clássica, apresenta uma visão moderna do tema. Do trabalho de Dewey (1910; 1916), no início do século XX, aos estudos de Schön (1987; 1995) e Clark e Peterson (1986), nota-se que apesar dos construtos não serem tratados como parte de um conceito maior como o de cognição do professor, eles já eram explorados com foco na melhoria do ensino. Convém lembrar que Dewey (1910; 1933) estuda o pensamento, o conhecimento e a experiência do professor (ibid., 1916; 1938) quando ainda nem eram vistos como construtos da cognição do professor. No entanto, de seu trabalho emergem referências atemporais para a pesquisa sobre o assunto. A compreensão de Dewey de que o professor está constantemente construindo seu próprio entendimento sobre ensino e aprendizagem significativa evidencia uma visão moderna para o seu tempo (vide Dewey, 1916).

Assim como Dewey, Schön (1987; 1995) também faz uma relação entre o conhecimento e o pensamento em seu trabalho sobre ensino reflexivo e ainda hoje é referência nos estudos sobre esses construtos. Finalmente, nota-se que a revisão bibliográfica de Clark e Peterson (1986) que investiga os processos do pensamento, também é considerada uma fonte relevante para a compreensão desse construto (refer to Borg, 2006 for details; Burns *et al.*, 2015). Nas próximas sessões, explora-se outras perspectivas quanto aos estudos da cognição do professor.

18. A ideia de co-construção é definida por Jacoby & Ochs (1995, p. 171) como “a criação conjunta de uma forma, interpretação, posicionamento, identidade, instituição, habilidade, ideologia, emoção, ou qualquer outra realidade culturalmente significativa”.

Versão original, em inglês: “the joint creation of a form, interpretation, stance, identity, institution, skill, ideology, emotion, or any other culturally meaningful reality.”

Os processos mentais do professor

Por volta de dos anos 1990, os processos mentais do professor, assim como a ideia de cognição, passaram a ser explorados em relação à linguística aplicada ao ensino de línguas (Woods, 1996; Burns *et al.*, 2015). Desde então, a sua conceitualização tem adquirido novos entendimentos, novas perspectivas e novos construtos. Atualmente, os processos mentais do professor têm sido interpretados em relação aos mais diversos construtos, como o pensamento, as decisões e o conhecimento (e.g., Barnard e Burns, 2012; Borg, 2012; Burns *et al.*, 2015). Na LA, a cognição do professor ainda é associada à sua prática pedagógica, assim como à sua experiência, às suas crenças, às suas ações e decisões (e.g., Johnson, 1994; Gebhard e Oprandy, 1999; Barcelos e Vieira-Abrahão, 2010).

Desse modo, é possível conceitualizar a ideia de cognição do professor em relação à noção dos seus processos mentais e através do estudo dos construtos da cognição. Por exemplo, Borg apresenta a ideia de cognição do professor

como um sistema tácito, pessoalmente-realizado e prático de construtos mentais atingidos pelo professor, e que são dinâmicos – isto é, definidos e refinados com base nas experiências educacionais e profissionais por toda a vida do professor. (Borg, 2006, loc. 434, tradução nossa)¹⁹

Interpreta-se esses “construtos mentais”, citados acima, como uma série de concepções, informações ou experiências integradas na cognição do professor, que estão em constante evolução. Pode-se compreender essa noção de “vida do professor”, como citada acima, a partir de uma ampla perspectiva, considerando além da sua prática pedagógica, a sua vida pessoal e profissional, a sua experiência e seu conhecimento, entre outras ideias. Desse ponto de vista, entende-se que a cognição do professor também se refere à interrelação existente entre prática e ação, como sugerido por Clark (2014). Pode-se concluir então que a cognição do professor não só implica o comportamento do professor, mas também inclui o que está na sua mente antes, durante e depois de uma ação, ou seja, a prática reflexiva sugerida por Borg (2006) e por Schön (1987).

Desenvolvimento em constante construção – as compreensões do conhecimento

Tanto na Linguística Aplicada quanto na Educação, nota-se que a definição de cognição do professor se desenvolveu gradualmente. Primeiro, os estudos focavam em construtos individuais como crenças (Pajares, 1992; Kalaja e Barcelos, 2003; Barcelos, 2008), pensamento (Clark & Peterson, 1986), tomada de decisão (Woods, 1996) e conhecimento (Freeman, 1996; Szesztay, 2004; Ben-Peretz, 2011), entre outros. A cognição

19. can thus be characterized as an often tacit, personally-held, practical system of mental constructs held by teachers and which are dynamic – i.e. defined and refined on the basis of educational and professional experiences throughout teachers' lives.

do professor passa então a ser tratada como um termo mais abrangente que engloba todos os construtos mentais.

No seu trabalho precursor sobre o tema, Borg (2006) explora a ideia de cognição do professor mais especificamente em conexão com o ensino de línguas. Sua perspectiva nessa área influenciou outras pesquisas que chamaram a atenção para as complexidades do conceito de cognição do professor de línguas (Feryok, 2010), crenças do professor de línguas (Debreli, 2012), e ensino de línguas em geral (Woods e Çakır, 2011; Barnard e Burns, 2012).

Assim, pode-se entender que a cognição do professor é dinâmica, em constante construção e, de acordo com a perspectiva e o contexto onde é estudada, ela pode gerar novas interpretações. Em outras palavras, embora os vários construtos de cognição do professor (e.g., conhecimento, crenças, experiência, entre outros) já foram estudados antes em relação ao ensino de línguas, quando combinados, esses construtos acrescentam novos significados ao termo cognição do professor. Deste modo, a *cognição do professor* se torna um termo abrangente que pode incluir todos ou apenas alguns de seus construtos, além de outros conceitos que se alinham com o termo.

Por exemplo, a conceitualização do conhecimento tem sido amplamente investigada em relação à vida mental do professor e gradativamente passa a adquirir novos entendimentos. Ressalta-se aqui a investigação de Elbaz (1981; 1983) sobre o conhecimento prático e, mais tarde, sobre o conhecimento pessoal e prático (ou *personal practical knowledge* – PPK, como tratado na literatura da área). Igualmente, outros pesquisadores exploraram o tópico, como Connelly e Clandinin (e.g., Clandinin e Connelly, 1987; Connelly *et al.*, 1997); Golombek (e.g., 1998; 2009); e Morton e Gray (2010).

Essa compreensão dinâmica do conhecimento se desenvolve de forma que a noção de PPK ganha categorias de conhecimento, como as apresentadas por Golombek (1998) e por Silva (2016). Golombek (1998) apresenta quatro categorias de PPK (i.e., conhecimento de si, da matéria, da instrução e do contexto). Já Silva (2016) sugere a introdução de uma nova categoria à esta lista, a do “conhecimento do contexto interacional”. Tal categoria indica que o professor entende a situação em que a interação acontece (Silva, 2016). Todas essas perspectivas influenciaram a conceitualização do conhecimento apresentadas neste artigo e percebida no interesse pelo conhecimento nas pesquisas apresentadas a seguir.

A cognição do professor pelo mundo

Viu-se até o momento que os construtos de cognição do professor têm sido estudados individualmente ou em combinação com outros construtos; de perspectivas diferentes e com propósitos distintos. Por exemplo, no Brasil,

Barcelos e Vieira-Abrahão (2010) organizaram uma série de relatórios de investigações sobre crenças do professor e do aluno na área de ensino-aprendizagem de inglês como língua estrangeira (ILE). Elas consideraram as influências contextuais dessas crenças e propuseram reflexões sobre os temas explorados. Ainda no Brasil, Miccoli (2008) investigou a experiência de professores da rede pública e privada, problematizando a ideia de inglês de escola, ou seja, o ensino de línguas de baixa qualidade com alta influência da língua-mãe (o português) nas aulas. Ambos trabalhos são altamente relevantes para o desenvolvimento de pesquisas sobre a cognição do professor no contexto brasileiro.

A Tabela 1 (abaixo) apresenta uma lista de referências que investigam a cognição do professor em seu sentido abrangente e seus construtos em relação ao ensino de línguas. Esta tabela traz uma visão geral das tendências nacionais e internacionais quanto à pesquisa em cognição do professor de línguas, em termos de abordagens metodológicas e em construtos explorados. As pesquisas incluídas são em sua maioria do século XXI, além de duas pesquisas influentes publicadas na passagem do século XX para o XXI (e.g., Freeman & Johnson, 1998; Golombek, 1998).

Tabela 1 – Panorama da pesquisa em cognição do professor de línguas

Fonte bibliográfica	Contexto	Perspectiva	Co	P	Cr	D	Em	At	Ex	OC
Contexto Brasileiro										
1. Silva (2016)	Brasil	pesquisa narrativa	•	•	•	•				*
2. Battistella e Lima (2015)		estudo sociocultural			•					
3. Bedran e Salomão (2013)		observação de programa <i>teletandem</i>			•					
4. Aragão (2011)		estudo de caso longitudinal			•		•			
5. Barcelos e Kalaja (2011)		revisão bibliográfica			•					•
6. Aragão (2008)		pesquisa narrativa					•			
7. Miccoli (2008)		pesquisa narrativa								•
8. Barcelos (2007)		crenças de alunos e professores			•					
9. Barcelos (2006)		pesquisa narrativa			•					•
10. Aragão (2005)		pesquisa narrativa			•		•			
11. Barcelos (2001)		revisão bibliográfica de metodologias aplicadas em estudos sobre crenças			•					

Contexto Internacional 1 – países onde o inglês não é a 1ª. língua										
Fonte bibliográfica	Contexto	Perspectiva	Co	P	Cr	D	Em	At	Ex	OC
12. Moradan e Purasadollah (2014)	Irã	como os professores pensam		•	•				•	
13. Gürsoy (2013)	Turquia	crenças e comportamento de professores			•					
14. Debrelí (2012)	Chipre	qualitativa			•					
15. Erkmen (2012)	Chipre	qualitativa			•					
16. Mori (2011)	Japão	práticas de correção por feedback	•		•					
17. Feryok (2010)	Armênia	sistemas complexos em ensino de línguas								
18. Barkhuizen e Wette (2008)	China	pesquisa narrativa –frames							•	
19. Szesztay (2004)	Hungria	formação de professores	•	•		•				
Contexto Internacional 2 – Estados Unidos e Reino Unido										
Fonte bibliográfica	Contexto	Perspectiva	Co	P	Cr	D	Em	At	Ex	OC
20. Freeman (2013)	EUA	estudo de caso		•						•
21. Borg (2011)	Reino Unido	estudo longitudinal			•					
22. Morton e Gray (2010)	Reino Unido	discurso de plano de aula compartilhado	•							*
23. Golombek (2009)	EUA	estudo comparativo	•							*
24. Borg (2003)	Reino Unido	revisão bibliográfica	•	•	•					
25. Freeman e Johnson (1998)	EUA	conhecimento-base de formação de professores de línguas	•							*
26. Golombek (1998)	EUA	observação de sala de aula, entrevista, <i>stimulus recall</i>	•							*
Chave de símbolos: • relacionado aos construtos abordados nas pesquisas; * relacionado ao PPK Co = conhecimento; P = pensamento; Cr = crenças; D = decisões ou tomada de decisões; Em = emoções; At = atitude; Ex = experiência; PPK = conhecimento pessoal e prático (personal practical knowledge); OC = outros construtos										

Fonte: Elaborada pela autora.

Na Tabela 1, acima, a primeira coluna representa a fonte de informação, organizada em ordem cronológica decrescente. A segunda coluna se refere ao contexto onde a pesquisa se desenvolveu. Esse está dividido em três grupos:

o primeiro é brasileiro e os outros dois são internacionais (detalhes na Tabela 1). A terceira coluna indica a perspectiva metodológica ou a abordagem para o tema e as colunas subsequentes se referem aos principais construtos da cognição do professor explorados nas pesquisas, como conhecimento. Na base da tabela, pode-se verificar a chave de símbolos referentes aos construtos considerados, ou seja, conhecimento, pensamento, crenças, decisões ou tomada de decisões, emoções, atitude e experiência.

Como pode ser notado, a partir das informações apresentadas nesse quadro, o foco das pesquisas parece seguir uma tendência de acordo com o contexto onde são desenvolvidos. No contexto brasileiro, por exemplo, os estudos que exploram crenças são quase uma unanimidade, seguidos do foco nos construtos da emoção e da experiência. Nota-se ainda que existem evidências quanto ao uso da metodologia narrativa para se investigar os construtos da cognição do professor de línguas (Atkinson, 2010, Barcelos, 2008, Clandinin & Connelly, 2000). Pode-se pressupor que a influência da pesquisa seminal de Barcelos (e.g., 2008) tanto na área das crenças, quanto na aplicação da narrativa tenha afetado as escolhas do foco das pesquisas citadas.

Já no contexto internacional, existem indícios de que a pesquisa desenvolvida em países não falantes do inglês também demonstra maior interesse nas crenças. Os motivos para tal tendência ainda precisam ser investigados, assim como as abordagens escolhidas. Talvez uma pesquisa mais voltada a estes países, possa trazer à luz novos conceitos para o tema cognição do professor.

Finalmente, nos Estados Unidos e no Reino Unido a pesquisa tende a explorar o conhecimento como principal construto da cognição. O conhecimento, nesse último contexto, em geral se relaciona à ideia de PPK discutida na sessão 5 deste artigo. Considerando que a produção de artigos sobre o tema é deveras prolífica nestas duas regiões, seria significativo desenvolver um levantamento mais específico dos trabalhos em PPK, por exemplo. O tema aqui explorado, *cognição do professor*, ainda oferece uma grande oportunidade de investigações futuras em quaisquer das regiões apresentadas na Tabela acima.

Considerações

No que concerne às discussões sobre o conceito de cognição do professor, apresentadas neste artigo, observa-se que quanto mais investigada por pesquisadores, mais abrangente a ideia de cognição do professor se torna. Viu-se também que o termo ganha novas dimensões relativas às áreas, aos construtos e até as metodologias estudadas. Igualmente, verifica-se que existe uma interrelação entre os construtos da cognição do professor para que sua formação seja estabelecida de forma menos abstrata.

Notocante à revisão bibliográfica, nota-se que os principais estudos que têm ajudado a formar o conceito de cognição do professor datam do início do século XX, com Dewey explorando construtos da cognição ligados à formação de professores, e parecem não ter um limite para se desenvolverem. Assim, é possível que em pouco tempo, a pesquisa precise se fragmentar para se tornar mais clara quanto aos seus objetivos, seja ela associada à Educação ou à Linguística Aplicada.

Por fim, a ideia de que a cognição do professor está em constante (re-, co-) construção, pode motivar novos estudos com perspectivas variadas. O panorama apresentado sobre a pesquisa nacional e internacional pode ser ampliado e adaptado de forma a encontrar as necessidades dos campos da Educação e da Linguística Aplicada, e claro, dos professores – alvo de tais pesquisas.

Referências

ARAGÃO, R. Cognição, emoção e reflexão na sala de aula: por uma abordagem sistêmica do ensino/aprendizagem de inglês. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, v. 5, n. 2, p. 101, 2005.

_____. Emoções e pesquisa narrativa: transformando experiências de aprendizagem. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, v. 8, n. 2, p. 295, 2008.

_____. Beliefs and emotions in foreign language learning. *System*, v. 39, n. 3, p. 302, 2011.

ATKINSON, B. Teachers responding to narrative inquiry: an approach to narrative inquiry criticism. *Journal of Educational Research*, v. 103, n. 2, pp. 91-102, 2010.

BARCELOS, A. M. F. Metodologia de pesquisa das crenças sobre aprendizagem de línguas: estado da arte. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, v. 1, n. 1, p. 71, 2001.

_____. Narrativas, crenças e experiências de aprender inglês. *Linguagem e Ensino*, v. 9, n. 2, p. 145, 2006.

_____. Reflexões acerca da mudança de crenças sobre ensino e aprendizagem de línguas. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, v. 7, n. 2, p. 109, 2007.

_____. Learning English: students' beliefs and experiences in Brazil. In: KALAJA, P.; MENEZES, V., et al (Ed.). *Narratives of Learning and Teaching EFL*. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2008. cap. 3, p.35.

BARCELOS, A. M. F.; KALAJA, P. Introduction to Beliefs about SLA revisited. *System*, v. 39, p. 281, 2011.

BARCELOS, A. M. F.; VIEIRA-ABRAHÃO, M. H. *Crenças e Ensino de Línguas: Foco no Professor, no Aluno e na Formação de Professores*. 2ed. Campinas: Pontes Editores, 2010.

BARNARD, R.; BURNS, A., Eds. *Researching Language Teacher Cognition and Practice: International Case Studies*. New Perspectives on Language & Education. Bristol, Buffalo and Toronto: Multilingual Matters, New Perspectives on Language & Education. 2012.

BATTISTELLA, T. R.; LIMA, M. D. S. A correção em língua estrangeira a partir de uma perspectiva sociocultural e as crenças de professores sobre o assunto. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, v. 15, n. 1, p. 281, 2015.

BEDRAN, P. F.; SALOMÃO, A. C. B. Interação de crenças em contexto colaborativo virtual de aprendizagem de línguas. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, v. 13, n. 3, p. 789, 2013.

BEN-PERETZ, M. Teacher knowledge: What is it? How do we uncover it? What are its implications for schooling? *Teaching and Teacher Education*, v. 27, n. 1, p. 3, 2011. ISSN 0742-051X.

BORG, S. Data-based teacher development. *ELT Journal*, v. 52, n. 4, p. 273, 1998. ISSN 0951-0893.

_____. Teacher cognition in language teaching: a review of research on what language teachers think, know, believe, and do. *Language Teaching*, v. 36, n. 2, p. 81, 2003. ISSN 0261-4448.

_____. *Teacher Cognition and Language Education: Research and Practice*. Kindle. London: Continuum, 2006.

_____. The impact of in-service teacher education on language teachers' beliefs. *System*, v. 39, n. 3, p. 370, 9// 2011. ISSN 0346-251X. Disponível em: < <http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0346251X11000959> >.

_____. Current approaches to language teacher cognition research: a methodological analysis. In: BARNARD, R. e BURNS, A. (Ed.). *Researching Language Teacher Cognition and Practice: International Case Studies*. Bristol: Multilingual Matters, 2012. p.11.

BURNS, A.; EDWARDS, E.; FREEMAN, D. Theorizing and studying the language-teaching mind: mapping research on language teacher cognition. *The Modern Language Journal*, v. 99, n. 3, p. 585, 2015.

CLANDININ, D. J., & CONNELLY, F. M. *Narrative Inquiry: Experience and Story in Qualitative Research*. San Francisco: Jossey-Bass, 2000.

CLANDININ, D. J.; CONNELLY, F. M. Teachers' personal knowledge: what counts as 'personal' in studies of the personal. *Journal of Curriculum Studies*, v. 19, n. 6, p. 487, 1987.

CLARK, A. *Mindware: An Introduction to the Philosophy of Cognitive Science*. 2nd. New York: Oxford University Press, 2014.

CLARK, C. M.; PETERSON, P. L. Teachers' thought processes. In: WITTROCK, M. C. (Ed.). *Handbook of Research on Teaching*. 3rd. New York and London: Macmillan Publishing Company and Collier Macmillan Publishers, 1986.

CONNELLY, F. M.; CLANDININ, D. J.; FANG HE, M. Teachers' personal practical knowledge on the professional knowledge landscape. *Teaching and Teacher Education*, v. 13, n. 7, p. 665, 1997.

DEBRELI, E. Change in beliefs of pre-service teachers about teaching and learning English as a foreign language throughout an undergraduate pre-service teacher training program. *Procedia - Social and Behavioral Sciences*, v. 46, p. 367, 2012. ISSN 1877-0428.

DEWEY, J. *How We Think*. Kindle. Mineola: Dover Publications, Inc., 1910.

_____. *Democracy and Education: An Introduction to the Philosophy of Education*. Kindle. New York: The Macmillan Company, 1916.

_____. *How We Think: A Restatement of the Relation of Reflective Thinking to the Educative Process*. Boston: D. C. Heath and Company, 1933.

_____. *Experience and Education*. Kindle. New York: Simon & Schuster, 1938.

EDUCATION, N. I. O. *Teaching as Clinical Information Processing*. National Institute of Education. Washington, DC, p.1. 1975

ELBAZ, F. The teacher's 'practical knowledge': report of a case study. *Curriculum Inquiry*, v. 11, n. 1, p. 43, 1981.

_____. *Teacher Thinking: A Study of Practical Knowledge*. London: Croom Helm, 1983.

ERKMEN, B. Ways to uncover teachers' beliefs. *Procedia - Social and Behavioral Sciences*, v. 47, p. 141, 2012.

FERYOK, A. Language teacher cognitions: complex dynamic systems? *System*, v. 38, n. 2, p. 272, 2010. ISSN 0346-251X.

FREEMAN, D. Redefining the relationship between research and what teachers know. In: BAILEY, K. M. e NUNAN, D. (Ed.). *Voices from the Language Classroom*. New York: Cambridge University Press, 1996. cap. 4, (Cambridge Language Teaching Library).

_____. "Teacher thinking, learning, and identity in the process of educational change". In: HYLAND, K. e WONG, L. L. C. (Ed.). *Innovation and Change in English Language Education*. London and New York: Routledge, 2013. cap. 9, p.123.

FREIRE, P. *Pedagogia do Oprimido*. 32 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GEBHARD, J. G.; OPRANDY, R. *Language Teaching Awareness: A Guide to Exploring Beliefs and Practices*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

GOLOMBEK, P. R. A study of language teachers' personal practical knowledge. *TESOL Quarterly*, v. 32, n. 3, p. 447, 1998.

_____. Personal practical knowledge in L2 teacher education. In: BURNS, A. e RICHARDS, J. C. (Ed.). *The Cambridge Guide to Second Language Teacher Education*. Kindle. Cambridge: Cambridge University Press, 2009. cap. 15, p.loc. 4895.

JOHNSON, K. E. The emerging beliefs and instructional practices of preservice English as second language teachers. *Teaching & Teacher Education*, v. 10, n. 4, p. 439, 1994.

KALAJA, P.; BARCELOS, A. M. F., Eds. *Beliefs about SLA: New Research Approaches*. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers. 2003.

MICCOLI, L. Brazilian EFL teachers' experiences in public and private schools: different contexts with similar challenges. In: KALAJA, P.; MENEZES, V., et al (Ed.). *Narratives of Learning and Teaching EFL*. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2008. cap. 5, p.64.

MOITA LOPES, L. P. *Oficina de Lingüística Aplicada: A Natureza Social e Educacional dos Processos de Ensino/Aprendizagem de Línguas*. Campinas: Mercado das Letras, 1996.

MORI, R. Teacher cognition in corrective feedback in Japan. *System*, v. 39, n. 4, p. 451, 2011. ISSN 0346-251X.

MORTON, T.; GRAY, J. Personal practical knowledge and identity in lesson planning conferences on a pre-service TESOL course. *Language Teaching Research*, v. 14, n. 3, p. 297, 2010.

PAJARES, F. M. Teachers' beliefs and educational research: cleaning up a messy construct. *Review of Educational Research*, v. 62, n. 3, p. 307, 1992.

RADVANSKY, G. A.; ASHCRAFT, M. H. *Cognition*. 6th. Boston: Pearson Education, 2014.

SCHÖN, D. A. *Educating the Reflective Practitioner: Toward a New Design for Teaching and Learning in the Professions*. Kindle. San Francisco: Jossey Bass Publishers, 1987.

_____. *The Reflective Practitioner: How Professionals Think in Action*. Aldershot: Arena, 1995.

SILVA, M. *Narrativised Teacher Cognition of Classroom Interaction: Articulating foreign language practice in the Amazonian context*. 2016. PhD (PhD in Education). Education, The University of Nottingham, Nottingham.

SZESZTAY, M. *Teachers ways of knowing*. *ELT Journal*, v. 58, n. 2, p. 129, 2004.

WOODS, D. *Teacher Cognition in Language Teaching: Beliefs, Decision-making, and Classroom Practice*. Cambridge and New York: Cambridge University Press, 1996. xii ISBN 0521497000 ; 0521497884 (pbk.). Disponível em: <<http://www.loc.gov/catdir/description/cam021/95037618.html>>; <<http://www.loc.gov/catdir/toc/cam021/95037618.html>>.

WOODS, D.; ÇAKIR, H. Two dimensions of teacher knowledge: The case of communicative language teaching. *System*, v. 39, n. 3, p. 381, 2011. ISSN 0346-251X.

Resenha

SOARES, N. M. M. *Gêneros textuais em foco: argumentação em textos opinativos*. Curitiba: ed. Aprris, 2016.

Rafael Seixas de Amoêdo (UEA)

Sobre a autora: Neiva Maria Machado Soares é professora adjunta da Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Doutora em Letras pela Universidade de Brasília (UnB). É pesquisadora nas áreas da Multimodalidade, Análise de Discurso Crítica, Linguística Sistêmico-Funcional e gêneros textuais. Líder do Grupo de Pesquisas SDISCON- Múltiplas Linguagens, Semiótica e Discurso na Contemporaneidade, fundado em 2016. Seu mais recente trabalho é a organização do livro *Análise em discurso: semiótica e multimodalidade* (2017) em parceria com colegas da UEA e UnB.

O livro é fruto da dissertação de mestrado da autora, realizado sob orientação da professora Dra. Désirée Motta-Roth, da Universidade de Santa Maria. A obra visa tecer considerações teóricas e analíticas nos vieses da Linguística Sistêmico-Funcional de Halliday (, *Análise de Discurso Crítica faircloughiana* (1989; 1992; 1995), além das concepções de Bakhtin (1992), Hasan (1985), Longacre (1992), Vande Kopple (1985), Crismore (1989) e outros. Em análises num nível micro e macroestrutural, ou seja, além de proporcionar um levantamento de elementos textuais no gênero analisado, parte-se também para o contexto social em que está inserido.

A obra divide-se em três capítulos, estrutura típica de uma dissertação de mestrado: o primeiro trata de apresentar o aparato teórico utilizado; o segundo, uma contextualização do gênero editorial, objeto da pesquisa; E o terceiro tece considerações dentro das perspectivas micro e macroestrutural, a análise propriamente dita.

A autora parte da percepção de dualidade entre linguagem e sociedade, buscando, assim, um contexto com relações bidirecionais entre as pessoas, atendo-se então à mídia, e dentro deste amplo campo, optou-se pelo jornal como objeto de estudo. O jornal engloba um conjunto de textos, dentre os quais se destacam quatro categorias, segundo Caldas-Coulthard (1997): publicidade, notícias, editoriais e serviços. Os editoriais foram tomados como escopo analítico por demonstrarem marcas de persuasão, um dos focos deste trabalho.

O editorial é concebido funcionalmente para apresentar uma posição/opinião sobre um determinado assunto no contexto em que está inserido. A autora enumera vários estudos que enfocam este gênero, portanto, de grande interesse no âmbito científico. Algo também reiterado por Fairclough (1995) ao destacar a importância de estudos que tratem os textos da mídia como formas de representar o modo como a sociedade se organiza.

No primeiro capítulo, discute-se o campo teórico acerca das concepções de discurso, gênero e texto. Inicialmente apresenta a Análise de Discurso Crítica (ADC) para conceber discurso como prática sociocultural. É por esta análise que o gênero jornalístico editorial será analisado a fim de investigar as influências intrínsecas da sociedade sobre os discursos. Em ADC por uma visão multidimensional de Fairclough ao compreender o discurso em três vieses inter-relacionados: a prática textual, a prática discursiva e a prática sociocultural. Em cada dimensão desencaixando-se categoriais analíticas para um dado gênero. Na obra, a autora alerta que não abordará os aspectos de consumo e distribuições dos textos (prática discursiva) e enfocará em aspectos relativos ao discurso, contexto e texto, tecendo em seguida as concepções de cada aspecto.

Discurso, como já afirmado, é tratado como prática social, interação entre os participantes de um evento comunicativo. Não é algo estático ou de manifestação individual, conceitos estes abarcados da ADC. Concorde com Kress (1989) ao afirmar que os grupos e instituições articulam sentidos e valores na linguagem, ou seja, os discursos manifestam pontos de vistas determinados. Com isso, o discurso torna-se uma forma de exercer poder sobre as pessoas e é papel da ADC revelar estas marcas implícitas ou não que estão presentes em textos diversos. A mídia é um grande exemplo de instituição que propaga valores através da linguagem como forma de exercer poder e controle.

Além da ADC, outro sustentáculo teórico da obra é a Linguística Sistêmico-Funcional e as metafunções ideacional, interpessoal e textual. Isso é evidenciado ao se apresentar o contexto de situação com estrutura composta por três elementos: campo, relações e modo. Texto está situado dentro de um contexto e desperta grandes interesses de pesquisa desde a década de 1960, com destaques aos estudos de Koch (1996) e a Linguística textual; Halliday e Hasan (1976); Fairclough (1995); Kress (1996); e Bakhtin (1992).

Ao discutir questões relativas ao texto, a autora adentra nos conceitos de coesão e coerência, importantes para contextualizar os elementos metadiscursivos a serem analisados nos meandros dos editoriais. O metadiscurso é um recurso sinalizador, ou seja, orienta o leitor sobre a presença do autor no texto, geralmente a partir de um posicionamento. Divide-se em marcadores textuais (conectores- conjunções, dêiticos, anáforas) e retóricos (marcadores de validade – visão explícita ou implícita; e atitude- positiva ou negativa). Algo que pode ser atrelado à perspectiva da polidez dos discursos.

Ainda no capítulo um, são retomadas as diversas perspectivas do gênero jornalístico (MELO, 2003; DINES e MELO, 1997; FAIRCLOUGH, 1992). De um modo geral, o gênero subdivide-se em informação e opinião, entretanto, a autora assevera que não são claros os limites e fronteiras entre estes

tópicos. A opção pelo gênero editorial deve-se à sua natureza exortativa e persuasiva, partindo-se de configurações de cada gênero já pormenorizadas anteriormente (estrutura, função e conteúdo). Neste trabalho, parte-se de um levantamento macroestrutural para o microestrutural, ou seja, analisa-se o gênero em sua estrutura e depois se destaca os elementos que contribuem para a construção do argumento no gênero jornalístico editorial, algo a ser tratado no capítulo seguinte.

O capítulo dois faz uma contextualização das análises dos editoriais de três empresas, *A Razão*, *Zero Hora* e *Folha de S. Paulo*. O capítulo divide-se em três grandes partes pela autora. Inicialmente, propõe-se uma explanação sobre o processo de produção do editorial e sua configuração dentro jornal; Em seguida discute-se a partir de uma análise macroestrutural; E por último, à luz de Longacre (1992), analisa o gênero em seu caráter exortativo.

O objetivo geral do trabalho é compreender as práticas discursivas da mídia, sobretudo, nestes três jornais impressos de diferentes abrangências (local, regional e nacional). O jornal *A Razão* publica um editorial semanal aos sábados, na seção Opinião; O jornal *Zero Hora* apresenta três editoriais de segunda a sábado, diferenciando aos domingos. Os editoriais estão dispostos no centro do período, na seção de respectivo nome: um mais extenso e dois de menor extensão, não ultrapassando 35 centímetros de comprimento; *A Folha de S. Paulo* publica diariamente três editoriais e possui uma configuração fixa de 28 linhas, divididas em duas colunas. Estão dispostos na seção Opinião.

Cada jornal possui uma meta e perspectivas de trabalho: *A Razão* produz um jornal para a comunidade local de Santa Maria (RS) potencializando a cidade e a região; *O Zero Hora* é de natureza regional enfatizando uma linha em defesa de democracia, da liberdade, igualdade, ética, entre outros aspectos. Possui um panorama do regional à economia nacional englobando aspectos positivos e negativos das ações institucionais e governamentais; *A Folha de S. Paulo* é considerada talvez o jornal de maior abrangência nacional e se propõe a realizar um jornalismo crítico, apartidário e pluralista, conforme informações extraídas pela autora do site na Internet do próprio jornal. Enfocam as ações econômicas e políticas governamentais como base para os editoriais.

Após esboçar no viés da LSF os aspectos do MODO (como é o texto do editorial), RELAÇÕES (quem faz o editorial) e CAMPO (de que trata o editorial), a autora explana sobre quais os objetivos comunicativos do gênero. Parte de definições dicionarizadas para, então, ampliar aos estudos jornalísticos já citados, como Melo (1994) e Krieger (1990). Encara a natureza exortativa como uma estratégia da instituição produtora de defender interesses seja da própria instituição ou da mídia. Serve para persuadir leitores a verem fatos do modo como se julgam adequados.

Entretanto, também abre leque a despertar a atenção das pessoas às questões cotidianas a fim de estimular uma tomada de posição.

Feito esta afirmação e à luz do modelo de Longacre (1992), analisa os editoriais dos três jornais nos níveis de constituição do discurso persuasivo ou exortativo em quatro movimentos: estabelecer autoridade e credibilidade ao produtor do texto; apresentar a situação e/ou o problema a ser discutido; apresentar comandos dissimulados em sugestões; e propor resultados desejáveis ou não. Esta análise é pormenorizada em tabelas e profundas análises de trechos dos editoriais selecionados.

Soares (2016) nesta obra faz um levantamento por meio também de quatro movimentos que constroem o discurso exortativo nas três instituições. Estes movimentos foram analisados a fim de verificar como se constituem estes discursos. O primeiro movimento apresentado é o discurso que se utiliza da autoridade e da credibilidade do autor, ou seja, do poder de quem escreve. Com isso, ecoam vozes do próprio conhecimento do produtor deste editorial embasando-se em terminologias técnicas, citações. Entretanto, não é um recurso sempre explícito a fim de direcionar o leitor a agir ou pensar em uma dada direção.

O segundo movimento que auxilia na construção exortativa dos editoriais é a apresentação de uma dada situação ou problema. Por este recurso o leitor conhecerá do que trata o texto através de informações preliminares. É considerado um ponto central deste gênero e pode ser manifestada nos títulos e nas discussões acerca da temática nos meandros dos textos; O terceiro movimento trata da utilização de comandos e sugestões, ou seja, direcionamentos que levam o leitor a aceitar (ou não) os argumentos do editorialista. Um recurso que utiliza dos verbos modais e de sugestão, ordem ou comando, bem como expressões enfáticas, por exemplo, “deve ser” ou “é preciso que”; O último movimento ressalta a sinalização dos resultados desejáveis ou não desejáveis. Isso faz com que o escrito avalie os resultados realizados pelos movimentos anteriores. É um fechamento dos argumentos até então apresentados. É importante ressaltar que todos esses levantamentos foram realizados pela autora com auxílio de exemplos extraídos dos editoriais, importantes para compreensão dos resultados apresentados.

Após a análise destes movimentos, adentra-se no discurso exortativo propriamente dito. Este discurso é construído por recursos metadiscursivos num âmbito da retórica. É um ato utilizado por um dado produtor para sustentar seus argumentos ou sua tese. Esta construção é realizada por marcadores de validade que expressam uma maior ou menor certeza do conteúdo apresentado. É examinada por níveis de assertividade. A autora cita vários trabalhos que tratam desta modalidade (AYRES, 1996; SILVA, 1992; PINHEIRO, 1998; KRIEGER, 1990; HEBERLE, 1997;

FOWLER, 1991; FAIRCLOUGH, 1992; entre outros). Em cada trabalho adotam-se terminologias distintas para os mesmos referentes. Assevera-se também a importância de destacar esta modalidade, principalmente para análise dos editoriais. Seguindo então Halliday (1994) e Koch (1993), a modalidade é dividida em deôntica e epistêmica. A primeira expressa prognóstico ou obrigação. Enquanto a segunda propaga permissão ou capacidade.

A modalidade deôntica manifesta-se por comandos, ofertas e sugestões entre o produtor e interlocutor. Remetendo-se à LSF, esta modalidade estabelece relações pela função interpessoal. É um discurso autoritário e faz com que leve o leitor a aderir a um dado argumento, aceitando-o. Podem ser representados pelos verbos modais (dever, precisar, necessitar, permitir), e também advérbios (realmente, obrigatoriamente, necessariamente). Já a modalidade epistêmica é expressa em graus intermediários variando em probabilidade e usualidade. Utiliza-se dos advérbios (certamente, provavelmente, possibilidade) ou (frequentemente, usualmente, algumas vezes), respectivamente a cada caso. O escritor não impõe explicitamente sua opinião, ocorrendo, então, certo distanciamento em relação à temática.

Outro tipo de modalidade analisada pela autora foi através dos marcadores de atitude. É um recurso que permite ao escritor fazer avaliações do conteúdo do texto, o editorial, no caso, em termos de bom/ruim ou positivo/negativo. No gênero analisado, este levantamento foi possível pela utilização de adjetivos, substantivos, expressões atitudinais (é inaceitável, é um equívoco, entre outros) e advérbios. Ambos os marcadores agregam escritores e leitores, pois vão além do que está exposto nas entrelinhas do editorial. Um terceiro tipo de marcador também é apresentado, os conectores textuais. À luz de Vande Kopple (1985), foram analisados os conectores lógicos e temporais, os sequencializadores e topicalizadores. São elementos que constroem o texto e pontuam o caminho percorrido pelo escritor, ou seja, organizam o texto. Vários exemplos são explicitados pela autora como forma de tratar e pormenorizar esta categoria.

As análises revelaram um forte uso de substantivos anafóricos como elemento de coesão textual, pois evitam a repetição de uma expressão ou um trecho já utilizado anteriormente; assim como viu-se uma problemática na utilização do pronome nós, pois neste caso, ao utilizar, abarca-se não apenas o seu nome, mas o de outros, estando explícitos ou não. Subdividindo-se em nós exclusivo e inclusivo, voltando-se a Fairclough (1992) ao tratar da personalização sintética.

Para finalizar, no capítulo três a autora brevemente remete-se à análise e a todo o trabalho tecendo considerações num nível macro e microestrutural. Observou-se que

os editoriais são construídos por argumentos que estão vinculados a uma instituição que por sua vez insere-se num dado contexto sociocultural. Por outro lado, como um gênero ele apresenta características comuns, configurando-se num dado conteúdo, estilo e função comunicativa. Viu-se que o discurso é construído a partir de inúmeros elementos que são responsáveis pelo encadeamento metonímico de diferentes partes de um texto para construir o editorial. A instituição *Zero Hora* é destacada pela autora como aquela que empregou de modo mais efetivo a modalidade deôntica e os marcadores de atitude. Enquanto que a modalidade epistêmica e os conectores textuais são utilizados de modo assertivo pela *Folha de S. Paulo*. O jornal *A Razão*, no entanto, parte dos substantivos anafóricos e da personalização sintética como instrumentos de aproximação entre o escritor e o público.

O livro é um marco na abordagem de gêneros textuais, principalmente, se observamos que a dissertação que gerou este livro é de 1999, um período que pouquíssimo falava-se e muito menos se discutia sobre gêneros. A obra fornece um panorama linguístico e discursivo sobre o gênero opinativo, no caso, o editorial, e também contribui para pesquisas que tomam por base a Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) e a Análise de Discurso Crítica (ADC), áreas pouco propagadas na região Norte, berço da autora desde 2000. Com detalhes, apresenta-se os vieses metodológicos e categorias analíticas que podem dialogar com outras pesquisas já em desenvolvimento, e útil ainda para pesquisadores que pretendem conhecer com afinco este ramo da teoria linguística contemporânea.

Sobre os autores

Eni Abadia Batista

Doutora em Linguística pela Universidade de Brasília- UnB, mestre em Educação; especialista em Ensino da Língua Portuguesa; professora assistente substituta do LIP- UnB de 2015 a julho de 2016; professora e tutora do Curso de Letras-EaD-UnB; pesquisadora do CEPADIC; membro e pesquisadora da ALED e do GP "Múltiplas Linguagens, Semiótica e Discurso na Contemporaneidade - SDiscon. (eniabatista.unb@gmail.com).

Juliana Ferreira Vassolér

Mestranda em Linguística pelo PPGL na Universidade de Brasília, em 2017, especialista em Práticas de Letramento e Práticas Interdisciplinares pela Universidade de Brasília, em 2015; especialista em Língua e Literatura pela UEG, em 2005, desenvolve pesquisas acadêmicas com discursos, representações sociais e textos e do GP "Múltiplas Linguagens, Semiótica e Discurso na Contemporaneidade - SDiscon (julianavassoler@hotmail.com).

Adelson Florêncio de Barros

Doutor em Língua Portuguesa pela PUC-SP e Membro do Grupo de pesquisa SDISCON - UEA.

Regina Célia Pagliuchi da Silveira

Professora Titular do Departamento de Língua Portuguesa da PUC-SP e do Programa de Pós-Graduação em Língua Portuguesa da PUC-SP.

Rosane Queiroz Galvão

Mestra em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL) da Universidade de Brasília (UnB); filiada ao CEPADIC e à ALED; desenvolve estudos em Análise Crítica do Discurso, Semiótica Social e Multimodalidade, com enfoque em discurso político e midiático, decolonialismo e feminismo; publicou, na revista Ação Midiática, o artigo intitulado A cultura da convergência e as práticas discursivas em publicações oficiais da Câmara dos Deputados do Brasil: um estudo multimodal diacrônico. E-mail: rosane.galvao@camara.leg.br.

Janaína de Aquino Ferraz

Professora da Licenciatura em Letras Português do Brasil como Segunda Língua do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas - LIP da UnB. Doutora em Linguística pelo PPGL da UnB. Membro da Associação Brasileira de Linguística - ABRALIN e da Associação Latinoamericana de Estudos do Discurso - ALED. Autora de artigos e de livros na área de Análise de Discurso Crítica com ênfase em multimodalidade, ensino de segunda língua, ideologia, identidade. E-mail: ferraz.jana@gmail.com.

Glaunara M. Oliveira

Mestranda do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade do Estado do Amazonas; Especialista em Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa e suas Literaturas pela UEA; membro do GP SDISCON – CNPQ.

Neiva M. M. Soares

Professora adjunta da Universidade do Estado do Amazonas-UEA, Doutora em Linguística pela UnB, líder GP SDISCON-Semiótica e Discurso na Contemporaneidade – CNPQ.

Denise Teresinha M. Soares de Souza

Mestranda do Programa Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade do Estado do Amazonas-UEA, Membro GP SDISCON- Semiótica e Discurso na Contemporaneidade.

Regina Célia Pagliuchi da Silveira

Professora Titular do Departamento de Língua Portuguesa da PUC-SP e do Programa de Pós-Graduação em Língua Portuguesa da PUC-SP.

Janaína de Aquino Ferraz

Doutora em Linguística pela Universidade de Brasília (UnB); membro da ALED; desenvolve pesquisas acadêmicas sobre multimodalidade, produção de materiais didáticos e português como língua adicional; E-mail: ferraz.jana@gmail.com

Eduardo Brasil

Mestre em Linguística pela Universidade de Brasília (UnB); membro da ALED; desenvolve pesquisas acadêmicas sobre produção de materiais didáticos, identidade e surdez; E-mail: edu.bra.bra@gmail.com

Maristela Silva

Professora do Curso de Letras – Língua Portuguesa, Universidade do Estado do Amazonas (UEA). PhD em Educação pela Universidade de Nottingham (Reino Unido), com o apoio de CAPES, FAPEAM, UEA e ICBEU-Manaus. E-mail: mbssilva@uea.edu.br